



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA –  
PPGÁ**

**SER ESTRANGEIRO:**



a construção das múltiplas identidades nas relações afetivo-  
conjugais interculturais helvético-brasileiras



**RECIFE – PERNAMBUCO  
2006**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA –  
PPGA**

**SER ESTRANGEIRO:**

a construção das múltiplas identidades nas relações afetivo-  
conjugais interculturais helvético-brasileiras

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Antropologia – PPGA/UFPE  
como parte dos requisitos para a obtenção  
do grau de Mestre sob a orientação do  
Profº Russell Parry Scott PhD

**RECIFE – PERNAMBUCO  
2006**



**Rittiner, Maria Eduarda Noura**

Ser estrangeiro : a construção das múltiplas nas relações afetivo-conjugais interculturais helvético-brasileiras / Maria Eduarda Noura Rittiner. – Recife : O Autor, 2006.

**146 folhas : il., tab., quadros, gráf., mapa.**

**Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia, 2006.**

**Inclui bibliografia e anexos.**

**1. Antropologia cultural/social – Família. 2. Famílias interculturais, Brasil-Suíça – Emancipação da mulher suíça – Turismo afetivo. 3. Fluxo migratório – Mixidade cultural – Casamento, lingüística, raça e religião. 4. Gênero – Identidade masculina - Afirmação. I. Título.**

**304.2  
304.6**

**CDU (2.ed.)  
CDD (22.ed.)**

**UFPE  
BC2006-191**

**MARIA EDUARDA NOURA C. R. RITTINER**

**SER ESTRANGEIRO:**

a construção das múltiplas identidades nas relações  
afetivo-conjugais interculturais helvético-brasileiras

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Antropologia – PPGA/UFPE  
como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre

**Banca Examinadora**



---

Orientador: Russell Parry Scott PhD (PPGA/UFPE)



---

Titular interno: Roberta Campos PhD (PPGA/UFPE)



---

Titular externo: Bila Sorj PhD (PPGSA/UFRJ)

Recife, 31 de Março de 2006



*Por reconhecer nossa aflitiva estranheza, não sofreremos dela nem a desfrutaremos do lado de fora. O estranho está em mim, portanto, somos todos estrangeiros. Se sou estrangeiro, não existem estrangeiros.*

*Julia Kristeva*





*Jean Claude  
Incentivador de meus estudos*

*Cocas  
De onde vim*

*Filipa  
Para onde fui*

## AGRADECIMENTOS

---

São várias as pessoas que merecem meus sinceros agradecimentos, porém, como o espaço é insuficiente para todas elas, agradeço àquelas que mantiveram um contato mais próximo comigo no decorrer deste trabalho.

Agradeço aos professores (as) Amparo Caridade, Cristina Brito Dias e Aderval Farias de Lima por me indicarem o caminho a seguir;

Ao meu querido super paciente orientador, Russell Parry Scott, que leu, releu e corrigiu todos os meus rascunhos sempre me incentivando a ir mais longe;

À Ademilda por ter sempre um cafezinho pronto e uma palavra amiga;

À Regina, secretária do Departamento de Antropologia, uma figura única;

A Adjair por me manter na linha;

À Luciana por nossas conversas e saídas para espairecer e poder voltar renovada e com toda a energia para o trabalho;

Ao CNPq pela concessão de uma bolsa durante os últimos doze meses do Mestrado;

Ao Cônsul Suíço do Recife, Rodolfo Fehr Júnior, por possibilitar o acesso aos informantes e;

Aos meus informantes, sem eles não teria sido possível realizar este trabalho.

## RESUMO

---

Alguns teóricos que estudam a modernidade assinalam que este é um momento histórico de profundas mudanças que afetam não só o espaço público, mas também o privado, ou seja, a família e o casamento. Uma dessas mudanças são os aumentos vertiginosos dos casamentos interculturais. Este trabalho enfoca os casamentos entre homens suíços e mulheres brasileiras que sofreram um aumento de 182% entre os anos de 1995 a 2003.

Foram utilizados dados do Governo suíço sobre os casamentos entre suíços e estrangeiros, entrevistas com homens suíços e mulheres brasileiras sobre a vivência de seu casamento intercultural. Busco analisar essas mudanças e o modo como afetam a família, o casamento, e, mais precisamente, o homem suíço; aprofundar alguns desdobramentos da vida do homem suíço partindo da relação homem-mulher; analisar as relações afetivo-conjugais interculturais entre homens suíços, residindo ou não no Brasil, e mulheres brasileiras; compreender o que fundamenta sua escolha por uma relação estável com alguém de uma cultura diferente; e captar a percepção que os sujeitos envolvidos possuem no curso da dinâmica da estruturação desses mesmos relacionamentos.

Este estudo exploratório desvenda um lado dos efeitos do Turismo Afetivo que, diferente do Turismo Sexual, se embasa na reinvenção dos laços matrimoniais por homens suíços que perseguem a descoberta de uma relação de convivência conjugal afetiva com mulheres brasileiras, pois acreditam não ser mais possível com as suas compatriotas. São casamentos entre indivíduos oriundos de camadas médias e nascidos num contexto internacional de relações sociais interculturais que realçam diferenças entre países no que Edward T. Hall chama de alto e de baixo contexto. Abre o campo para aprofundar via estudos complementares que podem incluir desde a busca masculina de uma totalidade “harmoniosa e concreta” até a identificação da práticas reforçadoras da dominação masculina.

**PALAVRAS- CHAVE:** Família - Interculturalidade - Identidade – Migração

## ABSTRACT

---

Some modernity theorists point out that we are at an historical moment of profound changes which affect both public and private spheres, reaching marriage and the family. One of these changes includes the vertiginous yearly increases in intercultural marriages. This study focuses on marriages between Swiss men and Brazilian women, which have undergone an increase of 182% between 1995 and 2003.

This study uses official Swiss governmental statistics on foreigners and civil status and interviews with men and women from the two countries concerning their conjugal life. Analyses are made on how these changes affect the family, marriages, and, more specifically Swiss men. Additional implications of these patterns of relationships between men and women are detailed; with special attention to the role of affection in intercultural marriages for couples independent of their country of residence. The bases for the choice of a stable relationship with someone from another culture are sought. The perceptions of these actors as subjects involved in the dynamics these relationships are also examined.

This exploratory study unveils a side of the effects of affective tourism, which, different than sexual tourism, is based on the reinvention of marriage ties by Swiss men in pursuit of the discovery of an affectionate conjugal life with Brazilian women, something which they believe to be impossible with Swiss women. They are middle class marriages in what Hall calls low and high context nations in which men search for a “harmonic and concrete” whole which also reinforces male domination. This study points out possibilities for others complementary studies.

**WORDS KEY:** Family - Intercultural - Identity – Migration

## LISTA DE GRÁFICOS

---

|   | <b>Página</b> |
|---|---------------|
| 1 – Tipos de família na Suíça (1980-2000) .....             | 33            |
| 2 – Casais com filhos na Suíça (1980-2000) .....            | 34            |
| 3 – Lares monoparentais na Suíça (1980-2000) .....          | 35            |
| 4 – Casamentos com suíços por continente de 1995-2003 ..... | 43            |
| 5 – Suíços casados com estrangeiros por continente .....    | 57            |
| 6 – Brasileiros casados com suíços de 1995 a 2003.....      | 66            |



## LISTA DE TABELAS, QUADROS E MAPAS

---

### Tabelas

|   | <b>Página</b> |
|---|---------------|
| 1 – Perfil sócio-demográfico dos entrevistados.....     | 19            |
| 2 – Lares segundo o tipo de família de 1980 - 2000..... | 33            |
| 3 – Estrangeiros casados com suíços de 1995 - 2003..... | 56            |
| 4 – Casamentos de suíços com estrangeiros em 1995.....  | 60            |
| 5 – Casamentos de suíços com estrangeiros em 1996.....  | 60            |
| 6 – Casamentos de suíços com estrangeiros em 1997.....  | 61            |
| 7 – Casamentos de suíços com estrangeiros em 1998.....  | 61            |
| 8 – Casamentos de suíços com estrangeiros em 1999.....  | 62            |
| 9 – Casamentos de suíços com estrangeiros em 2000.....  | 62            |

10 – Casamentos de suíços com estrangeiros em 2001..... 63

11 – Casamentos de suíços com estrangeiros em 2002..... 63

12 – Casamentos de suíços com estrangeiros em 2003..... 64



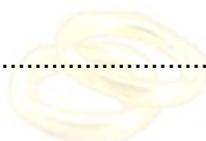
### Quadros

1 – Baixo e Alto Contexto..... 41

### Página

### Mapas

1 - Mapa da Suíça..... 65



## SUMÁRIO

---

|   | <b>Página</b> |
|---|---------------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                      | <b>14</b>     |
| <br>  |               |
| <b>1 - A FAMÍLIA E O CASAMENTO.....</b>                     | <b>22</b>     |
| As mudanças no seio familiar.....                           | 25            |
| A família e o casamento na Suíça.....                       | 30            |
| A família e o casamento no Brasil.....                      | 37            |
| <br>  |               |
| <b>2 - A EXPERIÊNCIA DOS CASAMENTOS INTERCULTURAIS.....</b> | <b>46</b>     |
| Vivendo a interculturalidade.....                           | 48            |
| O fluxo migratório gerando laços interculturais.....        | 51            |
| <br>  |               |
| <b>3 - TRABALHANDO O CASAMENTO INTERCULTURAL.....</b>       | <b>68</b>     |
| O encontro intercultural.....                               | 73            |
| Expectativas acerca do casamento intercultural.....         | 75            |
| De geração em geração.....                                  | 76            |
| Apegos e desapegos ao casamento.....                        | 85            |
| Entendimentos e desentendimentos.....                       | 91            |
| <br>  |               |
| <b>4 - A AFIRMAÇÃO DE SER HOMEM.....</b>                    | <b>103</b>    |
| O que é ser homem.....                                      | 104           |
| “Quem eles são?   |               |
| Quem eles pensam que são?“.....                             | 111           |
| Relatos e contrastes Suíça/Brasil.....                      | 120           |
| O homem em transformação.....                               | 125           |

Reconciliando os “eus” e os “outros”..... 129

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**..... 133

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**..... 140

**ANEXOS**..... 147

Roteiro de entrevistas.....



## INTRODUÇÃO

---

O presente estudo, a saber, “*Ser Estrangeiro*”, teve como objetivo aprofundar alguns desdobramentos da vida do homem na Suíça partindo da relação homem-mulher na família e do casamento na Suíça assim como analisar as relações afetivo-conjugais interculturais entre homens suíços e mulheres brasileiras. Para isso, levantei alguns recortes dos relacionamentos conjugais entre homens suíços e mulheres brasileiras. Como não se pode fazer nenhuma consideração sobre as mudanças na vida do homem sem se remeter à mulher em sua condição sócio-histórica no interior de nossa cultura ocidental, também registrei alguns aspectos relacionados às mulheres.

O interesse por essa pesquisa se deve, também, às observações feitas através do meu contato direto com estrangeiros europeus, principalmente suíços, onde pude perceber um grande descontentamento nos relacionamentos que tinham com as mulheres de seus países de origem. Muitos deles procuravam, para se casar, mulheres das Antilhas, Martinica, Guadalupe, Ilhas Maurícias e, principalmente, do Brasil.

No trabalho agora apresentado em seus resultados foram analisados (a) a formação de famílias interculturais de classe média urbana formada por homens suíços e mulheres brasileiras, segundo a perspectiva dos mesmos; (b) a motivação do homem suíço em buscar relações afetivo-conjugais interculturais; (c) o fundamento de sua escolha por uma relação estável com alguém de outra cultura (brasileira); (d) se esses relacionamentos interculturais estão correspondendo às expectativas dos perquiridos; (e) até que ponto a emancipação da mulher suíça contribui para o aumento de casamentos interculturais entre os homens suíços e as mulheres estrangeiras; (f) as transformações ocorridas nas relações de gênero a partir dos discursos dos entrevistados; (g) a percepção que os sujeitos (os homens suíços e suas esposas brasileiras) envolvidos possuem no curso da dinâmica da estruturação desses mesmos relacionamentos. Abordar-se-ão, também, as

mudanças ocorridas ao longo das últimas gerações quanto à família, casamento, gênero, migração, identidade, masculinidade.

A relevância deste trabalho se encontra igualmente em outro âmbito de registro. Ao fazer um levantamento bibliográfico constatei, curiosamente, que essa situação parece inexplorada. Do ponto de vista de uma leitura sistemática dos aspectos que caracterizam tais ocorrências identifiquei condições de acesso que me possibilitariam estudar esta questão, visto que, no meu universo de relacionamentos, encontram-se estabilizados vários relacionamentos interculturais.

Sendo a família o alicerce de toda a sociedade é, portanto, na sua formação e no seu seio que se encontram o equilíbrio e se inaugura um circuito de dádivas. No casamento a sociedade se re-movimenta tendo ressignificações. Entretanto, nessas ressignificações da família (casamento), no dito primeiro mundo - e, mais precisamente, na Suíça -, suas estruturas mostram-se abaladas, o que provoca, em certos homens, a necessidade de buscar em outras culturas, como Brasil, uma nova totalidade “harmoniosa e concreta” que não mais encontram em seus países de origem. Essa busca, no entanto, é por um “outro” que já lhes foi próximo e que lhes parece perdido. Um casamento tradicional. Um casamento onde haja a estabilidade encontrada nos casamentos de seus pais e avós.

Anteriormente, pude estudar o fenômeno do “Turismo Sexual” e aprofundar-me sobre o fluxo de pessoas que se deslocavam de seus locais de origem para esse tipo de turismo. Mas, o que mais despertou minha atenção era a quantidade de estrangeiros que, ao viajar, não tinham como objetivo o Turismo Sexual, nem somente o convencional Turismo de Lazer, mas sim, o que denominei de “*Turismo Afetivo*”. Ou seja, buscar em outra cultura um relacionamento afetivo conjugal. Pude constatar que os motivos desses últimos, mesmo que não conscientes a princípio, era o de constituir família, de encontrar alguém que correspondesse ao “ideal” de casamento vivido pelos seus pais e avós. O casamento liberal, de igual-para-igual, não os estava satisfazendo. Mesmo não sendo um segmento de Turismo, o “*Turismo Afetivo*” é uma ação frequente, mesmo que inconsciente, nos turistas que buscam um relacionamento estável em seu período de férias. Além disso, como foi salientado no trabalho, um tipo de turismo pode levar a outro. A maioria dos suíços entrevistados neste estudo conheceu suas esposas em viagens de turismo.

Daí, o meu interesse em aprofundar o porquê da escolha desses homens por mulheres de cultura diferente das suas. Na condição de mulher senti interesse em pesquisar porque os homens (pelo menos alguns) não estão mais conseguindo manter uma relação a dois, saudável e satisfatória, com as mulheres de sua cultura de origem e se esses novos relacionamentos amorosos estão correspondendo às expectativas que tinham a respeito.

Normalmente, o trabalho do antropólogo demanda que este tome conhecimento inicial do seu objeto de estudo através da literatura, de leituras acerca da cultura e das variantes que deseja pesquisar por ter, com esses, uma certa distância tanto cultural como geográfica. No entanto, o meu olhar nesta pesquisa já estava, de certa maneira, familiarizado com as experiências dos entrevistados, pois também faço parte do elemento aqui descrito e pesquisado. Esta proximidade, a princípio, me possibilitaria chegar até aos possíveis informantes por possuir família e amigos que estão em situação propícia para este estudo, ou seja, que são suíços casados com brasileiras, além do fato de eu mesma ter um casamento intercultural com um suíço, me senti estimulada a pesquisar sobre o que já era, há muito, falado em reuniões de amigos. O fato de ser “uma deles” me possibilitou saltar algumas etapas de estranheza. Mas nem tudo foi facilitado.

As entrevistas que já estavam marcadas, uma a uma foram canceladas. Alguns dos informantes cancelaram suas viagens ao Brasil, um outro viajou inesperadamente para fora do país. Ao me encontrar sem as entrevistas que já estavam garantidas marquei uma entrevista com o Cônsul Suíço em Recife. Depois de me apresentar e explicar o trabalho pedi ajuda para ter acesso aos suíços no Brasil que estavam casados com brasileiras. Assegurado quanto ao cuidado com as informações que me passaria deu-me acesso à lista dos suíços no Nordeste, por ordem alfabética, da letra “A” à letra “G”.

Bom, tem sido bem complicado fazer esse trabalho de campo embora o consulado, o Cônsul me tenha dado a lista dos suíços que estão residindo aqui no Norte-Nordeste da letra A até a letra G. Os endereços não estão atualizados. Eu tenho a lista com o nome e os endereços, mas não tenho os telefones. Tenho tentado conseguir pela lista telefônica tanto pela TELEMAR quanto pela lista da Internet, lista on-line e poucos números constam.

Alguns dos suíços já foram embora de volta para a Suíça, outros mudaram de casa não estão no mesmo local, a maior parte não consegui acesso. (Diário de Campo – 09/04/05)

Ao perceber que o tempo estava passando e eu não conseguia marcar uma entrevista

Enviei 39 cartas para os sujeitos que eu não consegui o número do telefone. Pode ser que o número tenha mudado, pode ser que eles nunca tenham instalado, então tentei através de cartas para ver se dessas 39 pessoas eu consigo alguma entrevista. (Diário de Campo – 09/04/05)

Após um bom tempo sem respostas das 39 cartas enviadas precisei pensar em uma nova solução para não ficar sem nenhum informante. Voltei ao Consulado para verificar a possibilidade de ter acesso a mais nomes, visto que a lista estava desatualizada. O Cônsul ofereceu-me a lista da letra “G” até a letra “M” mas, mesmo assim, não obtive bons resultados. Enviei mais 22 cartas para os endereços da lista, totalizando 61 cartas e esperando que alguém entrasse em contato comigo. Estava com duas entrevistas e sem perspectivas de conseguir mais. Por isso, comecei a verificar na lista os nomes das possíveis esposas.

Como estava tendo dificuldade em encontrar suíços, peguei na lista e comecei verificando as mulheres que têm o primeiro nome português mas que o nome de família seja estrangeiro, ou seja, suíço. Comecei ligando para elas pedindo informações e explicando o projeto para tentar através delas chegar aos maridos. Acontece que essas mulheres estão divorciadas. As com quem eu falei estão de volta ao Brasil por estarem divorciadas ou viúvas. (Diário de Campo – 09/04/05)

Isto me fez pensar que, ao querer afastar do meu trabalho qualquer semelhança com o Turismo Sexual, estava também afastando o meu melhor acesso aos informantes, ou seja, o bairro de Boa Viagem. Por se tratar de um trabalho entre estrangeiros e brasileiras, a primeira impressão e o primeiro comentário que eu ouvia era que o homem estrangeiro buscava no Brasil sexo fácil, mulheres submissas. Nesses termos, certamente, estava consciente, desde o princípio, das dificuldades que poderia vir a ter com a decisão de excluir possíveis informantes do bairro de Boa Viagem e ficar com informantes do meu núcleo de amigos, amigos dos amigos e conhecidos. Apesar disso, não pensei que chegaria a meados do mês de Abril só com duas entrevistas. Após ter tentado entrevistas de maneira mais formal comecei a pensar em fazer as entrevistas de maneira menos usual. Optei por uma nova forma de chegar aos informantes. Entrei no Orkut.

Fui convidada para entrar no Orkut. Procurei as comunidades de suíços e brasileiros vivendo na Suíça e de casados com estrangeiros. Em dois dias recebi mais de dez mensagens de apoio de brasileiras vivendo na Suíça e no Brasil que já foram casadas, estão casadas ou vivendo junto com suíços oferecendo-se para ajudar. (Diário de Campo – 09/04/05)

Ao explicar a natureza do trabalho, as brasileiras com quem eu falei mostravam, claramente, descontentamento por ser um trabalho direcionado só aos maridos. Também queriam participar. Após várias tentativas e sem ter obtido bons resultados e com o acesso vetado aos maridos, mudei a estrutura do trabalho. Decidi incluir as esposas na pesquisa. Se era através delas que eu estava ou poderia vir a ter acesso aos informantes não poderia, então, melindrá-las dizendo que a entrevista seria somente com os seus maridos. E, por outro lado, fazer as entrevistas com elas e não usar o material também parecia descabido.

Desta forma, elaborei, então, como instrumento de pesquisa um roteiro de entrevistas semi-estruturado focalizado nas representações que os informantes possuem acerca da família, do casamento, do que é ser homem e nos desdobramentos destas em suas vidas. Elaborei um outro direcionado para as

esposas abordando os mesmos assuntos em relação ao homem. No entanto, devo salientar que como tinha a desvantagem de não estar a fazer as entrevistas pessoalmente e sim pela internet, e nem a possibilidade de voltar tão facilmente aos sujeitos, os roteiros tinham questões específicas acerca do assuntos que gostaria que fossem abordados. Foram usados como instrumentos nas doze entrevistas pela Internet o gravador, o Orkut, o MSN, o Skype e vídeo câmera.

Na tabela abaixo poderemos verificar o perfil sócio-demográfico dos sujeitos por estado civil, duração do relacionamento afetivo-conjugal, idade, escolaridade, profissão, nacionalidade e local de residência.

**TABELA 1 – Perfil sócio-demográfico dos entrevistados**

| CASAIS        | ESTADO CIVIL | TEMPO DE CASADOS | GRAU DE ESCOLARIDADE | PROFISSÃO                       | PAÍS DE ORIGEM | IDADE | MORADIA                    |
|---------------|--------------|------------------|----------------------|---------------------------------|----------------|-------|----------------------------|
| Simone        | Casados      | 1 ano e 6 meses  | Super. Incompleto    | Artes Dramáticas                | Brasil         | 31    | Zurique/CH                 |
| Cláudio       |              |                  | Superior Completo    | Publicitário                    | Suíça          | 39    |                            |
| Clarissa      | Casados      | 3 anos e 9 meses | Superior Completo    | Farmacêut.-Bioquímica           | Brasil         | 28    | Zurique/CH                 |
| Urs           |              |                  | Superior Completo    | Engenheiro Mecânico             | Suíça          | 30    |                            |
| Larissa       | Rel. Estável | 1 ano            | Superior Completo    | Jornalista                      | Brasil         | 31    | Jura /CH                   |
| Vicent        |              |                  | Superior Completo    | Professor                       | Suíça          | 35    |                            |
| Patrícia      | Casados      | 3 anos           | Superior Completo    | Publicitária                    | Brasil         | 29    | Zurique/CH                 |
| Markus        |              |                  | Superior Completo    | Geógrafo                        | Suíça          | 36    |                            |
| Sheyla        | Casados      | 1 ano            | Superior Completo    | Analista de Sistemas            | Brasil         | 26    | Lausanne /CH               |
| Didier        |              |                  | Superior Completo    | Físico                          | Suíça          | 37    |                            |
| Thaís         | Casados      | 2 anos e 4 meses | Pós Graduação        | Diretora Vídeo Cinema           | Brasil         | 32    | Zurique/CH                 |
| Mike          |              |                  | Superior Completo    | Professor                       | Suíça          | 42    |                            |
| <b>HOMENS</b> |              |                  |                      |                                 |                |       |                            |
| Charles       | Viúvo        | 15 anos          | Curso Técnico        | Técnico de Tubulação Hidráulica | Suíça          | 40    | Ponta de Pedra/PE          |
| Gilbert       | Casado       | 33 anos          | Superior Completo    | Diretor das Nações Unidas       | Suíça          | 62    | Jaboatão dos Guararapes/PE |
| Willi         | Rel. Estável | 11 anos          | Curso Técnico        | Mecânico Industrial             | Suíça          | 46    | Jaboatão dos Guararapes/PE |

Dentre os entrevistados, somente Charles, Gilbert e Willi vivem no Brasil e foram entrevistados pessoalmente tanto na minha casa como nas suas próprias. Os demais (seis casais) foram entrevistados pelo Skype e pelo MSN.

Os sujeitos entrevistados são homens suíços e mulheres brasileiras vivendo na Suíça ou no Brasil. Entre os entrevistados estão seis casais e três homens. Dois dos sujeitos entrevistados, Vicent e Willi vivem um relacionamento estável (união consensual), um é viúvo e seis são casados oficialmente. Os seis casais com quem fiz as entrevistas pela Internet moram, atualmente, na Suíça. Os três homens suíços com quem fiz as entrevistas pessoalmente residem em Recife. As esposas perquiridas têm idade mínima de 26 anos e máxima de 32 anos, são de várias etnias e possuem todas cursos universitários. Os homens têm entre 30 e 62 anos, com um ano de união no mínimo e 33 no máximo. Os homens assim como as mulheres possuem formação profissional tanto por cursos técnicos como universitários.

A família em sua importância como estrutura fundamental de nossa sociedade tem sido objeto de estudo frequente na Antropologia. O fato da fórmula de família – pai, mãe e filhos –, não ser mais a única maneira de se constituir uma família tem contribuído para o aumento desses estudos. As múltiplas formas de se ser família, na atualidade, nos levam a perguntar o que está provocando tantas mudanças. No capítulo **A Família e o Casamento (cap. 1)**, faço um pequeno percurso nas mudanças que se estabeleceram na família ocidental e seus provocadores, principalmente, na Suíça e no Brasil, apoiada em alguns estudiosos da família, a saber, LÉVI-STRAUSS, Claude; VAITSMAN, Jeni; SCOTT, Russel P.; RIBEIRO, Eunice; FREYRE, Gilberto e; no RAPPORT SUR LES FAMILLES 2004.

Nessas múltiplas formas de formação da família encontra-se as famílias interculturais, ou seja, as famílias formadas entre culturas diferentes. Em **A Experiência dos Casamentos Interculturais**, trabalho os conceitos de interculturalidade e mixidade no casamento, abordo as famílias interculturais e o constante aumento dos casamentos interculturais entre suíços e estrangeiros e, mais especificamente, entre os homens suíços e as mulheres brasileiras além da acentuada preferência dos suíços em contraírem casamentos interculturais com os países de Alto Contexto aos dos de Baixo Contexto (HALL, Edward T.).

No capítulo **Trabalhando o Casamento Intercultural** discuto a interculturalidade no casamento segundo a perspectiva dos entrevistados, suas expectativas, as mudanças em suas vidas a partir do casamento bem como, as transformações e as conquistas das mulheres nas últimas décadas, tanto na vida

privada como na pública e como estas mesmas mudanças influenciam as mudanças na família e no casamento na Suíça.

Tendo-me debruçado sobre as mudanças ocorridas na sociedade, família, no casamento e mesmo na mulher, no quarto capítulo, ***A Afirmação de ser Homem***, observo como essas mudanças afetaram a vida do homem e como este está encarando essas mesmas mudanças a partir da perspectiva dos próprios sujeitos entrevistados.

É neste âmbito que se encontra o interesse deste estudo sobre a família. Procurar compreender até que ponto a emancipação da mulher suíça contribui para o aumento de casamentos interculturais entre os homens suíços e as mulheres estrangeiras. O fundamento da escolha do homem suíço por uma relação afetivo-conjugal intercultural (Suíça/Brasil), assim como, captar a percepção que os sujeitos envolvidos possuem no curso da dinâmica da estruturação desses mesmos relacionamentos.

Assim, como todas as relações são baseadas na descoberta do “outro” e, subseqüentemente, na discussão sobre suas diferenças, numa sociedade marcada pela heterogeneidade, a família se mostra um bom ponto de partida para o estudo das mudanças que estão assolando a sociedade atual.



## CAPÍTULO 1

### A FAMÍLIA E O CASAMENTO

---



*A palavra família é polissêmica, e a força dessa simbologia múltipla da família permite a manipulação da idéia e dos seus componentes para sustentar muitos pontos de vista. Posicionar-se diante da “família” se torna um exercício de construção da identidade dentro da sociedade, seja um exercício dos estudiosos da família ou dos próprios componentes das famílias.*

*Russell Parry Scott*

Estudos antropológicos e sociológicos sobre a família, no Ocidente, nos mostram que esta vem sofrendo fortes modificações ao longo dos anos e que, portanto, não tem uma definição única. Este capítulo aborda um pequeno histórico sobre a família e o casamento, suas mudanças, assim como uma discussão sobre como essas mesmas mudanças, nas últimas décadas, afetam os membros envolvidos, tanto na Suíça como no Brasil. Aponta, também, para as características encontradas ou mesmo procuradas pelos homens suíços nas mulheres brasileiras.

Afinal, o que é a família e o casamento? Claude Lévi-Strauss relata o casamento como “(...) o tipo de família característico da civilização moderna, ou seja, baseado no matrimônio monogâmico, no estabelecimento independente do casal recém-casado, na relação afetiva entre pais e filhos etc”. Com isso, não querendo dizer que outro tipo de família não existe. Mas vamos-nos ater por ora à “(...) idéia de que a família constituída por uma união mais ou menos duradoura e socialmente aprovada de um homem, um mulher e filhos (as) de ambos, é um fenômeno universal que se encontra presente em todos e em cada um dos tipos de sociedade.”<sup>1</sup> Este foi um dos pontos máximos da Antropologia de Lévi-Strauss.;

---

<sup>1</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. 1980: p.8, 9

trazer a discussão sobre a família, decididamente, para o campo da cultura. Em “As Estruturas Elementares do Parentesco”, por exemplo, ele faz uma importante afirmação sobre a origem e a natureza da sociedade humana e sobre a passagem do homem de seu estado natural para o cultural.

(...) o que diferencia verdadeiramente o mundo humano do mundo animal é que na humanidade uma família não poderia existir sem existir a sociedade, isto é, uma pluralidade de famílias dispostas a reconhecer que existem outros laços para além dos consanguíneos e que o processo natural de descendência só pode levar-se a cabo através do processo social de afinidade.<sup>2</sup>

Lévi-Strauss aponta, também, para como devemos encarar o conceito de família:

Pertinente é construir um modelo ideal daquilo que pensamos quando utilizamos a palavra família. Ver-se-ia, então que tal palavra serve para designar um grupo social que possui pelo menos, as três características seguintes:

Tem a sua origem no casamento; É formado pelo marido pela esposa e pelos filhos (as) nascidos do casamento, ainda que seja concebível que outros parentes encontrem o seu lugar junto ao grupo nuclear; Os membros da família estão unidos por: Laços legais, Direitos e obrigações econômicos, religiosos e de outro tipo e; Uma rede precisa de direitos e proibições sexuais, além duma quantidade varável e diversificada de sentimentos psicológicos tais como amor, afeto, respeito, temor, etc.<sup>3</sup>

Mas o fato de a família e dos casamentos, na atualidade, não serem mais formados somente com o modelo pai, mãe e filhos já não é novidade. O pai provedor, a mãe dona-de-casa e o casamento até que a morte nos separe não é a

<sup>2</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. 1980: p.33,34

<sup>3</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude.1980: p.16

única formação de família aceita e podemos observar, em nossos dias, vários outros arranjos na formação das famílias atuais na qual a heterogeneidade se estabeleceu. Jeni Vaitsman diz que (...) *no casamento e na família, a heterogeneidade, a pluralidade, a flexibilidade, a instabilidade e a incerteza tornaram-se regra.*<sup>4</sup>

No entanto, podemos dizer que a família é o primeiro grupo social a que pertencemos. *“É uma instituição fundamental, e mesmo fundante, tem sido trabalhada pelo pensamento ocidental desde a Antiguidade. E (...) “embora as instituições variem de cultura para outra, existem instituições universais. A família é uma delas (...)”.*<sup>5</sup>

Contudo, as ressignificações na organização sócio-econômica e cultural abrangem boa parte do mundo contemporâneo e possibilitam explicar por que tantas pessoas passaram a abandonar, tão mais facilmente, não apenas dos bens materiais, mas também de valores, modos de vida, relações afetivas estáveis, assim como *modos herdados de fazer e ser*. As possibilidades de escolha são tão grandes que tudo se torna efêmero. Segundo Russel P. Scott:

Esta ênfase em pluralidade se sobrepõe (sem substituir por inteiro) ao enfoque na relação entre economia, força de trabalho e família que predominava durante as décadas precedentes. Espaços novos e antigos abrem e alargam-se em torno da discussão de papéis individuais, psicológicas e ideológicas na família, e questões sobre políticas públicas, reprodução, gênero e sexualidade se tornam temas importantes forjadas agora num linguajar de direitos internacionais e cooperação para a criação de uma diversidade legítima sob a vigilância da ordem global. Procuram-se direitos, definidos e esforçados através de movimentos capazes de colocar holofotes sobre as demandas dos seus participantes, e a família, por causa da sua própria diversidade, se torna uma arena para a negociação e realização destes direitos, muito mais de que um sujeito de movimentos ou de investigação próprios.<sup>6</sup>

<sup>4</sup> VAITSMAN, Jeni 1994: p. 18

<sup>5</sup> WOORTMANN, Klaas. p. 1

<sup>6</sup> SCOTT, Russell P. 2004: p.25

Podemos dizer que um dos provocadores de mudança na família e no casamento, nas últimas gerações, foi e continua sendo a emancipação da mulher. O fato da mulher se ter liberado da esfera privada como única opção de vida, e, com isso, a conseqüente necessidade da mulher de ser mais participativa na vida pública, a busca pelos seus direitos como cidadã e ser humano, claramente, contribui para que a família se torne uma “*arena para a negociação e realização destes direitos*” provocando em alguns homens uma sensação de perda referencial.

### **As mudanças no seio familiar**

Podemos dizer que as várias ressignificações na família - as diferentes maneiras de se sentir, pensar, constituir a família na atualidade - ocorridas nas últimas décadas encontraram abrigo entre homens e mulheres, principalmente, das áreas urbanas, portadores de valores individualistas e igualitários, e, que, geralmente, possuem uma educação escolar mais elevada e fazem parte de segmentos sociais com uma determinada identidade sócio-cultural.

No entanto, nem sempre foi assim: durante séculos, os papéis do homem e da mulher estiveram bem definidos na ordem das estruturas sociais, sem que refutação sistemática tivesse lugar de acento em termos de contestação da hierarquia de poder e valor, claramente centrado na figura do macho.

Nesse sentido, o homem, na sociedade ocidental, era visto como “o cabeça da casa” – senhor natural das relações decisórias sobre os destinos da prole e da propriedade -, bem como o provedor do alimento, responsável pela estabilidade e segurança familiar. Assim, ele podia afirmar: “*em casa tenho tudo e sou reconhecido nos meus mais íntimos desejos e vontades. (...) Sou membro perpétuo de uma corporação (...) que não morre*”<sup>7</sup> Eunice Ribeiro Durhan reafirma ao dizer que: “(...)

---

<sup>7</sup> DAMATTA, Roberto: 2001: p.28

*o casamento consiste num sistema que atribui a homens determinadas responsabilidades específicas sobre a prole de cada mulher.”<sup>8</sup>*

Assim, descrevem-se “aqueles tempos” em que existiria um patriarca, o chefe da família em todos os sentidos, exercendo autoridade moral e econômica sobre a mulher, os filhos e empregados. Havia uma divisão de tarefas rigidamente estabelecidas entre os múltiplos membros da família (...) eram bem delimitados os direitos e deveres de cada membro da família para com todos os outros.<sup>9</sup>

A mulher, por outro lado, era responsável pelas futuras gerações, por sua educação e pela administração da casa. Esse estado de coisas arrastou consigo um processo de embotamento da condição da mulher e do lugar de importância do feminino na estruturação da vida social. Contudo, ao longo desse processo, não foi apenas a “servidão feminina” a realidade dominante.

Pode-se dizer que, pontuada e insistentemente, as mulheres dos séculos passados foram se rebelando, com grande coragem, contra a dominação falocrática, falsamente comprometida com a verdadeira igualdade. Embora sendo minoria, lutando pela igualdade de direitos, semearam a necessidade de revolta contra a situação de limitação à sua condição humana explorada. Saíram, pois, da esfera privada para a pública, mostrando que uma das maneiras de mudança estaria em mostrar que, *“a transformação da posição social da mulher implica necessariamente numa reformulação da divisão sexual do trabalho que afeta a regulamentação cultural da reprodução e a organização da família”*.<sup>10</sup>

Essa mudança desenha-se na história do século passado e, principalmente, a partir da segunda grande Guerra Mundial, houve uma escassez de mão-de-obra. Com os homens indo para a guerra, as mulheres foram usadas como mão-de-obra substituta. Desta forma, a mulher tomou consciência de seu valor não só como “dona-de-casa” mas, também, como cidadã, parte importante na construção da

<sup>8</sup> DURHAN, Eunice Ribeiro: 1983, p.18

<sup>9</sup> PRADO, Danda. p. 74

<sup>10</sup> PRADO, Danda. p. 35

sociedade. O embrião dessa consciência feminina foi aumentando e ganhando raízes nas práticas sociais que visavam, aberta ou veladamente, a garantia de direitos que passaram a se incorporar no campo de lutas políticas dessas mulheres.

Com o aprofundamento da modernização, da industrialização e da urbanização, as mulheres redefiniram sua posição na sociedade e com isto abalou-se a dicotomia entre público e privado atribuída segundo o gênero. Assistiu-se a um movimento não de modernização da família, mas sim de crise e transformação da típica família moderna os conflitos entre os valores igualitários e as práticas hierárquicas presentes na estrutura conjugal moderna afloraram e ela entrou em crise, transformou-se.<sup>11</sup>

Evidentemente, o fato de a mulher se ter liberado no exercício de sua sexualidade teve um peso considerável na mudança desse cenário. O poder de decisão quanto a ter seus filhos ou não, sem o conhecimento e a aceitação do homem é outro motivo para as mudanças ocorridas no universo das constelações familiares. Outro fator de mudança é que o *“celibato está constantemente em alta e há quase um divórcio para dois casamentos (...). Amor até que a morte nos separe não faz mais sentido”*.<sup>12</sup>

Porém, a complexidade não se reduz somente a uma questão de crise nas relações de gênero como, aparentemente, se supõe. *“Não se pode esquecer que a família é um ponto de interseção onde se cruzam características diferentes. É o ponto de estabelecimento de alianças entre grupos (...). É um local de afirmação da reciprocidade e da hierarquia, simultaneamente”*.<sup>13</sup>

Portanto, a questão perpassa um horizonte de crise mais profunda e isso provoca uma insegurança básica característica de uma época de transição. Posicionar-se diante da “família” se torna um exercício de construção da identidade dentro da sociedade. E, numa sociedade em mudança, onde se observam quedas de barreiras e fronteiras de nações e continentes e, até mesmo, de culturas, as

<sup>11</sup> VAITSMAN, Jeni. 1994: p. 17

<sup>12</sup> DORAIS, Michel:1994, p.50

<sup>13</sup> SCOTT, Russell P. : 2001, p. 96

peças perdem o antigo senso de orientação tradicional – o antigo sistema de crenças perde seu poder de persuasão e referencialização - fazendo, com isso, ruir o aparato de significação que calçava as instituições anteriormente e os regimes relacionais que até então se costurava entre elas. Contudo, podemos dizer que,

(...) estas mudanças não significaram a transição de um tipo tradicional de família ou casamento para outro moderno, mas, ao invés disso, sinalizam justamente o esgotamento do tipo moderno de casamento e família. Esse esgotamento vincula-se à ruptura da dicotomia entre papéis públicos e privados atribuídos segundo o gênero, a qual produziu transformações marcantes no modo como homens e mulheres passaram a construir suas identidades e a administrar suas relações de casamento e família.<sup>14</sup>

Entretanto, apesar de tantas mudanças significantes podemos dizer que, na essência, a base da nossa sociedade continua a mesma - pois ainda vivemos em uma sociedade patriarcal. No entanto, ela sente suas amarras trepidarem a cada volta vertiginosa da dinâmica das transformações culturais contemporâneas.<sup>15</sup> Contudo, essas mudanças se apresentam não só na família em geral, mas, também, no casamento.

Jeni Vaitsman refere-se ao casamento moderno como uma família hierárquica que se desenvolveu juntamente com os processos de modernização e industrialização, ou seja, um grupo de parentesco formado a partir da união fundada na livre escolha e no amor, baseado no núcleo do casal, mas podendo incorporar outros agregados, e marcado pela divisão sexual do trabalho nas esferas pública e privada atribuída segundo o gênero. E, à medida que as relações em que se baseiam a família conjugal moderna – a divisão sexual do trabalho, a dicotomia entre papéis instrumentais e expressivos segundo o gênero – se transformam, este tipo de família abre possibilidades para outros tipos de família. Não querendo, de nenhum modo, com isso dizer que este padrão tenha desaparecido. Seu argumento é que, particularmente, entre os segmentos das classes médias, que ela privilegia, é onde

---

<sup>14</sup> VAITSMAN, Jeni. 1994: p. 14

<sup>15</sup> SERRURIER, Catherine: 1996

se considera que a família tenha se modernizado. A família vem, então, pouco a pouco, sendo substituída por relações com novos conteúdos e institucionalizando-se sob novas formas. Acrescenta ainda que:

a livre escolha, porém, é o ponto fraco do casamento moderno (e, conseqüentemente, da família conjugal moderna), que por isso mesmo sempre esteve sujeito à dissolução, aprovada ou não pela lei secular ou religiosa. Quanto maior a possibilidade efetiva de escolher, maior o espaço para o conflito entre o individual e o coletivo se expressar. Quando a divisão sexual do trabalho e o individualismo patriarcal são redefinidos e homens e mulheres passam a se ver como iguais, criam-se condições sociais particularmente favoráveis para que este conflito se manifeste, levando a um maior número de separações.<sup>16</sup>

Novas formações familiares existem, em nossos dias, e, cada um procura a felicidade ou complementaridade conjugal da maneira que lhe traz mais prazer. Viver junto sem precisar oficializar o casamento, uniões homossexuais<sup>17</sup> como as que foram aprovadas na Inglaterra e os casamentos homossexuais na Suíça aprovado no ano passado, casais com filhos ou sem filhos, solteiros com filhos sem a colaboração do outro pai (ou mãe) são algumas das formas vistas hoje como forma de família.

As escolhas são feitas levando em consideração o desejo e satisfação pessoal de cada indivíduo e, quando um dos envolvidos não sente mais satisfação na relação, a separação é vista como uma solução. Mas o que querem realmente homens e mulheres nesses novos arranjos interculturais? Quais são suas expectativas? Como lidam com a multiplicidade de escolhas? O que mudou e o que permaneceu no relacionamento afetivo-conjugal nas últimas décadas?

<sup>16</sup> VAITSMAN, Jeni. 1994: p. 35

<sup>17</sup> Os ingleses aprovaram a legalização dos casamentos homossexuais. A validade seria basicamente a mesma dos casamentos heterossexuais, mas para diferenciá-los são chamados de uniões e não de casamentos.

Veremos a seguir como a família, na Suíça e no Brasil, se tem adaptado às novas demandas e como seus integrantes interagem a partir das mudanças de ver, sentir e formar a família.

### A família e o casamento na Suíça

A Suíça, assim como, o Brasil têm características culturais bem particulares. Gostaria de salientar algumas dessas características culturais, tanto de um país como do outro, antes de abordar a família e o casamento nesses dois países. O Brasil, por exemplo, é retratado por Roberto DaMatta da seguinte maneira:

O Brasil com B maiúsculo é algo muito mais complexo. É país, cultura, local geográfico, fronteira e território reconhecidos internacionalmente, e também casa, pedaço de chão calçado com o calor de nossos corpos, lar, memória e consciência de um lugar com o qual se tem uma ligação especial, única, totalmente sagrada. É igualmente um tempo singular cujos eventos são exclusivamente seus, e também temporalidade que pode ser acelerada na festa do carnaval; que pode ser detida na morte e na memória e que pode ser trazida de volta na boa recordação da saudade. Tempo e temporalidade de ritmos localizados e, assim, insubstituíveis. Sociedade onde pessoas seguem certos valores e julgam as ações humanas dentro de um padrão somente seu. Não se trata mais de algo inerte, mas de uma entidade viva, cheia de auto-reflexão e consciência: algo que se soma e se alarga para o futuro e para o passado, num movimento próprio que se chama História. Aqui o Brasil é um ser parte conhecido e parte misterioso, como um grande e poderoso espírito.<sup>18</sup>

Já a Suíça, ou a cultura suíça, segundo o senhor Pascal Couchepin, Ministro Suíço da Cultura, é retratada da seguinte maneira: *“a cultura suíça não existe. Em contrapartida, existem culturas suíças. Nossa experiência é interessante, pois nos*

<sup>18</sup> DAMATTA, Roberto. 2001: p.11, 12

*permite a coexistência pacífica de um mosaico de culturas. A Suíça pratica quotidianamente a diversidade.*<sup>19</sup>

Para compensar a falta de recursos potenciais – inexistência de matérias primeiras (com exceção da madeira, do sal desde 1837 e mais tarde dos recursos hidrelétricos), o custo elevado dos transportes, a ausência de acesso ao mar, a deficiência do mercado interior -, havia a presença de Estados ricos e populosos nas fronteiras, o árduo trabalho da população, o bom nível de instrução. Desde a sua origem, a produção suíça devia se especializar na fabricação de objetos de qualidade, leves, de grande valor, destinados, principalmente, à exportação para poder sobreviver e fazer face às grandes Nações que lhe fazia fronteiras.<sup>20</sup>

L'histoire de la Suisse, c'est donc aussi et surtout celle des Suisses. C'est celle :

**D'un pays dont la nécessité ne s'inscrit pas dans la géographie**, par conséquent, c'est celle d'un peuple qui a dû se forger une tradition historique et créer des valeurs : démocratie participative, pluralisme, capacité d'intégration ;

**D'un pays dont les ressources, au départ, sont limitées**, donc celle d'un peuple qui a dû fonder sa prospérité sur un travail assidu et précis, un esprit d'entreprise, un échange continu ;

**D'un pays à la fois situé au cœur de l'Europe et isolé par ses particularismes**, donc celle d'un peuple qui a donné et en même temps reçu ; offert un refuge à des étrangers et laissé partir ceux des siens qui se sentaient étouffer ; qui se donne en exemple et refuse de s'aligner.

En définitive, l'histoire des Suisses, qui ne sont ni meilleurs ni pires que les autres, qui comptent des savants, des artistes, des penseurs, des capitaines d'industrie, des travailleurs, des profiteurs et des criminels, n'est-ce pas une patiente recherche de l'équilibre et un long cheminement vers la tolérance ?<sup>21</sup>

<sup>19</sup> DÉPARTEMENT FÉDÉRAL DE L' INTÉRIEUR. (2004)

<sup>20</sup> MEMO – Le site de l'Histoire. BOUQUET, Jean-Jacques. Historien.

<sup>21</sup> MEMO. A história da Suíça é, portanto e sobretudo, a dos suíços. É aquela: **de um país onde a necessidade não se inscreve na geografia**, por consequência, aquela de um povo que teve de forjar uma tradição histórica e criar valores: democracia participativa, pluralismo, capacidade de integração; **de um país onde os recursos, em princípio, são limitados**, portanto de um povo que teve de fundar sua prosperidade com o trabalho assíduo e preciso, um espírito empreendedor, uma troca contínua; **de um país ao mesmo tempo situado no coração da Europa e isolado por suas particularidades**, portanto, aquela de um povo que deu e ao mesmo tempo recebeu; ofereceu refúgio aos estrangeiros e deixou partir os seus que se sentiam sufocados; que se dá em exemplo e recusa alinhar-se. Decididamente, a história dos suíços, que não são nem melhores nem piores que os outros, que contam com sábios, artistas, pensadores, capitães de indústria, trabalhadores, aproveitadores e criminosos, não é uma paciente procura de equilíbrio e um longo caminho em direção à tolerância? (Tradução minha)

O *RAPPORT SUR LES FAMILLES 2004*, aponta para o fato de que na Suíça em 2003 *"le modèle traditionnel de la femme au foyer et de l'homme occupé à plein temps pour couvrir les besoins financiers de la famille n'existe plus que dans une minorité des cas."*<sup>22</sup> Isso acontece porque a mulher ganhou cada vez mais espaço na esfera pública ao não se ater a uma esfera específica. Ao transformar o casamento e a família em mais um dos seus interesses e não no único, as mulheres desafiaram as estruturas familiares e de gênero há muito estabelecidas. Nessas transformações, a satisfação pessoal de cada indivíduo passou a liderar e a orientar as escolhas dos parceiros e a recusá-los quando a união não é mais satisfatória. Ainda que a Suíça, presentemente, tenha uma taxa de casamentos - de divórcios também - superior à média dos países da União Européia, o desejo de se casar entre os suíços é mínimo, e, quando acontece, *"é realizado entre pessoas com idade cada vez mais avançada onde as mulheres têm cerca de 29 anos quando oficializam sua união, os homens 31"* e os divórcios se tornaram comuns onde *"MAIS de quatro casamentos em dez terminam em divórcio"*.<sup>23</sup>

Na tabela 2 poderemos ver alguns tipos de formação familiar na Suíça, (as famílias formadas sem filhos, as com filhos, as monoparentais, as formadas por pessoas solteiras que vivem com os pais), por década entre os anos de 1980 e 2000. Houve uma alta considerável nos casais que optaram por não ter filhos, ou seja, de mais 586 mil na década de 1980 para 850 mil na de 2000 com um aumento de 44,9%.



<sup>22</sup> *RAPPORT SUR LES FAMILLES 2004*: p. 50 O modelo tradicional da mulher dona de casa e do homem ocupado a tempo inteiro para suprir as necessidades financeiras da família não existe que numa minoria de casos. (Tradução minha)

<sup>23</sup> *RAPPORT SUR LES FAMILLES 2004*: p. 28 e 101(Tradução minha)

**TABELA 2 – Lares segundo o tipo de família de 1980-2000 (em milhares)<sup>24</sup>**

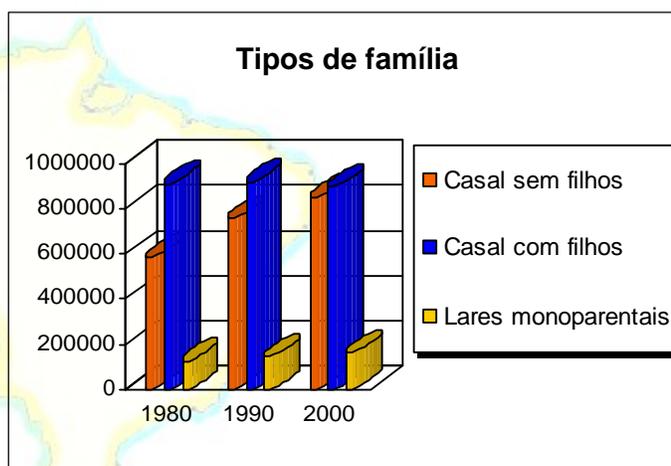
| <b>Tipos de Família</b>                        |             |             |             |
|--|-------------|-------------|-------------|
|  | <b>1980</b> | <b>1990</b> | <b>2000</b> |
| <b>Total</b>                                   | 1632.0      | 1827.8      | 1931.7      |
| <b>Casal sem filhos</b>                        | 586.6       | 756.0       | 850.0       |
| <b>Casal com filhos (s)</b>                    | 911.1       | 919.4       | 898.3       |
| Com 1 criança <sup>⓪</sup>                     | 289.5       | 279.7       | 258.1       |
| Com 2 crianças <sup>⓪</sup>                    | 323.6       | 299.9       | 306.5       |
| Com 3 crianças <sup>⓪</sup>                    | 129.4       | 113.4       | 126.1       |
| <b>Lares monoparentais</b>                     | 124.4       | 145.1       | 161.3       |
| Com 1 criança <sup>⓪</sup>                     | 39.1        | 44.7        | 61.3        |
| Com 2 crianças <sup>⓪</sup>                    | 19.7        | 20.7        | 33.7        |
| Com 3 crianças ou mais <sup>⓪</sup>            | 5.4         | 4.6         | 9.2         |
| <b>Pessoa só com ambos os pais ou um deles</b> | 9.8         | 7.3         | 22.1        |

<sup>⓪</sup> solteiras de menos de 18 anos

FONTE: Office Federale de la Statistique/Suisse - 2004

A grande maioria dos jovens casais suíços vive maritalmente e só quando desejam ter filhos é que legalizam a união. E, como, cada vez mais, mulheres renunciam a ter filhos, não só os casamentos estão diminuindo, como, também, o número de crianças na Suíça.

**GRÁFICO 1 – Tipos de família na Suíça (1980-2000)**



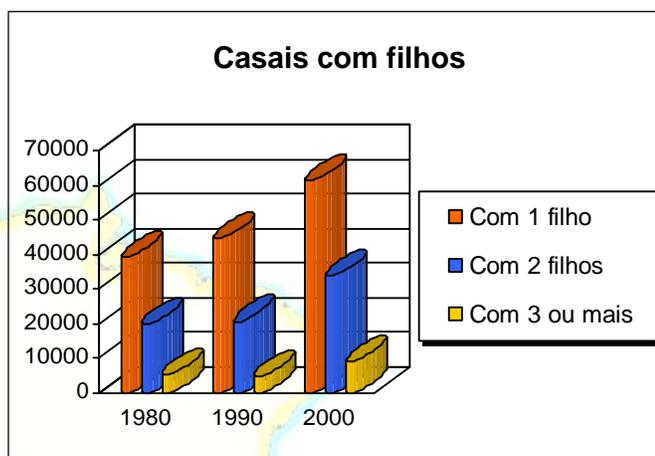
FONTE: Office Federale de la Statistique/Suisse - 2004

<sup>24</sup> (Tradução minha)

Existe, também, uma grande margem entre o número de filhos desejados e os tidos. Essa margem é maior e mais significativa nas mulheres com melhor formação escolar. Se o número de nascimentos do primeiro filho baixou de 15% desde 1970, o recuo do segundo filho é ainda maior com 24%. Em relação ao terceiro filho houve uma queda de 42% e do quarto em diante mais de 73%.<sup>25</sup> Em outros termos, as famílias numerosas diminuem apesar da maioria da população viver em família.

Quanto aos casais com um único filho houve um decréscimo em 1990 em relação a 1980 de 3,3% e de 2000 em relação a 1990 o decréscimo foi de 7,7%. Em relação aos pais que tiveram dois filhos a diferença de 1990, em relação a 1980 foi de menos 7,3% e de 2000 para 1990 aumentou 2,2% de pais a terem só dois filhos, ou seja, de 1980 para 2000 houve uma diminuição na quantidade de filhos de 5,2%. Os casais que tiveram três filhos em 1990 foram 12,3% a menos daqueles de 1980. Já em 2000 houve um aumento em relação ao ano anterior de 11,1%, o que contabiliza uma diminuição de filhos de 2,5% de 1980 para 2000.

**GRÁFICO 2** – Casais com filhos na Suíça (1980-2003)

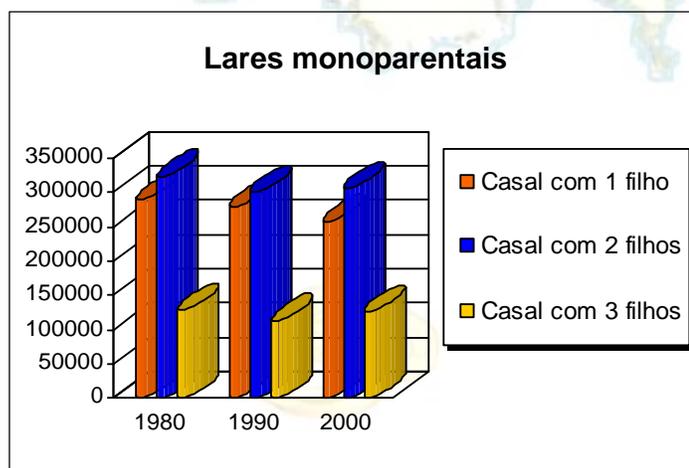


FONTE: Office Federale de la Statistique/Suisse - 2004

<sup>25</sup> RAPPORT SUR LES FAMILLES 2004, p. 30 (Tradução minha)

De 1980 a 2000 o número de lares monoparentais aumentou em 28%. Devido ao aumento de divórcios na Suíça, a atual década sofreu um acréscimo significativo de lares monoparentais. Nos com lares monoparentais com um filho, o acréscimo foi de 57% de 1980 a 2000. Os lares monoparentais com dois filhos teve um aumento na mesma época de 71%. O número de lares monoparentais com três ou mais filhos somou um acréscimo de 70% nas duas décadas.

**GRÁFICO 3** – Lares monoparentais na Suíça (1980-2003)



FONTE: Office Federale de la Statistique/Suisse - 2004

Podemos, com isso, ver que os lares suíços estão cada vez mais sofrendo rompimentos e, por isso, certos homens buscam formar família com quem acreditam poder ter uma família mais estruturada.

Apesar de tantas ressignificações, até bem pouco tempo atrás, no Ocidente, a noção de igualdade entre os indivíduos não incluiu a mulher devido ao fato delas não deterem o controle de seu corpo e nem de seu trabalho. O controle da mulher sobre o seu próprio corpo só ganhou importância quando do controle da natalidade e do trabalho remunerado, tendo em vista que o trabalho realizado pela mulher dentro de casa sempre foi invisível e não remunerado. A saída da mulher para a esfera pública está vinculada ao desenvolvimento da individualidade, ou seja, à sociedade moderna. Houve uma grande mudança a partir daí provocando “a eliminação de

*barreiras de status, religiosas, o declínio da autoridade paterna e a liberdade de mobilidade, seja social ou geográfica. Ampliou-se o círculo de pessoas que se tornaram passíveis de escolha como parceiros no casamento, ampliando também a liberdade de escolha.*<sup>26</sup> Mas,

(...) embora o objetivo do amor moderno seja a reciprocidade e a complementaridade entre dois indivíduos, a individualidade de cada um ergue barreiras entre os dois, fazendo do outro algo de inatingível que é determinado pela individualidade. Ou seja, a contradição mesma do amor e do casamento modernos advém do próprio desenvolvimento e da singularidade da individualidade.<sup>27</sup>

Ao falar sobre os recentes debates sobre a relação homem/mulher, e, mesmo em conversas informais, Mirian Goldenberg acentua que costumam aparecer reclamações tais como: *“nada mudou na convivência entre os sexos”*. Ou ainda: *“na verdade, tudo ficou muito pior”*. Essas queixas são feitas tanto por homens como por mulheres esclarecidos, que acreditam que os desencontros atuais, as inúmeras separações e a insatisfação masculina e feminina na família e, mais precisamente, no casamento, são resultados advindos do movimento de libertação da mulher das décadas de 60 e 70.<sup>28</sup> É ao encontrar tantas barreiras e sentindo que a relação a dois se tornou algo difícil, tão inatingível devido a tantas demandas que não são poucos os homens que buscam em outras culturas sua complementaridade ou que,

(...) tentam voltar ao passado, quando os papéis destinados a homens e mulheres eram muito mais bem delimitados. Era muito mais fácil saber o que se iria ser quando crescesse: variações em torno de pai, médico, engenheiro ou advogado; esposa-mãe, dona de casa ou professora primária. O sonho era ter uma casinha, filhos saudáveis, uma geladeira branca, um telefone preto e um carro Ford ou Chevrolet. A sociedade atual não permite sonhar com o futuro,

<sup>26</sup> VAITSMAN, Jeni. 1994: p. 34

<sup>27</sup> VAITSMAN, Jeni. 1994: p. 34

<sup>28</sup> GOLDENBERG, Mirian. 1996

preocupados que estão todos em viver hedonisticamente o presente, consumindo ao máximo bens materiais e relações afetivo-sexuais.<sup>29</sup>

Como este comportamento tem sido notado tanto em homens como em mulheres, tem surgido a necessidade em alguns homens de formarem família e terem consigo uma esposa que possibilite uma espécie de retorno aos tempos tradicionais, ou seja, tempos onde modos de fazer, agir e pensar eram passados de geração em geração, onde a familiaridade era presente e o que vinha d'outrora ou de antepassados não sofria mudanças radicais. E para que esse retorno seja possível, muitos deles buscam sua complementaridade em países em desenvolvimento como o Brasil, a República Dominicana, a Tailândia, onde as mulheres ainda não estão tão acirradamente empenhadas na “luta” pela igualdade. Onde ainda há espaço para o “nós” e há menos competição em relação ao “eu” seja ele de quem for.



### **A família e o casamento no Brasil**

A família no Brasil também tem sofrido grandes mudanças desde a sua colonização até aos nossos dias.<sup>30</sup> Com a colonização, começaram os primeiros deslocamentos de grandes contingentes de pessoas para o Brasil. Por essa ocasião, esses deslocamentos se deram por motivos econômicos, políticos, comerciais, técnicos, sociais, religiosos. Não obstante, a maneira como a América do Sul foi povoada difere bastante das circunstâncias de colonização ocorridas na América do Norte. No Brasil, especificamente, os homens europeus vinham, em sua maioria, sozinhos “facilitando” a interação com os povos indígenas, enquanto que a América do Norte teve uma população vinda da Europa, onde os homens traziam suas mulheres havendo menos contato com a população indígena.

<sup>29</sup> GOLDENBERG, Mirian. 1999: p. 157

<sup>30</sup> Para um maior aprofundamento acerca dos estudos feitos sobre família no Brasil ver: SCOTT, R. Parry. Família, Gênero e Poder no século XX no Brasil. 2004

Devido ao tamanho relativamente pequeno de Portugal e à limitação da população portuguesa, não foi pela mobilidade que os portugueses conseguiram atingir seus propósitos como colonizadores. Seus objetivos foram alcançados, sobretudo, pela miscigenação. Os portugueses eram particularmente afeitos ao processo de colonização e de povoamento de sua nova colônia.

A escassez de capital homem supriram-na os portugueses como extremos de mobilidade: dominando os espaços enormes e onde quer que pousassem, na África ou na América, emprenhando mulheres e fazendo filhos, numa atividade genésica que tanto tinha de violentamente instintiva da parte do indivíduo quanto da política, de calculada, de estimulada por evidentes razões econômicas e políticas da parte do Estado.<sup>31</sup>

“Casa-Grande e Senzala” dá-nos um enfoque bastante amplo acerca da formação da família brasileira patriarcal e do povo brasileiro. Gilberto Freyre mostra-nos claramente a mistura de raças que foi tão evidentemente essencial para a formação da população brasileira. Insiste ainda que a miscigenação deve ser compreendida como elemento unificador na vida brasileira. O autor afirma também que ela fornece aos brasileiros seu maior potencial, o potencial para criar, através da fusão cultural das culturas ameríndia, européia e africana, um novo povo, uma civilização distinta, “um novo mundo nos trópicos”. “*A mobilidade foi um dos segredos da vitória portuguesa; sem ela não se explicaria ter um Portugal quase sem gente, um pessoalzinho ralo, insignificante em número.*”<sup>32</sup> Ao entrar em contato com uma nova cultura, os colonizadores contribuíram para que a miscigenação no Brasil se propagasse.<sup>33</sup>

No entanto, apesar do povo brasileiro ser miscigenado nem por isso perdeu o tradicionalismo trazido pelos europeus (embora esteja bem diferente ou mesmo reduzido) e que, hoje, se torna escasso no seio da família suíça urbana. É devido a essa escassez que, alguns homens, tentam trocar a igualdade exacerbada e a

<sup>31</sup> FREYRE, Gilberto. 2002: p. 83

<sup>32</sup> FREYRE, Gilberto. 2002: p. 83

<sup>33</sup> FREYRE, Gilberto. 2002

competição constante encontradas nos casamentos com as mulheres de seus países de origem pela complementaridade conjugal encontrada nos casamentos tradicionais. Ou seja, onde os papéis dos homens e mulheres ainda sejam bem definidos querendo com isso dizer: onde as mulheres ainda demonstrem ter qualidades “femininas”.

Voltando à época colonial, onde o homem europeu ao interagir intimamente com as nativas (índias) e com as escravas (africanas) contribuiu para que o “povo brasileiro”, ou a “raça brasileira” emergisse e onde

(...) não só conseguiu vencer as condições de clima e de solo desfavoráveis ao estabelecimento de europeus nos trópicos, como suprir a extrema penúria de gente branca para a tarefa colonizadora unindo-se com mulheres de cor. A falta de gente, que o afligia, mais do que a qualquer outro colonizador, forçando-o à imediata miscigenação – contra o que não o indispunham, aliás, escrúpulos de raça, apenas preconceitos religiosos – foi para o português vantagem na sua obra de conquista e colonização dos trópicos. Vantagem para a sua melhor adaptação, senão biológica, social.<sup>34</sup>

O povo brasileiro sempre conviveu com a miscigenação. No entanto, o modelo imposto pelo colonizador e a influência da Igreja Católica como meio de controle social - elementos diretamente responsáveis pelo paternalismo e pelo patriarcalismo, assim como pelo machismo – foram-se modificando. Essa mudança, embora lenta, abriu espaço para que o movimento feminista aparecesse gradualmente no Brasil, ainda que em escala bem menor, e beneficiando, principalmente, a classe privilegiada da sociedade. Entretanto, independentemente de grupo ou de qualquer outra circunstância, as possibilidades de na vida pública e, mesmo na privada, abertas às mulheres, hoje, ainda são bem mais limitadas do que as dos homens.

A saída da mulher da esfera privada para a esfera pública é um dos fatores que contribuiu para que as transformações acontecessem na família brasileira. A mulher deixou de ser somente dona-de-casa e teve oportunidade de explorar,

---

<sup>34</sup> FREYRE, Gilberto. 2002: p. 87

também, seu potencial nas áreas tradicionalmente tidas como masculinas. Mas, no Brasil, essas mudanças chegaram mais tarde ficando mais acentuadas nas décadas de 60 e 70. A instituição do divórcio no Brasil provocou uma mudança nos costumes brasileiros e acentuou também a desconstituição das entidades familiares com a opção dos progenitores por outras atrações da vida social.

Apesar disso, a ocorrência de algumas modificações nos mais privilegiados setores da sociedade brasileira não devem obscurecer as diferenças que caracterizam a vida da grande maioria das mulheres dentro de uma ordem social ainda profundamente patriarcal.

Com todas essas mudanças na família e no casamento, tanto na sociedade suíça como na brasileira, e embora os dois países sejam ocidentais, François Laplantine nos diz referindo-se às Américas Ibéricas e, neste caso ao Brasil, que *“as sociedades em questão são ocidentais, mas elas não são somente ocidentais. E quando elas são ocidentais, são-no à sua maneira, pois há várias maneiras de ser ocidental”*. Acrescenta que *“a ocidentalidade da Europa trabalha mais com a monocultura enquanto que as Américas são mais policulturais do que as sociedades “propriamente” ocidentais”*. Ou, mais precisamente, o seu policulturismo é outro. É um policulturismo no seio do qual as combinações possíveis se apresentam como praticamente ilimitadas.<sup>35</sup>

Essas diferenças de sentir e reagir, assim como de encarar a vida entre os países do Norte e os do Sul, segundo Edward T. Hall deve-se ao fato das sociedades suíças e brasileiras estarem inseridas no que ele chama de *sociedades de Baixo e Alto Contexto*.

Nas sociedades de baixo contexto, como a Alemanha, os países escandinavos, Holanda Inglaterra, Austrália e Estados Unidos (...), as pessoas tendem a compartimentalizar os relacionamentos em pessoais e profissionais, e a focalizar relacionamentos a curto prazo. Os fatos informativos recebem maior ênfase por serem externados verbal e explicitamente. As sociedades de alto contexto (...) na América Latina, na África e nos países mediterrâneos, no mundo árabe na Índia, na China e na Indonésia, existem extensas redes de comunicação de informações entre os membros das famílias, entre

---

<sup>35</sup> LAPLANTINE, François. 1994: p. 272 (Tradução minha)

amigos e entre colegas. Este “compartilhar” das experiências permite um maior grau de entendimento tácito. As pessoas envolvem-se, com maior frequência, em relacionamentos pessoais duradouros.<sup>36</sup>

No quadro seguinte poderemos verificar algumas das características dos povos de Baixo Contexto e dos de Alto Contexto em relação ao individualismo, tempo, estrutura familiar e o poder e os papéis dos gêneros. E, embora nem todas as pessoas ou países se encaixem tão perfeitamente nessas duas categorias culturais, a maioria delas se aproximam mais a um desses dois pólos.

Este quadro mostra-se importante para que se entenda as características dos países de Baixo e Alto Contexto de que fazem parte, respectivamente, a Suíça e o Brasil e, desta forma, os homens e mulheres perquiridos. Mostra-se importante, também, pois poderemos visualizar as características dos mesmos em relação a si próprios e ao casamento, fazendo-se, assim, um comparativo entre os dois sistemas, entre as duas culturas, para compreender, tanto a sua interseção quanto a sua união, tendo em vista a complementaridade encontrada entre os casais de suíços e brasileiras nas duas formas de encarar a vida. É claro que nem todas as pessoas, casais - e menos ainda países - tenham que se enquadrar obrigatoriamente em um dos contextos, mas que serve como base geral para o entendimento das características gerais dos envolvidos.

| <b>Baixo Contexto e Alto Contexto</b> <sup>37</sup>  |   |
|--|---|
| <b>Baixo Contexto</b>  | <b>Alto Contexto</b>  |
| <b><u>Individualismo</u></b>   |   |
| <p>Individualista: O “eu” predomina sobre o “nós”; independência e autoconfiança altamente valorizadas; “cada um por si”; poucas obrigações em relação às outras pessoas (exceto com os familiares mais próximos); o controle social é exercido com base na culpa individual e o medo de perder o respeito por si mesmo; universalista; luta por regras e leis que possam ser universalizadas, por modelos amplamente aplicáveis e por fórmulas.</p> | <p>Coletivista: valoriza os interesses e a identidade do grupo acima das necessidades pessoais; a identidade pessoal está inscrita numa rede de comunicação social; o controle social é exercido através do medo e da vergonha; manter a harmonia é mais importante do que exteriorizar os próprios pensamentos; particulariza; enfatiza a diferença, a genuinidade e as exceções; os relacionamentos têm mais importância que as regras e as leis (“Por um amigo posso mudar as leis se for necessário.”).</p> |

<sup>36</sup> apud PEREL, Esther. 2002: p. 197

<sup>37</sup> PEREL, Esther. 2002: p.198,199

### Tempo

Monocrônico: O tempo é visto linearmente; se faz uma única coisa por vez; as datas-limite devem ser estabelecidas e cumpridas; o tempo deve ser administrado; se diz que o tempo é “gasto”, “poupado”, “desperdiçado” ou “perdido”; a sociedade é orientada para a juventude; a mudança é vista como virtude.

Policrônico: muitas coisas são feitas ao mesmo tempo; sujeito a interrupções; o tempo é para ser desfrutado; a ênfase é dada na qualidade de vida; a idade é respeitada; a constância é uma virtude; as pessoas são mais importantes que os horários.

### Estrutura familiar

O casal é a unidade de decisão principal. O casamento é entre dois indivíduos; separa as necessidades individuais das familiares (“Você deve fazer o que é bom para você”); as obrigações familiares são minimizadas; a educação dos filhos concentra-se em alimentar um forte senso de *self*, de autonomia, de confiança e de independência.

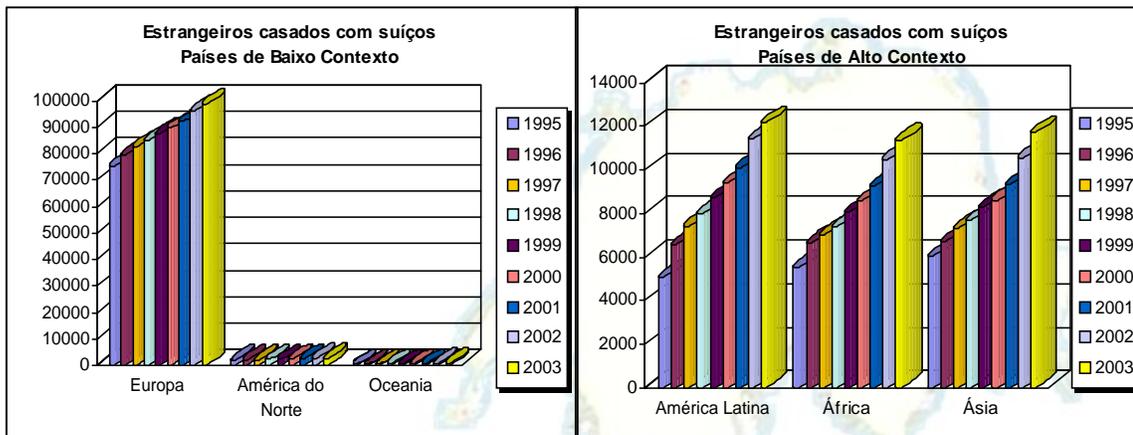
A família extensa é muito importante; o casamento é entre duas famílias; as necessidades familiares estão ligadas às individuais; respeito pelos ancestrais (“Sua avó se viraria no túmulo...”); a educação dos filhos dá prioridade a um forte senso de relação e lealdade; alta coesão familiar.

### O poder e os papéis dos gêneros

Homens e mulheres experimentam maior flexibilidade em suas funções e, conseqüentemente, maiores confusões; ênfase na igualdade e na distribuição de poder mais equitativa; as mulheres são economicamente mais independentes, mais críticas e usam mais seus direitos.

Papéis fixos; alto grau de diferenciação entre os sexos e uma demarcação nítida da distribuição do poder; as mulheres definem-se mais em função de sua relação com o homem do que por meio de conquistas pessoais.

Com exceção da Europa e, principalmente, dos países que fazem fronteira com a Suíça - Itália, Alemanha, França, Liechtenstein e Áustria -, a ocorrência de casamentos entre 1995 e 2003 realizados entre suíços e estrangeiros foi bem mais freqüente entre pessoas que pertencem aos continentes e, mais precisamente, aos países de Alto Contexto, como o Brasil. Cada vez mais suíços se casam com mulheres de outros países, tentando encontrar uma família mais estruturada, mais nos padrões das gerações de seus avós, buscando, assim, o que lhes era familiar e que agora parece estar perdido em sua geração. Mas, o fato de querer uma família mais estruturada não quer dizer que o que buscam seja a submissão total em suas esposas, a não participação destas nas decisões de suas vidas tanto na esfera privada como pública.

**GRÁFICO 4 – Casamentos com suíços por Continente de 1995 a 2003**

FONTE: Office Federale de la Statistique/Suisse - 2004

Demógrafos, Sociólogos e Historiadores têm apontado o casamento intercultural como meio de integração, usado pelos estrangeiros, ao país de acolho. No entanto, os dados apontam para opção de escolha contínua das mulheres suíças por casamentos interculturais com homens em sua grande maioria dos países de Baixo Contexto, enquanto que os homens suíços optam por casamentos interculturais com mulheres de países de Alto Contexto.

Verificamos, pois, que a maneira como os países de Alto e Baixo Contexto vivenciam a família, o casamento e a importância que dão às necessidades familiares são bem diferenciadas. As dos países de Baixo Contexto se mostram mais individualistas ao contrário das de Alto Contexto que são coletivistas. Segundo Edward T. Hall, a Suíça estaria inserida no modelo de Baixo Contexto, onde os indivíduos valorizam a independência e as regras são mais universais; bem como a igualdade e a distribuição de poder são mais equilibradas, mas onde, também, os indivíduos se sentem mais vulneráveis devido à multiplicidade de escolhas em suas vidas.

Nós, na Europa, com a nossa didática “pesada”, temos a tendência a utilizar de separações categoriais e classificatórias. Nós precisamos,

para pensar, de distinguir e de opor o branco e o negro, o antes e o depois, o estrangeiro e o autóctone, as mentalidades retrocedentes e as progressivas, a tradição e a modernidade, a civilização e barbárie, o passado e o futuro, o profano e o sagrado, o público e o privado, o individual e o coletivo, e assim em diante. Nossas sociedades, que são qualificadas como “racionais”, suportam com dificuldade a ambiguidade e ambivalência.<sup>38</sup>

Por outro lado, o Brasil estaria enquadrado nos países de Alto Contexto, ou seja, um povo que prioriza a harmonia, particulariza a diferença, onde os sentimentos e relacionamentos têm mais importância que as regras e as leis. E, embora esteja, também, vivendo a modernidade, mesmo que de maneira diferenciada, e tenha lutado pelos direitos das mulheres não perdeu, com isso, o que o caracteriza: um país receptivo, possuidor de um povo caloroso e afetivo conciliando o moderno e o tradicional. O Brasil tem, portanto, uma leitura singular de si mesmo

“(…) do povo e das suas coisas. Da comida, da mulher (…) das leis da amizade e do parentesco, que atuam pelas lágrimas, e dentro das sombras acolhedoras das casas e quartos onde vivemos o nosso cotidiano. Dos jogos espertos e vivos da malandragem e do carnaval, onde podemos vadiar sem sermos criminosos e, assim fazendo, experimentamos a sublime marginalidade que tem hora para começar e terminar. (…) porque sei que não existe jamais um “não” diante de situações formais e que todos admitem um “jeitinho” pela relação pessoal e pela amizade; porque entendo que ficar malandramente “em cima do muro” é algo honesto, necessário e prático no caso do meu sistema (…)”<sup>39</sup>

Roberto DaMatta acrescenta dizendo que dessa maneira, “*entre o “pode” e o “não pode”, escolhemos, de modo chocantemente antilógico, mas singularmente brasileiro, a junção do “pode” com o “não pode”*.”<sup>40</sup>

<sup>38</sup> LAPLANTINE, François. 1994: p. 271, 272 (Tradução minha)

<sup>39</sup> DAMATTA, Roberto. 2001: p.14 e 17

<sup>40</sup> DAMATTA, Roberto. 2001: p.99

São essas qualidades e essa maneira mais descontraída de encarar a vida, esse maior valor dado ao “conjunto”, o fato de particularizar a diferença que atrai os homens suíços a buscarem relacionamentos afetivo-conjugais no Brasil. Fatores como a cor da pele têm peso na escolha de esposas e são um dos atrativos. No entanto, verificamos multiplicidade racial entre as esposas dos entrevistados e a cor, embora importante atrativo, não tem menção relevante nas falas dos entrevistados. A religião também não se mostrou ser um ponto conflitante entre os entrevistados.

A maior ênfase se concentrou no desejo de encontrar uma certa segurança conhecida nos casamentos tradicionais. Ao formar uma família, na verdade, esperam balancear as vantagens das conquistas das últimas décadas como a liberdade de expressão, uma família planejada, a maior flexibilidade nas divisões de gênero com uma que fosse

uma comunidade em que as pessoas se apóiam, estão lá para se ajudar quando um membro precisa e isso se estende pela vida toda. Quanto mais velhos os membros mais cuidado se tem.<sup>41</sup>

Com muito mais interação diária, de um jeito também bem mais comunicativo, mas também com uma grande liberdade, também com mais sentido ético, uma grande obrigação entre os membros da família.<sup>42</sup>

Mas estão conscientes de que a família no Brasil também está “*em mudança como a Suíça nos anos 80. A família ainda é muito importante, mas eu acho que pessoas de minha geração não terão mais que uma a duas crianças. Mas a conexão entre os membros da família ainda é mais forte que na Europa.*”<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> Urs - MSN (Suíça) 11/04/2005

<sup>42</sup> Mike – Skype (Suíça) 06/06/2005

<sup>43</sup> Markus - MSN (Suíça) 25/04/2005

## CAPÍTULO 2

### A EXPERIÊNCIA DOS CASAMENTOS INTERCULTURAIS

---



Vivemos numa época de mudanças sociais rápidas e de grandes avanços tecnológicos. Essas mudanças estão, claramente, ocorrendo no seio das diversas culturas e, obviamente, estão modificando, também, o comportamento da família. Vários autores, porém, colocam a família tão uniforme que temos a impressão de homogeneidade. Contudo, com tantas modificações ocorrendo em nossa sociedade podemos verificar, também, mudanças no seio da vida familiar como, por exemplo, o aumento das famílias formadas entre culturas diferentes. Ou seja, as famílias mistas, também chamadas de famílias interculturais.

Este capítulo aborda o aumento de famílias interculturais, assim como, os casamentos formados entre homens suíços e mulheres brasileiras na última década. Trabalharei os conceitos de “casamento misto” e de “casamentos interculturais”, a sua similaridade e a sua distinção. Salientarei, igualmente, como os casamentos interculturais na Suíça têm sido mais freqüentes com os países em desenvolvimento e, principalmente, entre os “homens suíços” e as “mulheres brasileiras”, colocando o Brasil entre os seis países com quem os suíços mais contraem casamentos interculturais em geral e o primeiro entre os países em desenvolvimento. Abordei, sem distinção, pessoas de diferentes origens étnicas,<sup>44</sup> religiosas, culturais, assim como, de nacionalidades diferentes (Suíça e Brasil).

---

<sup>44</sup> As esposas não são só “mulatas”, mas de etnias variadas. As religiões tanto dos homens como das mulheres também são diversas e os entrevistados têm como língua materna o alemão, o francês e o português. Alguns deles, por serem eles mesmos mistos, têm mais de uma língua materna.

Mas, ao falar de casamentos mistos refiro-me ao que Hugues Fulchiron define como sendo:

Dans une conception large, (“sociologique”), on pourrait définir le couple mixte comme un couple composé de **deux personnes d’origines ethniques ou culturelles différents**. Dans une conception plus étroite (plus strictement juridique), le couple mixte peut se définir comme un couple composé de **deux personnes de nationalités différents**.<sup>45</sup>

Nessa perspectiva ocorreu um acréscimo de 182% nos casamentos entre suíços e brasileiros, entre os anos de 1995 e 2003.<sup>46</sup> Houve uma grande ascensão de casamentos interculturais entre homens suíços e mulheres brasileiras nos últimos anos devido ao maior contato entre as diversas culturas, mas, também, devido ao anseio que certos homens suíços têm de formar família de uma maneira mais tradicional onde haja, ainda, as qualidades atribuídas aos países de Alto Contexto como: a admirável coesão familiar, a harmonia, a ênfase dada à qualidade de vida e onde, os papéis dos homens e mulheres não estão em constante competição.

Um considerável número de estudos sobre casamentos mistos salienta as dificuldades que atravessam esses casais por sua escolha<sup>47</sup> ou os colocam quase como “super heróis do amor” por terem ousado romper com as convenções e escolhido, como parceiro, uma pessoa de uma cultura diferente da sua de origem.

No entanto, não gostaria de limitar este trabalho às diferenças entre os cônjuges<sup>48</sup> – pois são evidentes que existem -, mas, sim, na busca desses casais por uma complementaridade em suas vidas conjugais em uma outra cultura.

<sup>45</sup> Numa concepção abrangente (sociológica), poderíamos definir o casal misto como um casal composto de duas pessoas de origens étnicas ou culturais diferentes. Numa concepção mais estreita (estritamente jurídica), o casal misto pode ser definido como um casal composto de duas pessoas de nacionalidades diferentes. 1998: p. 43 (Grifo e tradução minha)

<sup>46</sup> DEMOGRAPHIE ET MIGRATION/Service d’information de la section - Neuchatel/Suisse

<sup>47</sup> BARBARA, Augustin. (1993); BARROS, Zelinda dos Santos (2003); GOLDSCHMIDT, Eliana Rea. (2004); VARRO, Gabrielle. (1984)

<sup>48</sup> Encontramos nos casais entrevistados diferenças de nacionalidades, linguísticas, étnicas, culturais.

## Vivendo a interculturalidade

A palavra “misto” tem sido usada com vários sentidos desde que foi emprestada do latim (mixtu, ‘misturado’, participio passado do verbo miscere, ‘mexer’, ‘misturar’) por volta de 1120. Em Direito com *action mixte* (1465), *cause mixte* (1474), *jurisdiction mixte* (1477), mais tarde em matemática com *figure, nombre mixte* (1721), na navegação em 1868 com *bâtiment mixte*.<sup>49</sup> Para os lexicólogos o termo misto diz respeito à “mistura de elementos de natureza diversa; mesclado, misturado: cor mista; bebida mista, sanduíche misto. (...) De etnias diversas; mestiço.”<sup>50</sup> A palavra misto é usada, também, para se referir aos casamentos entre pessoas de diferentes religiões, como por exemplo, judeus e cristãos, ou seja, casamentos mistos.

Ao me referir a misto estarei fazendo menção a duas pessoas de nacionalidades e culturas diferentes, unidas pelo casamento, sem distinção étnica, religiosa, lingüística ou outra, não querendo com isso dizer que essas diferenças não estejam presentes. Misto, no casamento, é o resultado do encontro entre duas culturas que, estando em fricção, apreendem uma da outra seus saberes. Entretanto, o casamento misto<sup>51</sup> pode ser cultural, étnico, religioso, lingüístico, no entanto, utilizarei tanto o termo “casamento intercultural” como “casamento misto”, pois se trata de relacionamentos entre casais de nacionalidades diferentes, mas também de culturas diferentes, ainda que possam não estar mistas.

Segundo o Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, “inter” é um prefixo derivado do Latim que significa entre; no meio de; usado normalmente na formação de verbos, substantivos e adjetivos e que, na Língua Portuguesa, mantém seu sentido inalterado. Ou seja, no que diz respeito à etimologia, a preposição *entre* deriva da preposição latina *inter* “no meio de, junto de” no sentido espacial e “durante, no espaço/intervalo de, dentro de” no sentido

<sup>49</sup> VARRO, Gabrielle. 2003: p. 27,28

<sup>50</sup> NOVO AURÉLIO SÉCULO XXI. 1999: p. 1346

<sup>51</sup> O casamento misto, supostamente, implica em outras diferenças que a do sexo, visto que a *mixidade* sexual está implícita em todos os casamentos, embora já estejam acontecendo alguns casamentos entre pessoas do mesmo sexo e a Suíça tenha legalizado, em 2005, os casamentos homossexuais.

temporal.<sup>52</sup> É no sentido espacial “no meio de” e no temporal “dentro de” que trabalharei os casamentos interculturais.

Não obstante, Gabrielle Varro trate os termos *mixidade* e *interculturalidade*<sup>53</sup> como antípodas, trabalharei com os dois conceitos como complementares. Isto por quê, no intercultural, ainda não há, necessariamente, mixidade ou esta ainda é superficial.

Enquanto intercultural, as características de origem ainda estão conservadas, as fronteiras ainda existem - ou são mantidas -, sejam elas língüísticas, culturais, religiosas, nacionais. E o fato de intercultural definir o *entre* ou o *no meio de*, ou ainda, o *dentro de* uma outra cultura e as pessoas de culturas diferentes conservarem, de uma ou outra maneira, suas particularidades -, faz com que as fronteiras no casamento se mantenham. É, precisamente, esta existência de fronteiras que faz com que os casamentos sejam interculturais, pois ao guardar suas particularidades o casal se mantém entre culturas.

Sem embargo, a existência dessas fronteiras não é necessariamente negativa no casamento. Na qualidade de misto, as particularidades de cada um poderão não estar extintas, mas estarão bem mais diluídas ou bem mais integradas. A mixidade estará bem mais completa, integrada, nos filhos dos casais interculturais, pois estes serão fruto de duas culturas diferentes e vão beber os saberes em duas fontes distintas. Serão educados em duas culturas mesmo havendo, quase sempre, uma cultura mais dominante na educação da criança. A interculturalidade leva, pois à mixidade.

<sup>52</sup> Resumo da literatura a respeito de *inter*. M.B. Climent (1956) *Inter* era usado com verbo de movimento ou estativo; no sentido temporal, significava “durante”; podia ser usado com verbos que indicavam superioridade (*mais do que*).

M. Breal (1985) *Inter* concorria com *intra*, sendo o primeiro conservado em quase todas as línguas românicas com sentido de “duração”. Com valor temporal, *inter* concorria com *per* para denotar “pontos extremos”.

A. Ernout & A. Meillet (1951) *Inter*: preposição usada exclusivamente com acusativo no sentido de “no interior de”. No sentido locativo, significava “entre”, e no sentido temporal, “durante”. (Poggio apud KEWITZ, Verena) (Faria, 1975)

<sup>53</sup> *Mixte et interculturel* offrent ainsi deux perspectives aux antipodes l'une de l'autre. La première – la mixité – situe le point de vue dans l'*inter-subjectif*, qu'il s'agisse d'amitié, de voisinage, de camaraderies scolaire ou de mariages. La seconde perspective – l'interculturalité – subordonne le point de vue individuel à l'appartenance à des *entités coletives*, identifiée chacune à une « culture ». Alors que la *mixité* produit du mélange, du brouillage, du métissage, voire de identité nouvelle (l'énfant « mixte » ou « métis »), l'*inter-culturel* (le trait d'union est encore présent dans le nom de l'association qui en assure la promotion), réintroduit une idée de frontières (même si l'intention affichée est de les abattre ou de construire de passarelles). VARRO, Gabrielle 2003: p. 58

No entanto, como não abordo até que ponto já foi assimilada, por cada um dos envolvidos, a cultura um do outro e como, até na mixidade se conserva características das duas culturas, muitas vezes, até criando uma terceira. Os casamentos interculturais seriam uma primeira etapa de um casamento misto. Não excluo o termo misto, pois são de fato mistos. Não obstante, como até na mixidade se conserva particularidades das duas culturas, as fronteiras, o casamento não deixa nunca de ser intercultural. Por isso chamo de casamentos interculturais.

Assim, esses casais são interculturais, mas podem vir a ser mistos, visto que o que procuram é uma família mais estruturada e mais coletiva (homens), ou uma em que haja maior participação dos dois cônjuges nas decisões e afazeres do dia-a-dia (mulheres). E nessa junção de algumas qualidades de uma e de outra cultura, acontece a mixidade. Desta maneira, esses casais não “nascem” mistos, tornam-se.<sup>54</sup>

Por seu turno, ao me referir à “*mixidade*”<sup>55</sup> levo em conta as diferenças culturais dos sujeitos sem me deter, especificamente, em raça, religião, idioma. Gabrielle Varro nos mostra que a sociologia da mixidade é “*l'étude du cheminement qui part du vivre séparé pour aller vers le vivre ensemble, de l'individuel vers le social.*”<sup>56</sup> Dentro de mixidade incluo as diversas especificidades que existem no Brasil tais como: as várias etnias, religiões, “ídiomas”. Por outro lado, a Suíça também possui variedades culturais, lingüísticas, religiosas diversas. Desta maneira, ao me referir a casamentos mistos, incluo origens étnicas, religiosas, linguísticas ou culturais diferentes, assim como as duas nacionalidades diferentes e não me detendo em uma especificidade, mas no conjunto delas.

Sendo assim, o termo misto e intercultural estão intrinsecamente ligados. O intercultural por ser “entre” uma e outra cultura conserva, a meu ver, uma fronteira, ou seja, mantém uma certa distância entre um e/ou o outro (cônjuge) mantendo ou conservando, desta maneira, as particularidades de cada um como indivíduo, cidadão mesmo estando “dentro”.

---

<sup>54</sup> Com exceção da mixidade racial. O filho de um casal misto, por exemplo, entre branco e negro.

<sup>55</sup> VARRO, Gabrielle 2003: p. 20 - “La <<mixité>>, nom abstrait composé grace au suffixe productif – ité, permet de conceptualiser, sur un plan individuel et collectif, la volonté de vivre ensemble, qui est l'inverse de la segregation et du repli communautaire et national.”

<sup>56</sup> VARRO, Gabrielle 2003: p. 20 – “O estudo do caminho que parte do viver separado para ir em direção do viver junto, do individual em direção do social.” (Tradução minha)

## O fluxo migratório gerando laços interculturais

O homem tem se mobilizado de seu local de origem indo em busca de melhores condições de vida ao longo do processo histórico que constituiu o caráter do ser humano.

Na Antiguidade, por exemplo, comerciantes, conquistadores, aventureiros se deslocavam pelos mais variados motivos. Atualmente, o número de pessoas que tem necessidade de se deslocar para estar em contato com outras culturas tem aumentado. Através do Turismo, esse anseio pelo o novo desconhecido se realiza, ao mesmo tempo em que possibilita que pessoas de culturas diferentes se mantenham em contato. Nestas viagens turísticas, mais e mais, pessoas encontram sua complementaridade afetivo-conjugal com alguém que não seja de seu país de origem, aumentando, assim, os casamentos interculturais como, por exemplo, os casamentos entre suíços e brasileiras.

País da Europa central, situado nos Alpes ocidentais, com uma superfície de 41.284 km<sup>2</sup>, a Suíça, faz fronteira a Oeste e Noroeste com a França, ao Norte com a Alemanha, a Este com a Áustria e Liechtenstein, ao Sul com a Itália e tem o comprimento de 220 km e a largura de 348 km. A capital é Berna e a festa nacional é em 1º de Agosto.<sup>57</sup> Tem uma população de 7,4 milhões de habitantes onde 73,4% da população fala alemão, 20,5% francês, 4,1% italiano e 0,7% romanche. Quanto à religião, 43,7% são protestantes, 43,3% católicos romanos e os 13% restantes de outras várias religiões. Mas a Suíça não se limita a isto. Embora seja um país de pequenas dimensões, principalmente se comparada ao Brasil <sup>58</sup>, é conhecida, mundialmente, pela sua criatividade empresarial, <sup>59</sup> pelas suas montanhas e pelos esportes de inverno,<sup>60</sup> pelas suas florestas e chalés. A Suíça se destaca, também, por ser um país onde a cultura nacional é constituída de várias culturas no mesmo território nacional e vivendo em harmonia.

---

<sup>57</sup> FONTE: Demographie et Migration/Service d'information de la section - Neuchatel/Suisse - 2005 (Tradução minha)

<sup>58</sup> A superfície Suíça é menos da metade da de Pernambuco.

<sup>59</sup> Embora não tenha inventado o relógio, inventou a fabricação do relógio em série; é conhecida, também, por seus canivetes Victorinox; seus maravilhosos chocolates; pela eficácia de seu sistema bancário, pela indústria farmacêutica.

<sup>60</sup> O ski, o snowboard, os trenós, a patinagem.

A identidade cultural de cada indivíduo é formada pelo seu espaço geográfico, pela época de seu nascimento, pelo seu idioma e pela sua religião. No caso da Suíça, que é um pequeno país, sua identidade foi definida por essa pequena dimensão tornando o povo suíço mais individualizado e centrado em pequenos núcleos, pequenas comunidades estimuladas também, mesmo que não intencionalmente, pelos quatro idiomas falados no país (francês, italiano, alemão e romanche) que delimitaram, mais ainda, as intrafronteiras. Como se sabe, a religião foi outro ponto a favor da individualização e separação societária. As divergências à época do surgimento do calvinismo (segmento protestante fundado por João Calvino) privilegiaram os comerciantes burgueses, que ansiavam por uma doutrina religiosa, que capaz de justificar suas atividades lucrativas, duramente condenadas pela igreja Católica, que, até aos dias atuais, têm-se mostrado atuante no país. Com excessão de 13% da população que professa diferentes religiões, o restante é distribuído, quase que igualmente, entre a católica e a protestante.

Em contrapartida, o povo brasileiro também se constitui de várias culturas, ameríndia, européia e africana, e embora a constituição de cada um dos países tenha acontecido por meios bem diferentes acabam sendo conhecidos pela sua capacidade de conviver em harmonia<sup>61</sup>, tanto entre si, como com as diversas culturas existentes em sua própria cultura.

O Brasil é quinto país com maior extensão territorial no mundo, é fruto de sucessivas misturas espalhadas por seu vasto território. No curso de sua história alguns fatores como a presença de um único idioma (português) fizeram com que as doutrinas de uma única religião<sup>62</sup> (Católica) pudessem ser mais uniformemente expandidas unindo, desta maneira, o povo brasileiro mesmo que existindo diferenças regionais. O clima brasileiro também influenciou bastante na identidade de

---

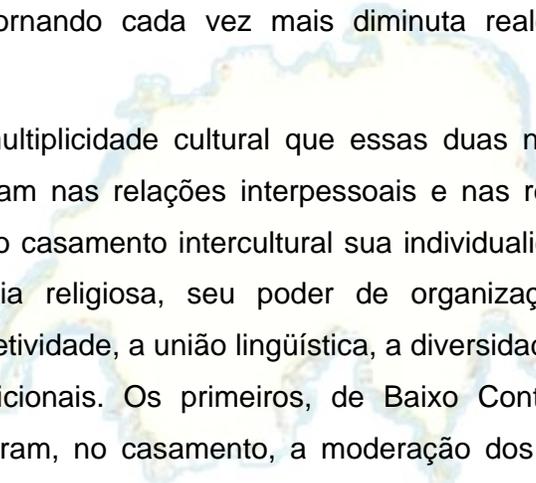
<sup>61</sup> COLÔNIA HELVETIA - A convivência das duas nações vem desde 1854 quando 26 famílias do Cantão de Obwalden, Suíça, partiram como imigrantes para Sítio Grande (propriedade de Antônio de Queiroz Telles), fazenda onde trabalhariam. Eram cerca de 150 pessoas a bordo de um navio à vela durante 73 dias – ao chegar 35 passageiros haviam morrido e mais 24 faleceram na fazenda. Vale mencionar o fato destas famílias terem sido as pioneiras na imigração brasileira. Estas migrações ocorreram porque no Brasil se fazia necessária a substituição da mão-de-obra escrava devido ao abolicionismo. Nesse ínterim, a Suíça sofria com os efeitos das disputas do Império de Napoleão, que assolava toda a Europa, e com a Guerra de Sonderbund, uma luta interna que envolvia os cantões católicos conservadores e os protestantes liberais. No final da disputa os protestantes expulsaram os jesuítas (considerados responsáveis pela guerra) do país deixando muitas sequelas no campo político e econômico suíço.

<sup>62</sup> Não me refiro à união de estado e igreja desfeita com a declaração da República em 1891 que instituiu o estado laico mas a união pela fé nas doutrinas cristãs católicas. Também não excluo outras religiões que existem no Brasil porém destaco aquela que mais tem influência no país.

seus indivíduos. A vinda dos colonizadores europeus trouxe uma forma de se vestir tipicamente européia que, pouco a pouco, devido às altas temperaturas e à micigenação do povo, foi se tornando cada vez mais diminuta realçando sua sensualidade.

E é nesse contexto de multiplicidade cultural que essas duas nações, tão diferentes entre si, se encontraram nas relações interpessoais e nas relações de família. Os suíços levaram para o casamento intercultural sua individualidade, seus muitos idiomas e sua dicotomia religiosa, seu poder de organização e, em contrapartida, as brasileiras a coletividade, a união lingüística, a diversidade religiosa e noções de família mais tradicionais. Os primeiros, de Baixo Contexto e os segundos, de Alto Contexto, uniram, no casamento, a moderação dos Alpes e a coletividade dos Trópicos.

Contudo, essa união vem acontecendo de maneira regular desde os movimentos de colonização onde os povos escravizados e desterrados, lançados em uma outra cultura se tornam em outro provocador da mixidade cultural.



Por mixidade cultural, compreendo, essencialmente, os fatores identitários que pais e mães não tendo a mesma nacionalidade, língua, religião, modos de vida etc transmitiram aos filhos e a maneira como esses casais gerem a transmissão (compromisso ou dominância)<sup>63</sup>.

Atualmente, milhões de pessoas chegam de todos os países, acabam de deixar os seus países há poucas horas atrás e se encontram em contato com outra cultura. O contato entre os povos se faz com mais rapidez devido às migrações de turismo, aos estágios ou aos estudos em países estrangeiros. O fluxo de cooperantes e as importantes imigrações de trabalhadores para certos países onde a oferta de trabalho existe são alguns dos fenômenos que colocam em movimento de milhões de homens e de mulheres. O desenvolvimento de organismos internacionais, de congressos, colóquios e reuniões de vários tipos (científicos,

---

<sup>63</sup> VARRO, Gabrielle. 2003: p. 206

comerciais, esportivos) contribui para fazer indivíduos se deslocarem de um local para outro por um espaço de tempo mais ou menos longo. Os deslocamentos de pessoas forçadas pelas guerras, assim como, a adoção de crianças estrangeiras são outros tipos de migração.<sup>64</sup> Todos esses movimentos de massas contribuíram para elevar o número de casamentos interculturais.

Em Janeiro de 1999, o fluxo global de turistas em Pernambuco foi de 237.863 aumentando, gradativamente, para 398.783 em Janeiro de 2003 e com estimativa de 438.988 para Janeiro de 2004.<sup>65</sup> E, segundo dados da INFRAERO, o fluxo de turistas estrangeiros dando entrada nos aeroportos do Brasil está cada vez mais alto do que os domésticos, o que, evidentemente, inclui os turistas suíços. Em 2004 o fluxo de passageiros foi de 82.706.261 com um aumento de 16,1% em relação ao ano anterior.

Segundo as operações de embarque e desembarque nos 66 aeroportos administrados pela Infraero, foi registrado um crescimento de 17,1% de Janeiro a Outubro de 2005 em comparação com o mesmo período do ano passado. Além disso, a movimentação de passageiros provenientes de vôos internacionais cresceu 14,3%, passando de 9,1 milhões, nos primeiros dez meses de 2004, para 10,5 milhões no mesmo período deste ano. O Brasil tem tido, continuamente, o maior índice de crescimento na movimentação de aeronaves internacionais, com isso, possibilitando um maior contato entre os turistas - facilitando, desta maneira, cada vez mais, o aumento de casamentos interculturais. Foram 120 mil pousos e decolagens no ano de 2005 contra 110 mil no ano anterior com aumento de 8,5%<sup>66</sup>

Por outro lado, o número de estrangeiros não parou de crescer na Suíça desde a metade do século passado, com exceção dos anos de recessão de 1975 a 1979 e, também, em 1983. O histórico de imigração toma proporções maiores, principalmente, depois da Segunda Grande Guerra, quando a Suíça é confrontada a uma grande penúria de mão-de-obra. Os primeiros trabalhadores estrangeiros vinham da Itália, depois da Espanha, de Portugal e da ex-Yugoslávia, modificando, com sua chegada, a estrutura da população na Suíça. Certos grupos de estrangeiros instalaram-se no país o que conduziu a uma segunda e terceira geração de pessoas

---

<sup>64</sup> BARBARA, Augustin 1993: p. 20

<sup>65</sup> EMPETUR - IBOH'S/Pesquisas de Turismo Receptivo de 1997-2001

<sup>66</sup> Dados da INFRAERO (grifo meu)

de origem estrangeiras nascidas na Suíça. Em 2003, a população de nacionalidade estrangeira (população estrangeira e população estrangeira nascida na Suíça) de idade superior a 15 anos, representa 1,19 milhões de pessoas. Se acrescentarmos os 292.000 com menos de 15 anos, a população estrangeira aumenta para 1,48 milhões de pessoas, ou seja, um quinto da população total da Suíça.<sup>67</sup>

O fato de se poder deslocar com mais facilidade de um local para o outro devido à rapidez e preços mais acessíveis dos transportes, das fronteiras estarem mais abertas às outras culturas, possibilita o acesso, mais fácil, às pessoas de culturas diferentes e, com isso, aumenta a possibilidade de encontros entre pessoas de culturas diversas e, com isso, aumentando, também, os casamentos interculturais. Outro facilitador de contato entre as culturas é a nova formação política administrativa, da Europa, ou seja, a União Européia, onde se instalou a livre passagem dos cidadãos dos países que dela fazem parte. Em alguns casos, mesmo não fazendo parte da Comunidade Européia, como, por exemplo, a Suíça, existem acordos bilaterais possibilitando, assim, o fluxo de indivíduos abrindo espaço para o aumento de contato e as possibilidades de casamentos interculturais.

Na tabela e gráficos abaixo poderemos ver que os casamentos interculturais têm aumentado nos últimos anos entre os suíços e os diversos países do mundo e, particularmente, entre os suíços e os brasileiros. Especificarei os casamentos efetuados pelos suíços nos continentes, pelos cinco países com quem os suíços contraíram mais casamentos em cada ano, por ano, sexo e, mais precisamente, os efetuados entre o Brasil e a Suíça nos anos de 1995 a 2003. Os dados a seguir são cumulativos de um ano para o outro, correspondem ao número de casamentos realizado a cada ano em que estão assinalados e são o conjunto dos casamentos registrados na Suíça.

---

<sup>67</sup> DÉMOS – Bulletin d'information démographique. 2005

**TABELA 3 – Estrangeiros casados com suíços segundo o Continente, o ano, e o sexo de 1995 a 2003**

| ESTRANGEIROS CASADOS COM SUÍÇOS DE 1995 A 2003 |                |                |               |       |               |       |               |       |              |       |            |     |
|--|----------------|----------------|---------------|-------|---------------|-------|---------------|-------|--------------|-------|------------|-----|
|  | EUROPA         |                | ÁSIA          |       | ÁFRICA        |       | A. LATINA     |       | A. NORTE     |       | OCEANIA    |     |
|  | H <sup>①</sup> | M <sup>②</sup> | H             | M     | H             | M     | H             | M     | H            | M     | H          | M   |
| <b>TOTAL</b>                                   | <b>75.329</b>  |                | <b>6.025</b>  |       | <b>5.529</b>  |       | <b>5.078</b>  |       | <b>1.856</b> |       | <b>389</b> |     |
| 1995   | 62.167         | 13.162         | 3.077         | 2.948 | 4.027         | 1.502 | 1.667         | 3.411 | 1.350        | 504   | 275        | 114 |
| <b>TOTAL</b>                                   | <b>79.572</b>  |                | <b>6.692</b>  |       | <b>6.659</b>  |       | <b>6.576</b>  |       | <b>2.039</b> |       | <b>421</b> |     |
| 1996   | 62.150         | 17.422         | 2.944         | 3.948 | 4.333         | 2.326 | 1.796         | 4.783 | 1.353        | 686   | 275        | 146 |
| <b>TOTAL</b>                                   | <b>82.629</b>  |                | <b>7328</b>   |       | <b>7.018</b>  |       | <b>7.424</b>  |       | <b>2.124</b> |       | <b>447</b> |     |
| 1997   | 62.187         | 20.442         | 2.755         | 4.573 | 4.284         | 2.734 | 1.805         | 5.619 | 1.354        | 770   | 286        | 161 |
| <b>TOTAL</b>                                   | <b>84.936</b>  |                | <b>7.669</b>  |       | <b>7.393</b>  |       | <b>8.007</b>  |       | <b>2.200</b> |       | <b>468</b> |     |
| 1998   | 62.356         | 22.580         | 2.689         | 4.980 | 4.347         | 3.046 | 1.848         | 6.159 | 1.357        | 843   | 289        | 179 |
| <b>TOTAL</b>                                   | <b>87.442</b>  |                | <b>8.307</b>  |       | <b>8.039</b>  |       | <b>8.733</b>  |       | <b>2.280</b> |       | <b>501</b> |     |
| 1999   | 62.342         | 25.100         | 2.720         | 5.587 | 4.625         | 3.414 | 1.969         | 6.764 | 1.352        | 928   | 299        | 202 |
| <b>TOTAL</b>                                   | <b>89.660</b>  |                | <b>8.629</b>  |       | <b>8.561</b>  |       | <b>9.386</b>  |       | <b>2.326</b> |       | <b>527</b> |     |
| 2000   | 62.490         | 27.170         | 2.725         | 5.904 | 4.826         | 3.735 | 2.142         | 7.244 | 1.371        | 955   | 308        | 219 |
| <b>TOTAL</b>                                   | <b>92.109</b>  |                | <b>9.322</b>  |       | <b>9.268</b>  |       | <b>10.109</b> |       | <b>2.380</b> |       | <b>570</b> |     |
| 2001   | 62.685         | 29.424         | 2.772         | 6.550 | 5.177         | 4.091 | 2.335         | 7.774 | 1.381        | 999   | 339        | 321 |
| <b>TOTAL</b>                                   | <b>96.068</b>  |                | <b>10.570</b> |       | <b>10.490</b> |       | <b>11.439</b> |       | <b>2.527</b> |       | <b>634</b> |     |
| 2002   | 63.673         | 32.395         | 3.010         | 7.560 | 5.854         | 4.636 | 2.685         | 8.754 | 1.418        | 1.109 | 379        | 255 |
| <b>TOTAL</b>                                   | <b>98.653</b>  |                | <b>11.730</b> |       | <b>11.380</b> |       | <b>12.158</b> |       | <b>2.614</b> |       | <b>610</b> |     |
| 2003   | 64.103         | 35.550         | 3.270         | 8.460 | 6.361         | 5.019 | 2.899         | 9.259 | 1.435        | 1.178 | 358        | 252 |

FONTE: Demographie et Migration/Service d'information de la section - Neuchatel/Suisse

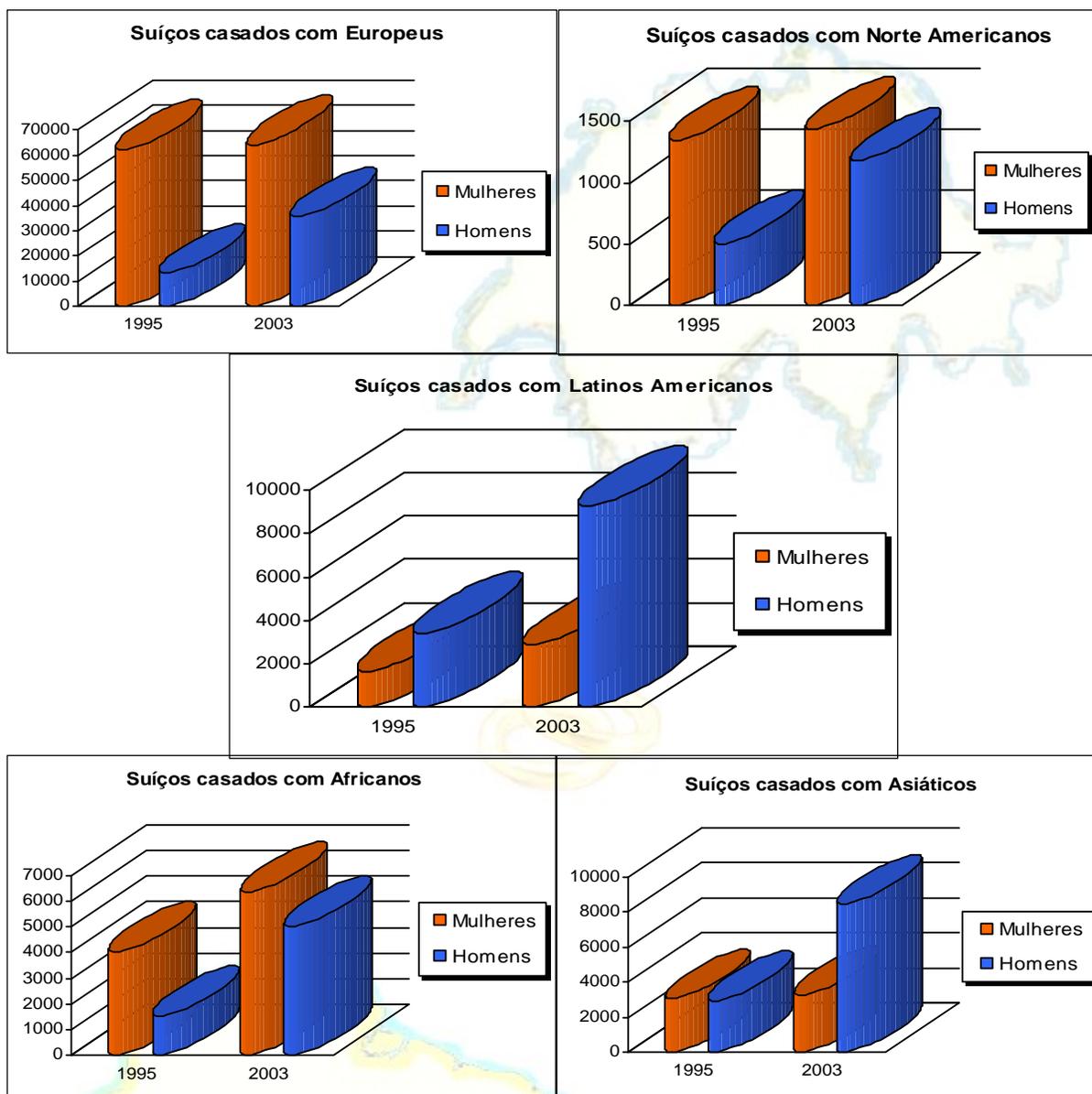
① **H** - Homens estrangeiros que se casam com mulheres suíças

② **M** – Mulheres estrangeiras que se casam com homens suíços

Constatamos que o número de casamentos interculturais tem aumentado, e, que, os dos homens suíços com mulheres dos países de Alto Contexto têm tido um aumento bem mais significativo do que o das mulheres suíças. Essas se casam, com bem mais freqüência, com homens dos países de Baixo Contexto (excetuando a África).<sup>68</sup> As mulheres suíças, em 1995, se casaram 79% a mais com homens europeus do que os homens suíços com mulheres europeias e em 2003, embora tenha diminuído a diferença, ainda assim, foi de 44,5% a mais. Os casamentos das mulheres suíças com os homens Norte-americanos foram de 63% a mais do que o dos homens em 1995 de em 2003 de 18%.

<sup>68</sup> Houve um grande número de casamentos de mulheres suíças com os homens da África do Norte (árabes e turcos) nos anos 80 e 90. No fim dos anos 90 a porcentagem de casamentos começou a decair.

GRÁFICO 5 – Suíços casados com estrangeiros por continente



Por outro lado, os casamentos entre mulheres suíças e os homens dos países de Alto Contexto têm sido menos freqüentes. As mulheres suíças casaram com homens dos países africanos no ano de 1995 63% a mais do que os homens suíços com mulheres africanas. Mas houve uma queda para mais da metade em 2003, com somente 21% a mais que os homens. Já com os asiáticos, houve somente 4% de casamentos de mulheres suíças em 1995 e, em 2003, houve uma reviravolta. Os

homens suíços casaram-se 159% a mais com mulheres asiáticas do que as suíças com asiáticos. Porém, a maior diferença de casamentos acontece com os países da América Latina: a diferença nos casamentos efetuados entre mulheres suíças e homens latino-americanos, em comparação com os dos homens suíços com mulheres latino-americanas, é de menos 105% em 1995 e atinge seu ápice em 2003, com menos 219%.

Os casamentos das mulheres suíças com homens europeus de 1995 a 2003 se mantiveram estáveis com um aumento de 3,1% em nove anos, em contrapartida, o número de homens suíços casando com mulheres européias atingiu um crescimento de 170%. Estes números revelam que, apesar da Suíça fazer fronteira com cinco países (França, Alemanha, Áustria, Itália e Liechtenstein) - e ser com estes com quem contraem mais casamentos -, ainda assim, a Europa em geral fica em sexto lugar como exportadora de maridos em relação aos demais continentes e em quarto como exportadora de esposas.

Todavia os maiores exportadores de esposas são a América Latina, a África e a Ásia, respectivamente, em primeiro, segundo e terceiro lugar em número de casamentos interculturais com homens suíços. Houve um aumento entre 1995 e 2003 de 187% nos casamentos com homens suíços com asiáticas e somente 6% de asiáticos com mulheres suíças. No que diz respeito à África, os suíços contraíram 234% de casamentos a mais em 2003 em relação a 1995. O mesmo acontece com a América Latina que, no mesmo período, teve o número de casamentos acrescido significativamente. Foram 74% a mais de casamentos entre latino-americanos e suíças e a cifra extraordinária de 234% a mais de casamentos entre latino-americanas e homens suíços.

Os países dos continentes que ficaram nos três primeiros lugares fazem parte do que Edward T. Hall<sup>69</sup> denominou de países de Alto Contexto, a saber, países com características coletivistas, colocando o interesse do todo acima das necessidades pessoais, com uma grande capacidade conciliatória (várias coisas ao mesmo tempo), além de terem a habilidade de desfrutarem de suas vidas de forma divertida, sem deixar de nutrir uma alta coesão familiar, colocando a família como ponto central e principal de suas vidas.

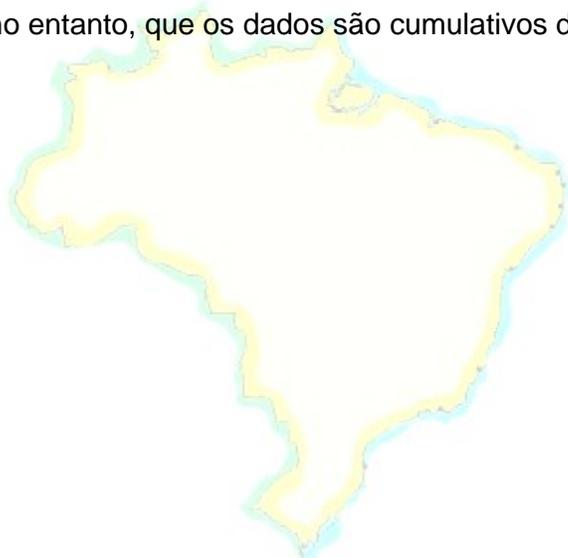
---

<sup>69</sup> apud PEREL, Esther. 2002

Em contrapartida, os países de Baixo Contexto que se encontram na América do Norte, na Oceania e na Europa, tiveram menos casamentos mostrando, desta forma, que os suíços buscam, cada vez, mais relacionamentos afetivo-conjugais com mulheres que “demonstrem afeto de maneira mais espontânea e encarem a vida mais descontraidamente”.<sup>70</sup> A América do Norte ficou em quarto lugar como exportador de maridos (6,2%) e em quinto (134%) em exportador de esposas, deixando para a Oceania o sexto e último lugar (121%) e o terceiro em casamentos com homens suíços (30%).

Casamentos interculturais acontecem continuamente entre suíços e estrangeiros. Em 1995, por exemplo, ocorreram 94.228 casamentos entre suíços e estrangeiros e o número tem aumentado ano após ano. Acresceram-se 102.183 em 1996, com um aumento de 8,4% em relação ao ano anterior e 106.991 em 1997, com acréscimo de 4,7%. Já em 1998 ocorreram 110.628 casamentos entre suíços e estrangeiros, com 3,4% a mais do que em 1997. 115.329 foram os casamentos celebrados em 1999 adicionando 4,1% em relação ao ano anterior e 119.117 em 2000, com um somatório de 3,2%. Em 2001 foram efetuados 123.790 casamentos, com um acréscimo de 3,9% e 131.760 em 2002 com 6,4% a mais do que no ano anterior. Por fim, em 2003 totalizaram-se 137.174 casamentos com um aumento de 4,1% em relação a 2002.

Nas tabelas a seguir veremos os cinco países de cada Continente, por sexo, com quem os suíços contraíram mais casamentos entre 1995 e 2003. Vale salientar, no entanto, que os dados são cumulativos de um ano para o outro.



<sup>70</sup> CÉU RODRIGUES. “*Turismo Afetivo*”: relacionamentos interculturais, 2001

Em 1995, ocorreram 1.447 casamentos entre suíços e brasileiros. No mesmo ano, 146 homens brasileiros casaram-se com mulheres suíças e 1.301 mulheres brasileiras se casaram com homens suíços. Já em 1996 aconteceram 2.159 casamentos entre suíços e brasileiras, entre os quais, 300 foram de homens brasileiros com mulheres suíças e 1.859 mulheres brasileiras casaram-se com suíços. Foi o maior aumento registrado de um ano para o outro, nesses nove anos, com 38,4%.

**TABELA 4 e 5 - Os cinco países de cada Continente, por sexo, com mais número de casamentos interculturais com suíços em 1995 e 1996**

| <b>Casamentos de suíços com estrangeiros em 1995</b> |        |        |       |
|--|--------|--------|-------|
| <b>EUROPA</b>  | Total  | H      | M     |
| Itália   | 26.365 | 24.224 | 2.141 |
| Alemanha   | 14.899 | 12.140 | 2.759 |
| França   | 7.116  | 5.708  | 1.408 |
| Austria  | 6.075  | 4.980  | 1.095 |
| Espanha  | 3.257  | 2.709  | 548   |
| <b>ASIA</b>  | Total  | H      | M     |
| Tailândia  | 1.447  | 146    | 1.301 |
| Líbano   | 852    | 834    | 18    |
| Filipinas  | 851    | 69     | 782   |
| Paquistão  | 356    | 343    | 10    |
| Japão  | 328    | 136    | 192   |
| <b>AFRICA</b>  | Total  | H      | M     |
| Marrocos   | 1.237  | 644    | 593   |
| Tunísia  | 943    | 886    | 57    |
| Algéria  | 573    | 507    | 66    |
| Congo (Kinshasa)                                     | 365    | 310    | 55    |
| Ghana  | 354    | 278    | 76    |
| <b>AMÉRICA DO NORTE</b>                              | Total  | H      | M     |
| Estados Unidos                                       | 1.433  | 1.062  | 371   |
| Canadá   | 421    | 288    | 133   |
| <b>AMÉRICA LATINA</b>                                | Total  | H      | M     |
| <b>BRASIL</b>  | 1.447  | 146    | 1.301 |
| Rep. Dominicana                                      | 930    | 134    | 796   |
| Peru   | 568    | 230    | 338   |
| Chili  | 314    | 211    | 103   |
| Argentina  | 296    | 205    | 91    |
| <b>OCEANIA</b>                                       | Total  | H      | M     |
| Austrália  | 293    | 204    | 89    |
| Nova Zelândia  | 84     | 63     | 21    |
| Fidji  | 7      | 6      | 1     |
| Samoa  | 4      | 2      | 2     |
| Nova Guiné   | 1      | -      | 1     |

| <b>Casamentos de suíços com estrangeiros em 1996</b> |        |        |       |
|--|--------|--------|-------|
| <b>EUROPA</b>  | Total  | H      | M     |
| Itália   | 26.219 | 23.579 | 2.640 |
| Alemanha   | 15.477 | 11.875 | 3.602 |
| França   | 8.471  | 6.395  | 2.076 |
| Austria  | 6.216  | 4.857  | 1.359 |
| Espanha  | 3.682  | 2.887  | 795   |
| <b>ASIA</b>  | Total  | H      | M     |
| Tailândia  | 1.852  | 155    | 1.697 |
| Filipinas  | 1.071  | 75     | 996   |
| Líbano   | 682    | 654    | 28    |
| Japão  | 417    | 146    | 271   |
| Paquistão  | 352    | 333    | 19    |
| <b>AFRICA</b>  | Total  | H      | M     |
| Marrocos   | 1.657  | 714    | 943   |
| Tunísia  | 985    | 885    | 100   |
| Algéria  | 695    | 584    | 111   |
| Congo (Kinshasa)                                     | 380    | 312    | 68    |
| Ghana  | 349    | 256    | 93    |
| <b>AMÉRICA DO NORTE</b>                              | Total  | H      | M     |
| Estados Unidos                                       | 1.573  | 1.068  | 505   |
| Canadá   | 466    | 285    | 181   |
| <b>AMÉRICA LATINA</b>                                | Total  | H      | M     |
| <b>BRASIL</b>  | 2.159  | 300    | 1.859 |
| Rep. Dominicana                                      | 1.179  | 151    | 1.028 |
| Peru   | 761    | 261    | 500   |
| Colômbia   | 394    | 81     | 313   |
| Chili  | 361    | 215    | 146   |
| <b>OCEANIA</b>                                       | Total  | H      | M     |
| Austrália  | 321    | 210    | 111   |
| Nova Zelândia  | 87     | 58     | 29    |
| Fidji  | 7      | 6      | 1     |
| Samoa  | 3      | 1      | 2     |
| Nova Guiné   | 1      | -      | 1     |

Os casamentos interculturais continuam aumentando a cada ano. Podemos constatar que a maioria dos casamentos realizados são entre os brasileiros e os suíços e que, a maior porcentagem, são de mulheres brasileiras que se casam com homens suíços. Em 1997, 2.517 brasileiros casaram com suíços dos quais 301 eram homens e 2.216 mulheres. Houve um aumento de casamentos em relação ao ano anterior de 16,5%. Já em 1998, aconteceram 2.769 casamentos e 312 eram homens brasileiros, enquanto que 2.457 eram mulheres, com 10% a mais em relação ao ano anterior.

**TABELA 6 e 7 - Os cinco países de cada Continente, por sexo, com mais número de casamentos interculturais com suíços em 1997 e 1998**

| <b>Casamentos de suíços com estrangeiros em 1997</b> |        |        |       |
|--|--------|--------|-------|
| <b>EUROPA</b>  | Total  | H      | M     |
| Itália   | 26.371 | 23.331 | 3.040 |
| Alemanha   | 15.904 | 11.791 | 4.113 |
| França   | 9.279  | 6.768  | 2.511 |
| Austria  | 6.329  | 4.784  | 1.545 |
| Espanha  | 3.963  | 2.995  | 968   |
| <b>ASIA</b>  | Total  | H      | M     |
| Tailândia  | 2.051  | 151    | 1.900 |
| Filipinas  | 1.176  | 68     | 1.108 |
| Líbano   | 526    | 491    | 35    |
| Japão  | 475    | 142    | 333   |
| Paquistão  | 349    | 323    | 26    |
| <b>AFRICA</b>  | Total  | H      | M     |
| Marrocos   | 1.811  | 708    | 1.103 |
| Tunísia  | 971    | 837    | 134   |
| Algéria  | 736    | 607    | 129   |
| Congo (Kinshasa)                                     | 353    | 280    | 73    |
| Nigéria  | 316    | 277    | 39    |
| <b>AMÉRICA DO NORTE</b>                              | Total  | H      | M     |
| Estados Unidos                                       | 1.622  | 1.068  | 554   |
| Canadá   | 502    | 286    | 216   |
| <b>AMÉRICA LATINA</b>                                | Total  | H      | M     |
| <b>BRASIL</b>  | 2.517  | 301    | 2.216 |
| Rep. Dominicana                                      | 1.299  | 164    | 1.135 |
| Peru   | 826    | 252    | 574   |
| Colômbia   | 493    | 93     | 400   |
| Chili  | 392    | 224    | 168   |
| <b>OCEANIA</b>                                       | Total  | H      | M     |
| Austrália  | 335    | 215    | 120   |
| Nova Zelândia  | 98     | 64     | 34    |
| Fidji  | 6      | 5      | 1     |
| Samoa  | 4      | 1      | 3     |
| Nova Guiné   | 1      | 1      | -     |

| <b>Casamentos de suíços com estrangeiros em 1998</b> |        |        |       |
|--|--------|--------|-------|
| <b>EUROPA</b>  | Total  | H      | M     |
| Itália   | 26.327 | 23.071 | 3.256 |
| Alemanha   | 16.489 | 11.868 | 4.621 |
| França   | 9.641  | 6.934  | 2.707 |
| Austria  | 6.439  | 4.747  | 1.692 |
| Espanha  | 4.181  | 3.100  | 1.081 |
| <b>ASIA</b>  | Total  | H      | M     |
| Tailândia  | 2.195  | 161    | 2.034 |
| Filipinas  | 1.193  | 66     | 1.127 |
| Japão  | 538    | 150    | 388   |
| Líbano   | 501    | 444    | 57    |
| Paquistão  | 340    | 306    | 34    |
| <b>AFRICA</b>  | Total  | H      | M     |
| Marrocos   | 1.904  | 698    | 1.206 |
| Tunísia  | 993    | 828    | 165   |
| Algéria  | 746    | 607    | 139   |
| Nigéria  | 375    | 328    | 47    |
| Camarões   | 355    | 77     | 278   |
| <b>AMÉRICA DO NORTE</b>                              | Total  | H      | M     |
| Estados Unidos                                       | 1.655  | 1.060  | 595   |
| Canadá   | 545    | 297    | 248   |
| <b>AMÉRICA LATINA</b>                                | Total  | H      | M     |
| <b>BRASIL</b>  | 2.769  | 312    | 2.457 |
| Rep. Dominicana                                      | 1.394  | 190    | 1.204 |
| Peru   | 860    | 249    | 611   |
| Colômbia   | 557    | 100    | 457   |
| Chili  | 392    | 222    | 170   |
| <b>OCEANIA</b>                                       | Total  | H      | M     |
| Austrália  | 355    | 215    | 140   |
| Nova Zelândia  | 98     | 67     | 31    |
| Fidji  | 6      | 5      | 1     |
| Samoa  | 5      | 1      | 4     |
| Nova Guiné   | 1      | -      | 1     |

Nos anos de 1999 e 2000 houve, respectivamente, 3.079 e 3.378 casamentos entre brasileiros e suíços. Destes, 355 brasileiros e 2.724 brasileiras se casaram com suíços/as, respectivamente, com um aumento de 11,1%, em 1999 enquanto que, em 2000, foram 405 homens brasileiros e 2.973 brasileiras, com um aumento de 9,7% em relação ao ano anterior. O censo suíço mostra ainda que, enquanto o casamento entre os suíços diminui a cada ano e os que acontecem são, cada vez mais tarde, os casamentos interculturais aumentam, vertiginosamente, fazendo das famílias interculturais o principal grupo de famílias, em porcentagem, formadas na Suíça.

**TABELA 8 e 9** - Os cinco países de cada Continente, por sexo, com mais número de casamentos interculturais com suíços em 1999 e 2000

| <b>Casamentos de suíços com estrangeiros em 1999</b> |        |        |       | <b>Casamentos de suíços com estrangeiros em 2000</b> |        |        |       |
|--|--------|--------|-------|--|--------|--------|-------|
| <b>EUROPA</b>  | Total  | H      | M     | <b>EUROPA</b>  | Total  | H      | M     |
| Itália   | 26.343 | 22.811 | 3.532 | Itália   | 26.199 | 22.494 | 3.705 |
| Alemanha   | 17.039 | 11.866 | 5.173 | Alemanha   | 17.634 | 11.964 | 5.670 |
| França   | 9.826  | 6.914  | 2.912 | França   | 9.858  | 6.815  | 3.044 |
| Austria  | 6.499  | 4.680  | 1.819 | Austria  | 6.610  | 4.494  | 1.961 |
| Espanha  | 4.356  | 3.159  | 1.197 | Espanha  | 4.433  | 3.170  | 1.263 |
| <b>ASIA</b>  | Total  | H      | M     | <b>ASIA</b>  | Total  | H      | M     |
| Tailândia  | 2.427  | 169    | 2.258 | Tailândia  | 2.557  | 181    | 2.376 |
| Filipinas  | 1.237  | 71     | 1.166 | Filipinas  | 1.154  | 77     | 1.077 |
| Japão  | 602    | 150    | 452   | Japão  | 658    | 140    | 518   |
| Líbano   | 525    | 440    | 85    | Líbano   | 519    | 411    | 108   |
| Paquistão  | 360    | 313    | 47    | China  | 428    | 61     | 367   |
| <b>AFRICA</b>  | Total  | H      | M     | <b>AFRICA</b>  | Total  | H      | M     |
| Marrocos   | 2.010  | 717    | 1.293 | Marrocos   | 2.099  | 732    | 1.367 |
| Tunísia  | 1.013  | 835    | 178   | Tunísia  | 1.063  | 870    | 193   |
| Algéria  | 772    | 628    | 144   | Algéria  | 778    | 632    | 146   |
| Camarões   | 447    | 87     | 360   | Camarões   | 538    | 100    | 438   |
| Nigéria  | 454    | 393    | 61    | Nigéria  | 469    | 405    | 64    |
| <b>AMÉRICA DO NORTE</b>                              | Total  | H      | M     | <b>AMÉRICA DO NORTE</b>                              | Total  | H      | M     |
| Estados Unidos                                       | 1.681  | 1.053  | 628   | Estados Unidos                                       | 1700   | 1.071  | 629   |
| Canadá   | 599    | 299    | 300   | Canadá   | 626    | 300    | 326   |
| <b>AMÉRICA LATINA</b>                                | Total  | H      | M     | <b>AMÉRICA LATINA</b>                                | Total  | H      | M     |
| <b>BRASIL</b>  | 3.079  | 355    | 2.724 | <b>BRASIL</b>  | 3.378  | 405    | 2.973 |
| Rep. Dominicana                                      | 1.428  | 208    | 1.220 | Rep. Dominicana                                      | 1.466  | 248    | 1.218 |
| Peru   | 863    | 241    | 622   | Peru   | 834    | 230    | 604   |
| Colômbia   | 687    | 120    | 567   | Colômbia   | 782    | 137    | 645   |
| Chili  | 409    | 231    | 178   | Cuba   | 437    | 141    | 296   |
| <b>OCEANIA</b>                                       | Total  | H      | M     | <b>OCEANIA</b>                                       | Total  | H      | M     |
| Austrália  | 375    | 215    | 160   | Austrália  | 399    | 226    | 173   |
| Nova Zelândia  | 113    | 215    | 160   | Nova Zelândia  | 114    | 76     | 38    |
| Fidji  | 6      | 5      | 1     | Fidji  | 8      | 5      | 3     |
| Samoa  | 4      | -      | 4     | Samoa  | 3      | -      | 3     |
| Nova Guiné   | 1      | -      | 1     | Nova Guiné   | 1      | -      | 1     |

Na mesma dinâmica de análise sublinha-se que 3.668 casamentos interculturais foram realizados em 2001 entre suíços e estrangeiros e 4.140 em 2002. Dentre esses, 433 foram com brasileiros e 3.235 com brasileiras no ano de 2001, com um acréscimo de 8,5% em relação ao ano anterior e, em 2002, foram 498 e 3.642, respectivamente, com 12,8% a mais do que no ano antecedente.

**TABELA 10 e 11** - Os cinco países de cada Continente, por sexo, com mais número de casamentos interculturais com suíços em 2001 e 2002

| <b>Casamentos de suíços com estrangeiros em 2001</b> |        |        |       | <b>Casamentos de suíços com estrangeiros em 2002</b> |        |        |       |
|--|--------|--------|-------|--|--------|--------|-------|
| <b>EUROPA</b>  | Total  | H      | M     | <b>EUROPA</b>  | Total  | H      | M     |
| Itália   | 26.045 | 22.198 | 3.847 | Itália   | 25.822 | 21.901 | 3.921 |
| Alemanha   | 18.312 | 12.121 | 6.191 | Alemanha   | 19.150 | 12.361 | 6.789 |
| França   | 9.837  | 6.728  | 3.109 | França   | 9.880  | 6.682  | 3.198 |
| Austria  | 6.641  | 4.596  | 2.045 | Austria  | 6.713  | 4.569  | 2.144 |
| Espanha  | 4.540  |        |       | Espanha  | 4.696  | 3.247  | 1.449 |
| <b>ASIA</b>  | Total  | H      | M     | <b>ASIA</b>  | Total  | H      | M     |
| Tailândia  | 2.850  | 191    | 2.659 | Tailândia  | 3.341  | 189    | 3.152 |
| Filipinas  | 1.120  | 88     | 1.032 | Filipinas  | 1.071  | 76     | 995   |
| Japão  | 735    | 143    | 592   | Japão  | 838    | 150    | 688   |
| Líbano   | 521    | 387    | 134   | China  | 662    | 83     | 579   |
| China  | 518    | 69     | 449   | Líbano   | 574    | 397    | 177   |
| <b>AFRICA</b>  | Total  | H      | M     | <b>AFRICA</b>  | Total  | H      | M     |
| Marrocos   | 2.163  | 763    | 1.865 | Marrocos   | 2.291  | 834    | 1.457 |
| Tunísia  | 1.167  | 935    | 232   | Tunísia  | 1.352  | 1.066  | 286   |
| Algéria  | 804    | 644    | 160   | Algéria  | 878    | 699    | 179   |
| Camarões   | 667    | 114    | 553   | Camarões   | 857    | 143    | 714   |
| Nigéria  | 494    | 419    | 75    | Nigéria  | 595    | 492    | 103   |
| <b>AMÉRICA DO NORTE</b>                              | Total  | H      | M     | <b>AMÉRICA DO NORTE</b>                              | Total  | H      | M     |
| Estados Unidos                                       | 1.725  | 1.077  | 648   | Estados Unidos                                       | 1.804  | 1.093  | 711   |
| Canadá   | 655    | 304    | 351   | Canadá   | 723    | 325    | 398   |
| <b>AMÉRICA LATINA</b>                                | Total  | H      | M     | <b>AMÉRICA LATINA</b>                                | Total  | H      | M     |
| <b>BRASIL</b>  | 3.668  | 433    | 3.235 | <b>BRASIL</b>  | 4.140  | 498    | 3.642 |
| Rep. Dominicana                                      | 1.519  | 274    | 1.245 | Rep. Dominicana                                      | 1.657  | 319    | 1.338 |
| Colômbia   | 866    | 169    | 697   | Colômbia   | 993    | 201    | 792   |
| Peru   | 863    | 226    | 637   | Peru   | 924    | 244    | 680   |
| Cuba   | 535    | 193    | 342   | Cuba   | 646    | 249    | 397   |
| <b>OCEANIA</b>                                       | Total  | H      | M     | <b>OCEANIA</b>                                       | Total  | H      | M     |
| Austrália  | 429    | 247    | 182   | Austrália  | 467    | 267    | 200   |
| Nova Zelândia  | 125    | 86     | 39    | Nova Zelândia  | 151    | 106    | 45    |
| Fidji  | 7      | 4      | 3     | Fidji  | 7      | 4      | 3     |
| Samoa  | 3      | -      | 3     | Samoa  | 4      | -      | 4     |
| Nova Guiné   | 1      | -      | 1     | Vanautu  | 2      | 2      | -     |

Por fim, em 2003, houve um aumento de 6% em relação a 2002, com 4.392 casamentos interculturais, repartidos na seguinte proporção: 528 foram homens brasileiros e 3.864 mulheres que contraíram bodas com suíços/as. O Brasil é o país que mais contraiu casamentos com os suíços, excetuando os acima citados que fazem fronteira direta com a Suíça. A Espanha é o único país que aparece durante oito anos seguidos em 5º lugar (1995 a 2002) e não faz fronteira com a Suíça, e, em 2003 o 5º lugar ficou com a Sérvia e Montenegro que, também, não faz fronteira com a Suíça.

**TABELA 12** - Os cinco países de cada Continente, por sexo, com mais número de casamentos interculturais com suíços em 2003

| <b>Casamentos de suíços com estrangeiros em 2003</b> |        |        |       |
|--|--------|--------|-------|
| <b>EUROPA</b>  | Total  | H      | M     |
| Itália   | 25.749 | 21.695 | 4.054 |
| Alemanha   | 19.694 | 12.453 | 7.241 |
| França   | 9.759  | 6.521  | 3.238 |
| Austria  | 6.700  | 4.509  | 2.191 |
| Sérvia e Montenegro                                  | 4.908  | 3.335  | 1.573 |
| <b>ASIA</b>  | Total  | H      | M     |
| Tailândia  | 3.766  | 189    | 3.577 |
| Filipinas  | 1.056  | 79     | 977   |
| Japão  | 927    | 155    | 772   |
| China  | 818    | 108    | 710   |
| Líbano   | 610    | 412    | 198   |
| <b>AFRICA</b>  | Total  | H      | M     |
| Marrocos   | 2.424  | 905    | 1.519 |
| Tunísia  | 1.479  | 1.162  | 317   |
| Camarões   | 1.012  | 187    | 825   |
| Argélia  | 940    | 753    | 187   |
| Nigéria  | 644    | 535    | 109   |
| <b>AMÉRICA DO NORTE</b>                              | Total  | H      | M     |
| Estados Unidos                                       | 1.838  | 1.077  | 761   |
| Canadá   | 776    | 358    | 418   |
| <b>AMÉRICA LATINA</b>                                | Total  | H      | M     |
| <b>BRASIL</b>  | 4.392  | 528    | 3.864 |
| Rep. Dominicana                                      | 1.677  | 340    | 1.337 |
| Colômbia   | 1.053  | 216    | 837   |
| Peru   | 940    | 248    | 692   |
| Cuba   | 728    | 292    | 436   |
| <b>OCEANIA</b>                                       | Total  | H      | M     |
| Austrália  | 438    | 247    | 191   |
| Nova Zelândia  | 154    | 106    | 48    |
| Fidji  | 7      | 3      | 4     |
| Samoa  | 4      | -      | 4     |
| Nova Guiné   | 2      | 2      | -     |

Como se pode verificar, através das tabelas, tem havido um aumento sucessivo de casamentos entre suíços e estrangeiros de variados países. O maior número de casamentos interculturais é entre os países que fazem fronteiras com a Suíça - Itália, Alemanha, França, Liechtenstein e Áustria. O total de fronteiras ao redor da Suíça é de 1.881,5 km, ou seja, 741,3 km com a Itália, 571,8 km com a França, 362,5 km com a Alemanha, 164,8 km com a Áustria e 41,1 km com Liechtenstein. Além da proximidade fronteiriça, outro fator facilitador para tantos casamentos é que nesses países são faladas três dos quatro idiomas falados na Suíça.

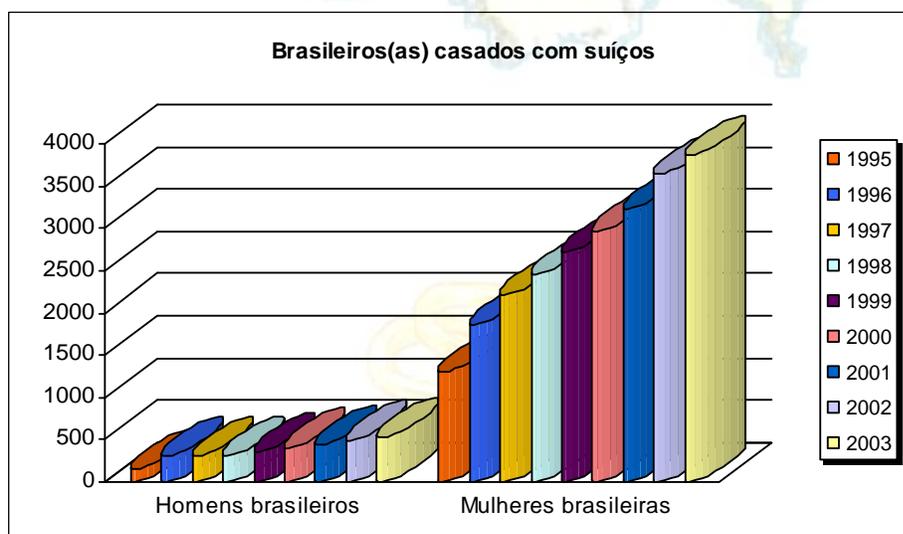


FONTE: Mapa do site routard.com

No período estudado, por esta pesquisa, os suíços casaram-se com 27.549 brasileiros. O Brasil continuou sendo o 6º país com maior número de casamentos interculturais durante todo o período estudado, com um acréscimo de 181,7% entre

os anos de 1995 a 2003. Por outro lado, a Suíça é o segundo país, logo atrás da Alemanha, a celebrar o maior número de casamentos com as brasileiras, segundo o relatório da *Conférence Européenne des Relations Binacionais/Biculturelles*: "les familles mixtes, ici et là bas" em 2004 na França. O número de casamentos interculturais na Europa Ocidental mostra que, o comportamento dos homens suíços, não é um fato isolado.<sup>71</sup>

**GRÁFICO 6** – Brasileiros casados com suíços de 1995 a 2003

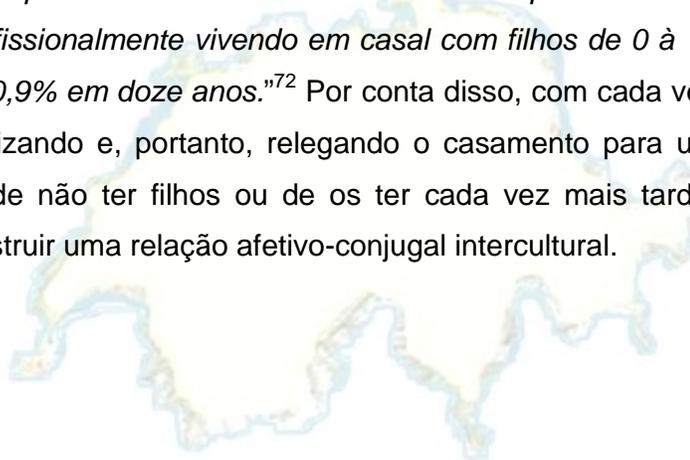


Concluindo, os dados da tabela reafirmam que, cada vez mais, os suíços/as, e, particularmente, os homens suíços, vão encontrar seus parceiros conjugais no estrangeiro.

Não obstante, esse contínuo aumento de casamento interculturais vem acontecendo, entre outros motivos, devido à dedicação da mulher suíça à vida profissional deixando, desta maneira, o casamento e os filhos para mais tarde. E, mesmo quando o casamento acontece, a mulher continua a se dedicar à vida

<sup>71</sup> A tendência em procurar sua complementaridade afetivo-conjugal em terras brasileiras atinge outros países europeus, como, por exemplo, a Alemanha, país altamente industrializado, individualizado e integrante do G-8.

profissional diminuindo, conseqüentemente, para poder trabalhar, a quantidade de filhos. Nesse sentido, vale salientar que, na Suíça, “entre 1991 e 2003, a participação das mães à vida profissional aumentou bastante. A quantidade de mulheres ativas ocupadas profissionalmente vivendo em casal com filhos de 0 à 14 anos passou de 57,4% para 70,9% em doze anos.”<sup>72</sup> Por conta disso, com cada vez mais mulheres se profissionalizando e, portanto, relegando o casamento para um plano secundário, a decisão de não ter filhos ou de os ter cada vez mais tarde, muitos homens optam por construir uma relação afetivo-conjugal intercultural.



---

<sup>72</sup> RAPPORT SUR LES FAMILLES 2004. p. 49

## CAPÍTULO 3

### TRABALHANDO O CASAMENTO INTERCULTURAL

---



*“É pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separa do homem. Somente o trabalho pode garantir a ela uma independência completa”*

*Simone de Beauvoir*

A transformação da família e os vários “*arranjos conjugais*”<sup>73</sup> constituem, hoje, uma das maneiras mais importantes para descrever a sociedade moderna e, através do casamento intercultural, pode-se perceber muitas dessas mudanças. Isto acontece porque o casamento intercultural é um fato que se verifica quando pessoas de culturas diferentes entram em contato, e “*c’est bien cette situation de “contact”, cet ensemble, qui constitue une configuration d’interculturalité.*”<sup>74</sup>

Neste capítulo abordo a interculturalidade dos casamentos, segundo a perspectiva dos entrevistados, suas expectativas em relação ao mesmo, as vantagens e desvantagens por eles encontrados na relação afetivo-conjugal intercultural, as mudanças em suas vidas advindas desses casamentos, assim como a percepção dos envolvidos acerca das diferenças entre o casamento com alguém de sua cultura de origem e o casamento com uma pessoa de uma outra cultura. Abordarei, também, as mudanças e conquistas que as mulheres sofreram ao longo dos anos, no Brasil e na Suíça, tanto na vida privada como na vida pública e como este fato ressignificou a família e o casamento.

Nesse quadro de referencialização é ressaltado como funcionam os processos de união intercultural, quais são as suas raízes e analisar questões, como

---

<sup>73</sup> DUHRAM, Eunice. 1983

<sup>74</sup> HAMMOUCHE, Abdelhafid. 1998: p. 121 – “É de fato esta situação de “contacto”, esse estar junto, que constitui uma configuração de interculturalidade.” (Tradução minha)

por exemplo, o que leva os homens europeus a buscar relacionamentos fora da sua cultura, e quais as reações do casal diante desse novo tipo de relação. Entendendo essa dinâmica de construção de identidades nos casais interculturais, emergirá, também, como esses se sentem em relação ao seu posicionamento diante da interculturalidade.

Embora muitos dos casais interculturais sejam considerados como aventureiros afoitos, por ousarem entrar numa relação não-convencional, ou seja, no desconhecido, sentem, também, que o dividendo é compensador. E “*se o casamento intercultural pode provocar uma cisão familiar, também pode enriquecê-la; há novas portas abertas à diversidade, às novas formas de comportamento e de relações*”.<sup>75</sup>

Nessa perspectiva, para alguns dos entrevistados, poder ampliar sua visão do mundo é uma das vantagens do casamento intercultural, enquanto que outros ressaltam a importância da divisão de tarefas ser mais equilibrada, ou como cresceram como seres humanos ao conviverem com alguém de uma cultura diferente, ou ainda, da importância de aprender uma nova língua. Para a mulher brasileira, por exemplo, o casamento está “*sendo experiência muito enriquecedora*”,<sup>76</sup> um espaço interrelacional onde pode exercer sua individualidade e não ser dependente: “*ele me ensinou a me virar*”,<sup>77</sup> ou, em resumidas contas, um espaço experimental de aprendizagem mútua.

Pode-se aprender, por exemplo, sobre “*reciclagem*”,<sup>78</sup> ou ainda ter a experiência de conviver com pessoas que “*são muito diretas*” e, por isso, não precisam se preocupar em esconder o que se pensa e saber que, por serem diretos, sempre dirão o que pensam sem rodeios. Qualidades, estas, sublinhadas por Edward T. Hall como sendo dos países de Baixo Contexto.

Por outro lado, os homens entrevistados ressaltam as seguintes qualidades:

<sup>75</sup> PEREL, Esther. 2002: p. 201

<sup>76</sup> Thais - Skype (Suíça) 06/06/2005

<sup>77</sup> Patrícia - MSN (Suíça) 25/04/2005

<sup>78</sup> Sheyla - Skype (Suíça) 18/05/05

A minha esposa desde o início, me mostrou a importância do nosso relacionamento para ela e sempre mostrou seus sentimentos, por isso me apaixonei, o que nunca aconteceu com uma suíça.<sup>79</sup>

O temperamento é muito diferente e por causa disso é mais interessante, mais ciumento, mais calor.<sup>80</sup>

Contudo, é uma constante a ênfase que os homens suíços dão ao fato da mulher suíça ser bastante emancipada e embora reconheçam que

a mulher tenha de ter seus direitos validados e precise ser vista de igual para igual, afinal é ser humano e tirando as diferenças físicas de cada um... Então, isso aí faz parte das nossas mulheres mesmo, faz parte da mulher e a gente tem que dar todo apoio. Na parte do campo trabalhista, eu acho que a mulher já atingiu tudo, obviamente que no salário, pela pesquisa que eu tenho lido, ainda está desigual. Então talvez no campo burocrático ainda tenha alguma coisa a ser feita.<sup>81</sup>

Mas, de uma maneira geral, para os entrevistados, a mulher na Suíça já é emancipada,

ela já passou até do ponto. Quer dizer, passou do ponto no sentido que eu acho que não tem mais o que se emancipar, não tem mais que ser tão feminista assim, porque está perdendo a feminilidade.<sup>82</sup>

A maior facilidade em mostrar os sentimentos, o temperamento mais acalorado e o fato da mulher brasileira ter “qualidades” mais femininas são aspectos que atraem os homens que buscam uma família mais tradicional. Ou seja, uma

<sup>79</sup> Urs - MSN (Suíça) 11/04/2005

<sup>80</sup> Markus - MSN (Suíça) 25/04/2005

<sup>81</sup> Cláudio - Skype (Suíça) 28/04/2005

<sup>82</sup> Cláudio - Skype (Suíça) 28/04/2005

família formada com alguém que possua as qualidades dos países de Alto Contexto. Segundo Roberto DaMatta,

pode-se afirmar, sem correr o risco do exagero, que mesmo hoje, nesta era de transformação e de mudanças rápidas, (...) que a mulher engloba o mundo da casa, da família, das regras e costumes relativos à mesa e à hospitalidade.<sup>83</sup>

E, ao se relacionarem, mesmo que nem sempre intencionalmente, com alguém de uma outra cultura, os homens suíços buscam o que não estão encontrando em seu país de origem. Os casamentos entre suíços e estrangeiros estão aumentando a cada dia e, tal como já evidenciado, pode-se dizer que os suíços, curiosamente, se casam cada vez menos e que a quantidade de casamentos, embora esteja mais baixa que o resto da Europa, ainda se mantém, certamente, devido ao aumento de casamento entre suíços e estrangeiros. “*A noter que les Suisses et les Suissesses sont aussi de plus en plus nombreux à trouver l’âme soeur à l’étranger.*”<sup>84</sup>

O que se percebe claramente nesse quadro, é que cada vez mais se acentua a insatisfação entre os casais, provocando um grande aumento de divórcios.<sup>85</sup> Por certo, a possibilidade de poder ser independente e ter uma vida própria sem ter de dar satisfações a “ninguém” trouxe consigo a diminuição dos casamentos e o aumento dos divórcios. Não há por quê ficar junto de alguém quando não se está satisfeito, quando não se é feliz.

Mas, por outro lado, há, também, mais intolerância fazendo com que, ao menor desentendimento, se desfaça a união, partindo para outro relacionamento. Essa intolerância torna os relacionamentos descartáveis, provocando insatisfações e vice-versa. “*La part des personnes qui ne sont pas satisfaites de leur situation (...)*

<sup>83</sup> DAMATTA, Roberto. 2001: p. 61

<sup>84</sup> RAPPORT SUR LES FAMILLES 2004, p. 34 – A assinalar que os Suíços e as Suíças são cada vez mais numerosos a encontrar sua alma gêmea no estrangeiro. (Tradução minha)

<sup>85</sup> RAPPORT SUR LES FAMILLES 2004, p. 101

*est un peu plus élevée chez les hommes que chez les femmes.*<sup>86</sup> Os homens suíços têm um grau de insatisfação em suas vidas bastante mais alto do que o das mulheres. Isto justifica o grande aumento de casamentos entre eles e as mulheres dos países de Alto Contexto, pois podem, ainda, constituir uma família mais estruturada. *“O grau de insatisfação entre as pessoas que vivem sozinhas é bem maior entre os homens com 31% do que entre as mulheres, onde se encontra que 17%”.*<sup>87</sup>

Segundo o RAPPORT SUR LES FAMILLES 2004, no final de 2000, uma família em três na Suíça estava inserida na migração. O número de famílias nas quais, um dos pais ou os dois, nasceram no estrangeiro ou não possuem um passaporte suíço aumentou de um terço, desde 1970. Ainda em 2000, o segundo grupo mais importante de famílias inseridas na migração era constituída por 114.000 famílias <<binacionais>>, compreendendo um dos pais de nacionalidade suíça e nascido em território suíço e outro estrangeiro.<sup>88</sup>

No caso das uniões entre suíços e brasileiras, esse aumento se dá, pois, embora sejam duas culturas bem diferentes, os casamentos entre os suíços e as brasileiras estão tendo suas expectativas alcançadas<sup>89</sup> e encontrando um meio termo para equilibrar os dois extremos. Encontram, pois, um meio termo onde, segundo eles mesmos, não há independência demais, mas também não há o machismo bastante acentuado dos homens brasileiros. Não é, portanto, um “relacionamento viciado”<sup>90</sup> mas, tampouco, é um relacionamento em que haja *“competição entre os dois cônjuges, individualismo exacerbado onde, por exemplo, cada um tem sua conta de banco separada, pagam até o cinema separado. Para mim isso é uma loucura!”*<sup>91</sup>

O modo afetuoso e conciliador, características dos países de Alto contexto, possibilitam uma maior interação na relação intercultural. Possibilitam, também, encontrar um certo equilíbrio nas diferenças culturais de cada um dos envolvidos,

---

<sup>86</sup> RAPPORT SUR LES FAMILLES 2004: p. 66

<sup>87</sup> RAPPORT SUR LES FAMILLES 2004: p.66 (Tradução minha)

<sup>88</sup> RAPPORT SUR LES FAMILLES 2004: p.34, 35 (Tradução minha)

<sup>89</sup> CÉU RODRIGUES. 2001. Em um estudo anterior – *Turismo Afetivo: relacionamentos interculturais* - 100% dos 39 homens europeus entrevistados disseram estar plenamente satisfeitos com seus casamentos interculturais com as mulheres brasileiras.

<sup>90</sup> GIDDENS, Anthony. 1993, p. 103-108

<sup>91</sup> Clarissa - MSN (Suíça) 11/04/2005

mostrando que o casamento intercultural não se caracteriza somente pelos desacertos e impossibilidades.

## O encontro intercultural

Abordar a união intercultural nos permite refletir acerca de categorizações conjugais, ou seja, de uma nova forma, entre as mais variadas que existem, de se constituir família na atualidade.

O ser humano tem necessidade de se comunicar, de estar junto, de partilhar, mas com as mudanças de toda a sorte que estão acontecendo tão rapidamente em nossa sociedade, algumas pessoas tentam novas maneiras de conviver, de manter contato, de amar.

O acesso às outras culturas - e com isso, também, ao casamento intercultural – tornou-se bem mais fácil, considerando os novos modos de acessibilidade que encontramos, hoje, em termos de transportes, televisão, revistas, jornais, Internet. Por isso, é um equívoco pensar que um casal intercultural tem poucas chances de se encontrar por serem de culturas diferentes.

De fato, ao contrário, hoje, eles se encontram como todos os casais: no curso de suas vidas cotidianas e dentro das suas redes de sociabilidade, como por exemplo, nas cidades em que vivem como Didier e Sheyla. Eles se conheceram, mais precisamente, em Lausanne cidade onde vivem atualmente. Sheyla já vivia na Suíça com o primeiro marido e decidiu continuar na Suíça quando ao se divorciar, conheceu Didier, seu segundo marido. Cláudio vivia no Rio de Janeiro quando conheceu sua atual esposa, Simone. Markus, por sua vez, veio a conhecer sua esposa alguns meses depois de estarem namorando pela Internet.

Urs conheceu Clarissa num curso de inglês nos Estados Unidos em uma viagem de Turismo Pedagógico, mas pode-se também conhecer alguém em uma viagem de Turismo de Negócios ou a trabalho, como Gilbert. Ele viajou para o Brasil, quando, então, conheceu sua esposa. Mike também conheceu sua esposa em uma

viagem a trabalho, no Brasil onde ficou por 4 anos. Depois de casado viveu os primeiros cinco anos no Brasil, onde nasceram seus dois filhos e, em seguida, viajou para o exterior. Outra forma dos casais interculturais se conhecerem é em viagens de Turismo de Lazer. Willi estava viajando pelo Brasil quando conheceu sua esposa. Vicente conheceu Larissa em Brasília, quando fazia uma viagem pela América do Sul e Charles, por seu turno, fazia uma viagem de Turismo pela América Latina, quando conheceu sua esposa.

A forma como conheceram seus cônjuges ou os arranjos conjugais interculturais são os mais diversos e sempre no decorrer de suas vidas cotidianas, como, por exemplo, em viagens de Turismo ou negócio. No caso destes últimos entrevistados, Urs, Gilbert, Willi, Vicente, Charles e Mike, conheceram suas esposas nos mais variados tipos de viagens de turismo. Mas, dentro destas viagens está, frequentemente, inserida a viagem subjetiva, isto é, aquela que vai ao encontro da afetividade que seria uma das razões deste fluxo migratório. A este fluxo estimulado pela vontade de encontrar o seu complemento conjugal em terras distintas das suas, a esta viagem pela procura afetiva, numa pesquisa feita anteriormente, denominei de "*Turismo Afetivo*".

O *Turismo Afetivo* seria a parte oculta pela racionalização em relação às viagens de turismo. Estas seriam a concretização de uma vontade que se tornou cada vez mais presente, o desejo de querer para si o elo perdido pela emancipação feminina. Mas esse novo relacionamento, o relacionamento intercultural, teria de vir acompanhado pelo encontro do passado com o presente. Encontro, onde o carinho, a atenção da esposa e a independência da companheira pensante convergissem no caminho onde esses dois seres se encontrassem entre as múltiplas fronteiras e as inúmeras esperanças para o relacionamento.

## Expectativas acerca do casamento intercultural

Ao falarem de seus casamentos e das expectativas acerca dos mesmos, os entrevistados foram categóricos ao responder que, embora não tivessem real consciência de estarem contraindo um casamento intercultural e, portanto, não tivessem *“expectativas específicas em relação ao casamento intercultural em si, não pensava em problemas ou conseqüências”*.<sup>92</sup> Outros tinham expectativas mais sonhadoras, ou seja, *“a expectativa daquele conto de fadas que acreditamos quando crianças, com brincar de casinha”*<sup>93</sup> e, embora, nem sempre tivessem escolhido intencionalmente *“um relacionamento intercultural, o fato é que tenho isso agora e estou muito feliz.”*<sup>94</sup>

Eu nunca pensei que estava sendo um casamento intercultural, quando eu casei. Eu não tive muita expectativa nisso. Talvez, agora que a gente está morando aqui. Então, talvez, vindo para cá é que a ficha caiu que ele é suíço. Eu acho que no Brasil ainda não tinha caído não. Mas vindo para cá eu pude compreender, talvez, melhor determinadas características dele, conhecendo também esse outro lado.<sup>95</sup>

Outros inquiridos acrescentaram que esperavam que seu casamento *“durasse para sempre, esperava que eu fosse o amor da sua vida, o que ela tinha procurado”*<sup>96</sup> e, embora estivessem, também, conscientes das dificuldades, visto que *“havia muita insegurança também, pois tivemos que nos casar relativamente rápido para podermos ficar juntos”*<sup>97</sup>, não deixava de haver a certeza de estar casando

<sup>92</sup> Clarissa - MSN (Suíça) 11/04/2005

<sup>93</sup> Patrícia - MSN (Suíça) 25/04/2005

<sup>94</sup> Vicent - MSN (Suíça) 09/05/2005

<sup>95</sup> Simone - Skype (Suíça) 28/04/2005

<sup>96</sup> Didier – Skype (Suíça) 18/05/05

<sup>97</sup> Urs ao falar das dificuldades estava se referindo ao fato de se terem casado um pouco às pressas devido ao visto de permanência que sua esposa não tinha e que para continuar na Suíça precisava.

*“com o cara que eu estava completamente (e ainda estou) apaixonada, e envelhecer junto”<sup>98</sup>.*

Embora os entrevistados mostrassem ter as mais diversas expectativas em relação aos seus casamentos - mesmo não se dando conta à priori de que, repita-se, era um casamento intercultural -, todos eles afirmaram, categoricamente, que o seu casamento não só está alcançando suas expectativas como *“está acima das minhas expectativas. Encontrei o homem ideal para mim, meu relacionamento é cada vez melhor, continuo apaixonada como no primeiro dia, apesar de todas as dificuldades”*.<sup>99</sup>

Sim, as expectativas estão sendo alcançadas. Eu acho que nosso relacionamento é um relacionamento tranqüilo, onde há confiança, o respeito, o carinho.<sup>100</sup> Sim, estou muito feliz.<sup>101</sup> Embora saiba que a vida de dona de casa, ter que lidar com as manias do outro nem sempre é fácil, mas vale a pena!<sup>102</sup> Sim, estou satisfeito e a insegurança não existe mais.<sup>103</sup> As expectativas estão sendo alcançadas a cada dia.<sup>104</sup> Estão sendo mesmo!<sup>105</sup>

## De geração em geração

As mulheres têm, hoje, mais possibilidades de realização pessoal, profissional e outras. Pode tomar em suas mãos sua própria vida. No entanto, nem sempre foi assim, nem sempre houve tantas opções de escolha que permitissem que cada indivíduo levasse em consideração seus próprios desejos. O casamento era visto

<sup>98</sup> Thais - Skype (Suíça) 06/06/2005

<sup>99</sup> Clarissa - MSN (Suíça) 11/04/2005

<sup>100</sup> Sheyla - Skype (Suíça) 18/05/05

<sup>101</sup> Vicent - MSN (Suíça) 09/05/2005

<sup>102</sup> Patrícia - MSN (Suíça) 25/04/2005

<sup>103</sup> Urs - MSN (Suíça) 11/04/2005

<sup>104</sup> Thais - Skype (Suíça) 06/06/2005

<sup>105</sup> Mike - Skype (Suíça) 06/06/2005

como um compromisso para toda a vida as mulheres não tinham oportunidades de trabalho na esfera pública e

os maridos faziam questão de manter a mulher dentro de casa para quando chegar de noite ter roupa lavada, comida feita, educação dos meninos.<sup>106</sup>

Um outro fato marcante nas gerações passadas é que

as mulheres ficavam mais em casa cuidando dos filhos e o pai ia trabalhar....o pai era uma figura muito forte, o "herói" e era também mais severo com os filhos...<sup>107</sup>

Partindo desse foco de registro, está claro que ao se referirem às mudanças ocorridas nas últimas gerações, ou seja, na geração de seus avós, pais e nas suas próprias, os perquiridos salientaram que muita coisa mudou desde a época de seus avós. Essas mudanças aconteceram tanto na esfera pública como na privada. Cláudio, por exemplo, nos fala da diferença que percebe no comportamento em relação à mulher e à família da geração de seus pais e da atual geração, referindo-se nomeadamente à dimensão afetiva. Considera que as relações estão bem mais fáceis no que diz respeito à afetividade.

Hoje em dia a coisa está mais dinâmica. Eu acho que por um lado está mais fácil. Você casa mais por amor mesmo. Naquela época tradicional também, claro, sempre existiu amor, mas também tinham os casamentos por causa da vida ser mais tradicional. Eu acho que o

<sup>106</sup> Charles – Pau Amarelo 10/03/2005

<sup>107</sup> Charles – Pau Amarelo 10/03/2005

casamento hoje em dia é mais independente da religião. Também vai da pessoa, se leva a sério realmente ou não. Mas acho que o casamento está, novamente, digamos assim, entrando na roda.<sup>108</sup>

Ao seu modo, Markus salienta a educação que os homens de sua geração, na Suíça, tiveram com relação ao respeito pela mulher como ser igual e, até mesmo, como eram incentivados a falar e escrever diferenciando os dois gêneros - feminino e masculino.

Eu na escola, nos anos 70, 80, fui ensinado que as leis para mulheres e homens são iguais - também a língua como os formos masculino/feminino. Muitos amigos (e eu) dividimos as tarefas de casa sem pensar. Mas os salários ainda não são iguais (15% menos para as mulheres). Existem também muitos homens que fazem as tarefas de casa e a mulher trabalha. Pra mim não importa quem faz o quê.<sup>109</sup>

De sua parte, Urs relaciona a divisão dos papéis da mãe (na esfera privada) e do pai (na esfera pública), o que pretende com sua fala e aponta para como as famílias ficaram ameaçadas com a saída da mulher para a esfera pública resultando, daí, em menos tempo para darem atenção aos filhos.

Antigamente as mulheres ficavam mais em casa cuidando dos filhos e o pai ia trabalhar. O pai era uma figura muito forte, o "herói" e era também mais severo com os filhos. Hoje em dia existe mais tolerância com as crianças, elas opinam mais em casa, o pai não é mais o "herói", o "forte", a mãe também trabalha e com isso as relações familiares ficam um pouco ameaçadas, pois muitos pais não têm tempo suficiente para os filhos.<sup>110</sup>

<sup>108</sup> Cláudio - Skype (Suíça) 28/04/2005

<sup>109</sup> Markus - MSN (Suíça) 25/04/2005

<sup>110</sup> Urs - MSN (Suíça) 11/04/2005

Na mesma linha de observação, Larissa fala das diferenças no modo de constituir a família e disciplinar as relações afetivo-conjugais das gerações de seus pais e avós em relação à sua geração assinalando que “(...) *há uma grande diferença entre os meus avós como casal, meus pais e o meu relacionamento de hoje*”. Diz ainda que essa diferença entre uma e outra geração “(...) *é só um reflexo de uma sociedade diferente da de antes. A sociedade é diferente em termos econômicos e sociais, logo a família se moldou a essas diferenças.*”

Perseguindo o mesmo enfoque, também Patrícia aponta como diferença marcante na família “*a grande rigidez na educação*. Ela pontua: “*minha mãe não podia usar maquiagem pintar a unha, as roupas tinham que esconder as pernas*”. Assinala também para a diferença na quantidade de filhos que os casais tinham no passado. Sua avó era filha de alemão e, também, era de uma família tradicional, seu pai é filho de militar e tem 11 filhos irmãos. Acrescenta que, agora, a educação é bem mais amena ao dizer que hoje em dia “*há mais liberdade, os filhos têm celular, Nike, chave do carro etc.*”<sup>111</sup>

De igual modo, o marido de Patrícia também vem de uma família numerosa e sustenta, assim como sua esposa, que há grande diferença entre a quantidade de filhos que seus avós tiveram em comparação a aos seus pais. “*A família de meu pai consiste em nove irmãos, a da minha mãe sete... A minha geração (primos e primas) são muitos filhos únicos como eu*”.<sup>112</sup> Vale destacar, nesse contexto que tanto a Suíça quanto o Brasil, estão reduzindo bastante a quantidade de filhos nos atuais casamentos.

Segundo R. Parry Scott, nos anos 50 e 60, os estudos de famílias já, “*frisam a influência da urbanização sobre a organização das famílias – identificando uma tendência para a diminuição do tamanho da família, a nucleização dos grupos domésticos e o fim anunciado das famílias grandes tradicionais.*” Acrescenta que,

a família nuclear é um ponto de chegada, e a mudança faz parte de uma tendência inevitável que acompanha a urbanização, o que

<sup>111</sup> Patrícia - MSN (Suíça) 25/04/2005

<sup>112</sup> Markus – MSN (Suíça) 25/04/2005

ocorre no mundo desenvolvido e que ocorrerá também nos países em desenvolvimento, entre eles, o Brasil.<sup>113</sup>

Por isso, na esteira do tecnológico/financeiro/econômico, com o desenvolvimento cada vez mais amplo, as famílias serão, crescentemente formadas por pequenas unidades, assim como mais democráticas e com melhor adaptação às zonas urbanas. Não mais serão, portanto, extensas e patriarcais como outrora.

Entretanto, as mudanças na família não se limitam, certamente, ao número de filhos. O acesso à educação, à informação leva muitos casais a escolhas como a redução de filhos para melhor se dedicarem a si mesmos.

A visão das mulheres, atualmente, sobre como suas mães e avós viviam é identificada como sendo uma “domesticidade confinada” e elas não querem isso para elas. Tentam rejeitar toda e qualquer semelhança com essa vida distanciando-se de suas mães (...)<sup>114</sup>

Concordando com essa linha de pensamento, Larissa mostrou querer se distanciar do modo de vida de seus pais e foi a única entrevistada que não mostrou interesse em se casar nem em ter filhos. Tem uma visão um tanto diferente das outras entrevistadas acerca da família e do casamento e é notável a diferença de sua família em relação àquela da época dos seus avós, pais e da sua própria com Vicente.

**Meus avós** eram de uma cidade pequena no interior da Bahia, não tiveram muitas oportunidades na vida, Eles se casaram cedo, eram muito apegados um com o outro, tiveram oito filhos e ficaram juntos até a morte.

<sup>113</sup> SCOTT, Russell P. 2004: p. 11, 12

<sup>114</sup> GIDDENS, Anthony. 1993: p. 67

**Meus pais** saíram dessa cidadezinha, foram estudar fora, nas capitais, procurar emprego e estudar mais. Os dois tiveram muita oportunidade, fizeram universidade e se casaram por comodismo, costume, sei lá. Tiveram só duas filhas, foram um casal classe media atingidos por todo tipo de moralismos. Os dois eram muito diferentes e não agüentaram mais do que 12 anos de casados depois de muitas brigas.

**Eu e Vicente** já nascemos nas cidades grandes, rodeados de oportunidades. Fazemos os dois parte de uma elite. Eu no Brasil e ele aqui. Não queremos casar, não queremos ter filhos, somos muito diferentes e é isso que nos une. E os moralismos de antigamente não nos atingem, questionamos tudo e não nos irritamos quando o outro olha pra alguém na rua.<sup>115</sup>

Em contrapartida, seu companheiro, Vicente diz que *“as famílias atuais têm vários tipos e as famílias de antes era só um tipo e que antigamente tinha o pai, a mãe, os filhos e um casamento religioso e agora tem vários tipos de pais de mães, meio-irmãos e tipos de relacionamento diferente”*. Mirian Goldenberg enfatiza que:

Muito mais do que modelos sociais a ser reproduzidos, homens e mulheres têm de “inventar” suas formas de parceria amorosa. Casar, separar, casar de novo, namorar, “cada um na sua casa”, ter um amante, ter um filho sem casar... São tantas as possibilidades que a escolha parece cada vez mais difícil. Troca-se a segurança e a estabilidade dos casamentos antigos pela batalha permanente.<sup>116</sup>

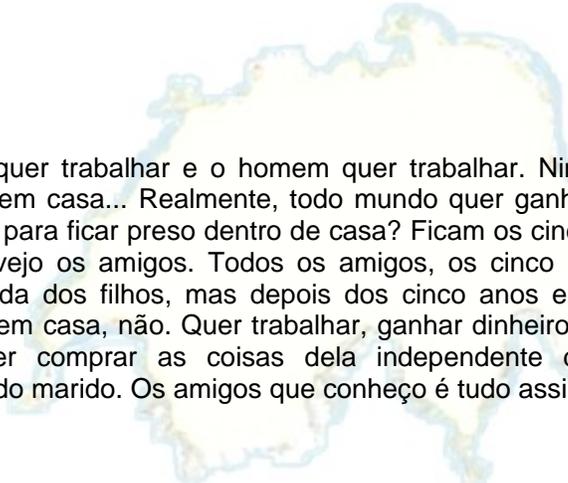
Constata-se, então, que, entre os entrevistados as diferenças no seio familiar na época de nossos avós e pais em relação aos dias de hoje são bastante acentuadas, tanto em sua formação estrutural, como na maneira como a educação e os valores são passados para as novas gerações.

Contrariamente, essas diferenças são ainda mais gritantes ao se analisar as mudanças na família e no casamento na Suíça. Na busca pela realização e

<sup>115</sup> Larissa - MSN (Suíça) 09/05/2005 (grifo meu)

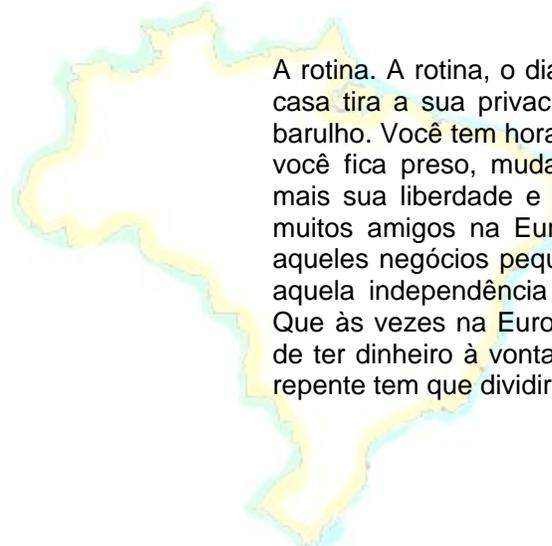
<sup>116</sup> GOLDENBERG, Mirian. 1999: p.158

satisfação pessoal Charles, por exemplo, diz que *“todo o mundo reclama. Todo mundo”*. Acrescenta que,



A mulher quer trabalhar e o homem quer trabalhar. Ninguém quer mais ficar em casa... Realmente, todo mundo quer ganhar dinheiro. Fazer filho para ficar preso dentro de casa? Ficam os cinco primeiros anos. Eu vejo os amigos. Todos os amigos, os cinco primeiros, a mulher cuida dos filhos, mas depois dos cinco anos ela não quer mais ficar em casa, não. Quer trabalhar, ganhar dinheiro, ter o carro dela, poder comprar as coisas dela independente da situação financeira do marido. Os amigos que conheço é tudo assim agora.

Na mesma linha de pensamento ao comparar a mulher suíça e a brasileira em relação à família e ao casamento, acrescenta que, a primeira, ou seja, a suíça *“não fica em casa para cuidar da família, não. Em comparação de aqui que a mulher fica em casa”*. Na seqüência, ele expõe ainda que um dos fatores que faz com que se case cada vez menos e se tenha menos filhos na Suíça é porque os casais não sabem mais o que fazer para se manterem “renovados” no casamento e acabam se entediando com a rotina.



A rotina. A rotina, o dia-a-dia, que não muda. Os meninos dentro de casa tira a sua privacidade. Você não está... você não pode fazer barulho. Você tem hora para entrar (...) quando estão em baixa idade você fica preso, muda de repente suas atividades. Você não tem mais sua liberdade e o que estraga muito casamento é isso. Vejo muitos amigos na Europa, é isso. No início é bonito, faz fotos, é aqueles negócios pequenos. Aí a pessoa começa a ver que perdeu aquela independência financeira, independência de viajar, de sair. Que às vezes na Europa é isso. Todo o mundo estava acostumado de ter dinheiro à vontade para viajar, para fazer o que querem e de repente tem que dividir.<sup>117</sup>

<sup>117</sup> Charles – Pau Amarelo 10/03/2005

No que refere a condição feminina, segundo aponta este estudo, ao romper com esse par de opostos - público/privado – atribuídos, segundo o gênero, as mulheres desafiaram a metanarrativa patriarcal que legitimava um dos pilares da hierarquia sexual da modernidade. Esse desafio atingiu também as relações no casamento e, conseqüentemente, na família, quando as mulheres colocaram em xeque o mundo privado como sendo seu único espaço. Todas essas mudanças afetaram, definitivamente, a estrutura da família conjugal moderna.<sup>118</sup> Nessas mudanças, o individualismo aparece como um dos fatores principais para a ruptura na família nas últimas gerações. E estas idéias estão, vivamente, refletidas nas falas dos perquiridos.

Um casal suíço faz mais coisas sozinhos, precisam mais de sua liberdade, podem ser muito independentes um do outro, fazem menos coisas juntos, hobbies, viajar, sair, encontrar amigos <sup>119</sup>

Mais independente. Não como traição ou liberdades extra-conjugais e sim como se teu espaço pessoal fosse também extremamente importante, a necessidade de ter uma vida independente do companheiro é natural.<sup>120</sup>

Tem de todas as variedades... mas, principalmente, eu acho que bastante casamentos entre suíços são concluídos nesta base: mais como o individualismo e o desejo de seguir uma carreira que aqui se abriu também para mulheres.<sup>121</sup>

Não obstante, mesmo em meio a todas as mudanças e dificuldades que o casamento sofreu nas últimas gerações, Mike ainda vê o casamento como *“uma união para mostrar o amor que sente, primeiro um para o outro. Uma decisão de querer ter uma vida juntos, de sustentar e ajudar, de confiar e amar, e de ter também um plano de vida juntos e seguir ele...”*. Apesar disso, não deixa de notar, também,

<sup>118</sup> VAITSMAN, Jeni. 1994

<sup>119</sup> Urs - MSN (Suíça) 11/04/2005

<sup>120</sup> Thais - Skype (Suíça) 06/06/2005

<sup>121</sup> Mike – Skype (Suíça) 06/06/2005

que na Suíça “o casamento já virou mais um contrato no papel do que na preocupação emocional”.

Pode-se perceber, assim, como o casamento é visto, para uma grande parte da atual população suíça: uma instituição necessária somente para quando se quer ter filhos e é por isso que a maioria dos casamentos se realiza pouco tempo antes do casal ter o primeiro filho. Ou seja, é válida para quando se quer ter filhos e é nesse momento que se realiza o matrimônio. Não há, portanto, razão de contrair bodas se se puder evitar.

É uma coisa que se faz quando se vai ter crianças, quase todos. A grande maioria <sup>122</sup>

As mulheres aqui são super independentes, querem fazer carreira, cada vez menos querem se casar e ter filhos (principalmente as que fizeram universidade)... eles se casam tarde. <sup>123</sup>

Acredito que a instituição casamento não tem grande importância como tem no Brasil. Morar junto aqui é algo comum e ninguém, nem os pais, fazem drama <sup>124</sup>

Os suíços moram junto com muita facilidade. Começam a namorar e já moram logo junto para ver o que é que acontece. Não é como no Brasil que é mais formal e mais... As pessoas (...) namoram por alguns anos, antes de morar junto. Eu acho que aqui é mais... do tipo vamos tentar uma experiência logo. Eu mesmo com o meu marido a gente se casou depois de quatro meses que a gente estava junto. Eu acho que aqui as pessoas não dão tanta importância para o papel. No Brasil as pessoas dão muita importância para o papel. Em casar, a família quer que case direito na igreja, direitinho e aqui não. As pessoas são mais livres, abertas. <sup>125</sup>

O que defere então deste novo cenário constituído na modernidade? Simples: A vida a dois, ou seja, a vida de casal, atualmente, não tem mais a mesma

<sup>122</sup> Vincent – MSN (Suíça) 09/05/2005

<sup>123</sup> Clarissa – MSN (Suíça) 11/04/2005

<sup>124</sup> Markus - MSN (Suíça) 25/04/2005

<sup>125</sup> Sheyla - Skype (Suíça) 18/05/05

relevância de outrora. As pessoas vivem hedonisticamente, preocupadas com a satisfação pessoal e imediata. Ninguém quer ter de se privar de nada com medo de perder “boas” oportunidades. É como se a vida de casado fosse um obstáculo à liberdade e à felicidade.

No entanto, entre a opressão sofrida pelas mulheres no passado e “*uma coisa que se faz quando se quer ter crianças*”<sup>126</sup> deve haver um meio termo. Uma maneira de conciliar as qualidades dos países de Baixo com as do Alto Contexto. “*Betty Friedan, feminista que ajudou a desencadear a revolta das mulheres, hoje pede reflexão e fala em “reconstruir o ciclo da vida.”*”<sup>127</sup> Essas transformações na família são percebidas, também, no discurso dos entrevistados, quando pontuam sobre como percebem o casamento na Suíça e no Brasil. Também aqui se colhe em muitos pontos, falas de ponderação a esse respeito.

### **Apegos e desapegos ao casamento**

Ao longo desta pesquisa, notou-se que, ao falarem da família, do casamento e da mulher no Brasil a visão dos entrevistados difere bastante da que têm a respeito da família, do casamento e da mulher na Suíça. Tanto os suíços como suas esposas vêem a família brasileira como mais tradicional e a mulher brasileira como sendo mais afetuosa, mais “do lar” mesmo tendo cursos superiores, uma profissão e trabalhe fora de casa. Este aspecto afetuoso, receptivo, característica vista na família brasileira, vem desde os primórdios de sua formação.

A família brasileira, como foi visto, anteriormente, sofreu sucessivas miscigenações, desde a sua constituição e estas influenciaram largamente o comportamento da sociedade brasileira no que diz respeito à formação familiar e às suas características. Essas características predominam até, aos dias atuais, mesmo que com muitas mudanças.

---

<sup>126</sup> Vincent – MSN (Suíça) 09/05/2005

<sup>127</sup> SERRURIER, Catherine. 1996: p.120

Híbrida desde o início, a sociedade brasileira é de todas da América a que se constituiu mais harmoniosamente quanto às relações de raça: dentro de um ambiente de quase reciprocidade cultural que resultou no máximo de aproveitamento dos valores e experiências (...); no máximo de contemporização da cultura adventícia com a nativa, da do conquistador com a do conquistado. Organizou-se uma sociedade cristã na superestrutura, com mulher indígena, recém-batizada, por esposa e mãe de família; e servindo-se em sua economia e vida doméstica de muitas das tradições, experiências e utensílios da gente autóctone.<sup>128</sup>

E é esta experiência de reciprocidade cultural que, mesmo com o passar do tempo, faz com que o povo brasileiro conserve características como a harmonia e a união em suas relações, principalmente, no imaginário do homem suíço. No Brasil, a família é o epicentro da sociedade. Pode-se dizer ainda que

a família no Brasil é um núcleo, é a relação grupal mais importante (...) que existe, é onde tudo começa realmente. E eu acho que o casamento é uma coisa que faz parte da sociedade no Brasil e que não vai mudar. Penso ainda que se a vida não fosse muito cara no Brasil, quer dizer, que se as pessoas ganhassem melhor teria ainda mais gente casando.<sup>129</sup>

No que refere ao envolvimento afetivo, os homens suíços dizem que, “as mulheres procuram o amor, vêem-no como uma entrega”<sup>130</sup> “Muitas vezes, a mulher brasileira ainda exerce o papel exercido pelos avós. Mulher da casa, mãe, esposa do marido, cuidando das crianças”<sup>131</sup>

Em contrapartida, a mulher brasileira assinala que, “para uma brasileira, a família é o centro, o sentido da vida”.<sup>132</sup> “A mulher brasileira é uma boa esposa, é uma pessoa que leva a sério a vida de casada e com muito mais apego do que as

<sup>128</sup> FREYRE, Gilberto. 2002: p.163

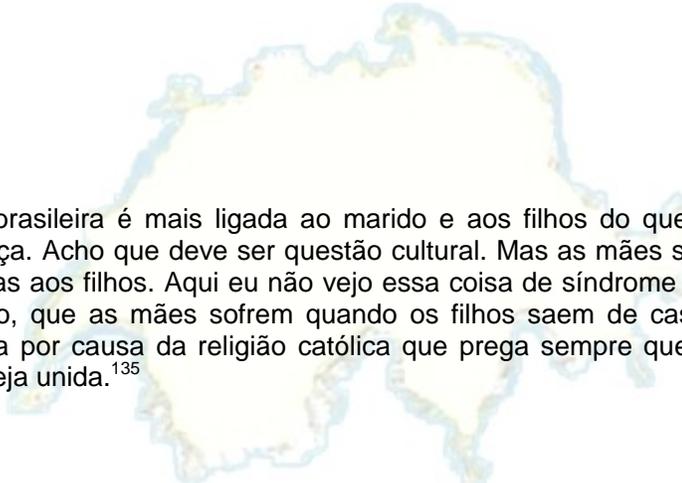
<sup>129</sup> Clarissa – MSN (Suíça) 11/04/2005

<sup>130</sup> GIDDENS, Anthony. 1993: p. 61

<sup>131</sup> Mike – Skype (Suíça) 06/06/2005

<sup>132</sup> Urs - MSN (Suíça) 11/04/2005

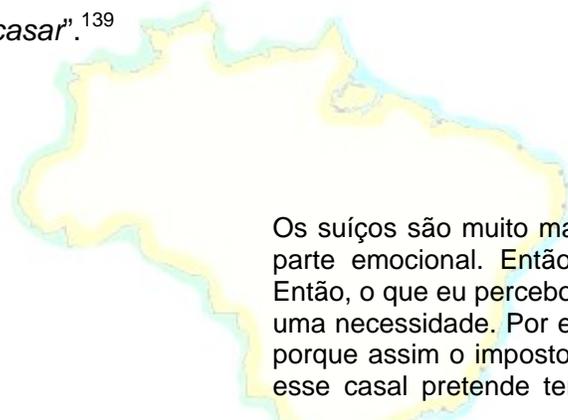
*mulheres européias*".<sup>133</sup> "A mulher brasileira como mãe... acho um bom exemplo... ela é bem carinhosa... participativa... Dá muito calor humano para a criança, para o filho".<sup>134</sup>



A mulher brasileira é mais ligada ao marido e aos filhos do que a mulher suíça. Acho que deve ser questão cultural. Mas as mães são mais ligadas aos filhos. Aqui eu não vejo essa coisa de síndrome do ninho vazio, que as mães sofrem quando os filhos saem de casa. Talvez seja por causa da religião católica que prega sempre que a família esteja unida.<sup>135</sup>

"No Brasil a mulherada quer casar..."<sup>136</sup> "O casamento é algo tão importante quanto ganhar na loteria..."<sup>137</sup> "É como se a casa fosse o próprio castelo, a necessidade de cuidar de todos e de manter essa família próxima é o mais importante, ainda que nem sempre as coisas saiam como essas mulheres imaginam".<sup>138</sup>

Mas essa realidade, do ponto de vista das entrevistadas e de seus maridos, é bastante diferente na Suíça. "Na Suíça as pessoas querem só morar junto. Vai morar junto e casamento é uma decorrência. Quando dá, dá. Quando não dá, a pessoa não casa. Eu conheço gente que está junto há muitos anos e não pensa em casar".<sup>139</sup>



Os suíços são muito mais ligados na parte prática da vida do que a parte emocional. Então é o dinheiro, o trabalho e a praticidade. Então, o que eu percebo, é que eles não querem casar se não for por uma necessidade. Por exemplo, o casal pode morar junto sem casar porque assim o imposto vai ser menor. Vai ser mais baixo. Mais, se esse casal pretende ter um filho, então eles vão casar por causa

<sup>133</sup> Sheyla - Skype (Suíça) 18/05/05

<sup>134</sup> Simone - Skype (Suíça) 28/04/2005

<sup>135</sup> Patrícia - MSN (Suíça) 25/04/2005

<sup>136</sup> Sheyla - Skype (Suíça) 18/05/05

<sup>137</sup> Patrícia - MSN (Suíça) 25/04/2005

<sup>138</sup> Thais - Skype (Suíça) 06/06/2005

<sup>139</sup> Clarissa - MSN (Suíça) 11/04/2005

desse filho. (...) Ah! Então tá. Então agora que a mulher engravidou, então a gente vai casar. Mas, antes disso, por o Imposto ser menor não dá...<sup>140</sup>

Outro ponto bastante assinalado pelos perquiridos é falta de estrutura na família suíça. Cada um por si. É o pensamento geral. Os filhos são criados para serem independentes desde bem cedo - o que incentiva a dispersão da família e o esquecimento das gerações mais antigas.

A família do meu marido é particularmente desestruturada (...) em geral eu acho os suíços mais independentes... os filhos saem cedo de casa, não se comunicam tanto com os pais como os brasileiros. Vejo algumas mães que não beijam, não abraçam os filhos, muitos pais pressionam muito as crianças na escola para que tenham boas notas e no futuro sejam bons profissionais... isso em geral, claro que existem exceções... acho que Brasil e Suíça são dois extremos: os brasileiros superprotetores, o que não deixa os filhos crescerem independentes e os suíços super independentes... tenho a sensação que muitos literalmente abandonam os pais... por isso também tem tantas pessoas morando sozinhas em asilos... vejo a solidão e depressão como um dos maiores problemas aqui, principalmente na velhice. Poderia haver um meio termo, isso que eu e meu marido queremos fazer com nossos filhos, para mim ele não tem família, somos só nós dois aqui<sup>141</sup>

No que refere à da mulher, no Brasil, já se identifica os sinais da emancipação feminina e começam a surgir algumas semelhanças entre as duas nações. Mas, segundo Simone, essa “liberação tão avançada” e o “jeito europeu” de ser ainda não chegou ao Brasil.

Porque têm famílias que são muito machistas... E têm mulheres que se submetem às vontades do homem... Mas talvez isso esteja

<sup>140</sup> Simone – Skype (Suíça) 28/04/2005

<sup>141</sup> Clarissa – MSN (Suíça) 11/04/2005

acabando, um pouco, talvez. Não sei se acabando, mas talvez esteja diminuindo. A mulher está indo estudar e com a necessidade financeira, dela ter que correr atrás do sustento também, não dá mais para ficar só cuidando da casa.

No entanto, todo o incentivo para que as mulheres saiam de casa, se exponham, tenham uma profissão e trabalhem fora nem sempre é o que as mulheres querem. Estudar, ter uma instrução profissional ou só intelectual é o meio de realização própria para algumas dessas mulheres, pois sua realização profissional está em cuidar de sua família. O que, de fato, gostariam é de ficar em casa cuidando de seus filhos e marido. Mas ao fazerem essa escolha, se sentem pressionadas a abandonar esse projeto de vida, pois não se pode mais, de jeito nenhum, ser “Amélia”. Se sentem pressionadas pela sociedade e até pelas suas iguais a abandonarem esse estilo de vida com o risco de serem taxadas de submissas.

A esse respeito, um dos entrevistados sustenta que não é um assunto a ser generalizado e que, sobretudo, “*depende do nível social também*” e da educação de cada um. Acha que enquanto aqui, ainda se vê muito os homens quererem suas mulheres em casa por motivos “turvos”, na Suíça, em contrapartida, é o extremo oposto. No Brasil,

tem aquele machismo brasileiro. Realmente aqui é aquela mentalidade de não deixar a mulher sair, para não trabalhar, para não estudar. Eu vejo nos meus cunhados e tudo isso é normal. Vivem bem, vivem felizes se a mulher não tem ciúme. Se o homem não tem aqueles problemas de... de...<sup>142</sup>

E segue: enquanto que a mulher é incentivada a trabalhar fora, *para trazer dinheiro para dentro de casa* e, na maioria das vezes, não precisa nem mais de

<sup>142</sup> Charles aponta para a cabeça fazendo o gesto simbolizando os chifres.

incentivo, está inculcido na sua maneira de pensar e de viver. *“Aqui é ao contrário. O homem quer que a mulher fique dentro de casa e fique dependendo dele.”*<sup>143</sup>

Cláudio, marido de Simone, diz que essa situação na família brasileira tende a mudar. Ele acha que o Brasil está caminhando para a emancipação da mulher também, *“porque o Brasil é muito influenciado pelo mundo capitalista, neoliberal que a gente está vivendo”* e revela que *“por mais machista que seja, nas grandes metrópoles como Rio, São Paulo e Belo Horizonte a vida moderna, ou a forma moderna de levar a vida está chegando.”* E sustenta ainda que,

nessas cidades grandes se vê casais mais modernos, onde de repente, não tem uma empregada a semana inteira, tem uma pessoa que vai uma vez por semana. Isso faz com o que no resto da semana os dois tenham que também de vez em quando, limpar a casa, arrumar alguma coisa.

E conclui: *“Eu acho que a mulher brasileira está trabalhando cada vez mais... está se emancipando”*. Comportamento esse que gera uma certa semelhança entre a família suíça e a família brasileira das grandes cidades brasileiras

A esse respeito, o marido de Clarissa, Urs, diz que já está um pouco influenciado pela cultura brasileira por conhecer as duas culturas e que sua percepção de família mudou um pouco, mas que

a família suíça funciona da seguinte maneira: desde cedo as crianças aprendem com os pais a serem independentes, terem suas próprias opiniões e a tomar decisões... e isso tem como consequência que os filhos se tornam independentes muito cedo e com o passar dos anos a relação com os pais fica enfraquecida...

<sup>143</sup> Charles – Pau Amarelo 10/03/2005

Acrescenta dizendo que não é o que quer para seus filhos. Quer que seja uma combinação entre o modo de educar da família brasileira e da família suíça.

Peculiarmente, neste ponto, Cláudio nos diz que se sente confortável em suas diversas identidades e que as concilia muito bem. E, embora haja pessoas que devido à sua origem mista não se sintam em “casa” em lugar nenhum ele, porém, se sente à vontade, tanto na Suíça como no Brasil, onde passou parte de sua vida. Sente que tem raízes nos dois lugares e os concilia bem. *“Meus traços são totalmente de europeu, mas quando eu falo e gesticulo, e etc... É cem por cento como brasileiro. Aqui na Suíça o pessoal diz: Pó! Você tem todo o jeito de carioca, brasileiro, sul americano.”*<sup>144</sup>

## Entendimentos e desentendimentos

O contato das diversas populações leva a que as culturas sejam ressignificadas mas *“ce brassage a lieu égalment sur le plan individuel : chacun se <<frote>> à plusieurs <<autres>>. (...) Le brassage des populations et les contacts interindividuels constituent le fait social que la mixité désigne.”*<sup>145</sup> O encontro entre os diversos povos contribui para que os indivíduos sofram transformações, pois, ao mesmo tempo que se transgride, se reformula.

No que refere aos pontos positivos do relacionamento intercultural, os entrevistados apontam que,

O positivo é o intercâmbio, por si só. Os idiomas. Abrir os horizontes, diferentes prismas de ver o mundo.<sup>146</sup>

<sup>144</sup> Cláudio – Skype (Suíça) 28/04/2005

<sup>145</sup> VARRO, Gabrielle. 2003:p.205 - Essa mistura tem lugar igual sob o plano individual: cada um (indivíduo) se “fricciona” a vários “outros”. (...) Essa fricção de populações e os contactos interindividuais constituem o fato social que a mixidade representa. (Tradução minha)

<sup>146</sup> Cláudio – Skype (Suíça) 28/04/2005

Novidades, pensamentos, música, sensibilidades, maneira de se vestir, de ser.<sup>147</sup>

A possibilidade da troca, troca de tudo, de vida, de vivências, de percepções. Porém, o principal é perceber que o homem e a mulher, independente da sua origem, são pessoas que aprendem a cada dia as linhas de um relacionamento, que costuram a tua vida, e que só você pode modificar.<sup>148</sup>

Apontam, também, para como o convívio com outra cultura, num relacionamento intercultural, pode enriquecer suas vidas.

Primeiro que me apaixonei à primeira vista. Não tem muito a ver com cultura diferente, pois isso acontece numa linguagem internacional e este intercâmbio entre cultura e língua maravilhosos diariamente.<sup>149</sup>

Ele me ensinou a me virar, conhecer uma outra cultura, ampliar os horizontes, aprender com essa cultura e tirar para minha própria vida seus aspectos positivos.<sup>150</sup>

Eu acho que aqui as pessoas são muito diretas. Elas realmente falam para você o que elas pensam mesmo. E mesmo se não é realmente o que você queria ouvir. Eu acho que, por exemplo, no Brasil as pessoas são um pouco falsas. É até estranho porque no começo você pensa que as pessoas são grossas porque às vezes elas vão te dizer uma coisa. Você diz “nossa” porque ele disse está me ofendendo mas é a maneira deles mesmo de realmente se expressar, dizer realmente o que eles pensam e sem embromar muito.<sup>151</sup>

Aprender francês, estar aqui num lugar lindo, com muito verde (é até ridículo falar).<sup>152</sup>

É uma experiência muito enriquecedora (também muito difícil), aprender como vivem as pessoas em uma outra cultura, abri muito os horizontes, amadureci muito com essa experiência.<sup>153</sup>

<sup>147</sup> Vincent – MSN (Suíça) 09/05/2005

<sup>148</sup> Thais - Skype (Suíça) 06/06/2005

<sup>149</sup> Mike – Skype (Suíça) 06/06/2005

<sup>150</sup> Clarissa – MSN (Suíça) 11/04/2005

<sup>151</sup> Sheyla - Skype (Suíça) 18/05/05

<sup>152</sup> Larissa – MSN (Suíça) 09/05/2005

<sup>153</sup> Clarissa – MSN (Suíça) 11/04/2005

Para estes casais o fato de terem como companheiros afetivo-conjugais pessoas de outras culturas - e terem de viver longe do seu país de origem, por consequência, os leva a terem uma percepção de vida mais ampla, mais rica, onde podem abrir seus horizontes, aprender, trocar experiências mesmo se “(...) o casamento implica a separação ou o afrouxamento dos laços com a família ou com a tradição de origem.”<sup>154</sup>

Viver uma relação onde não se tem o fator cultural como elemento diferenciador cria no recorte experimental de cada um, já acarreta, por si só, uma série de arranjos para a adaptação do casal. Em um casamento intercultural este fator cultural carrega consigo, oportunisticamente, uma força de deslocamento antropológico significativo, pois os cônjuges podem sentir-se em determinados momentos como estrangeiros em sua própria casa. Isso acontece devido às diferenças culturais encontradas na convivência, fazendo com que os casais se sintam como imigrantes ou turistas em seus próprios lares.

A esse respeito, Esther Perel faz referência ao modo como os cônjuges podem se sentir em determinados momentos em um casamento intercultural. “

O parceiro-turista deve estar continuamente ajustando-se a esse novo lar pelo fato de ter de estar em todo momento confrontando aspectos novos e desconhecidos em função dos eventos, das divisões, das crises e dos ciclos de vida pelos quais deve passar.<sup>155</sup>

Acrescenta ao tentando ajudar esses casais que,

cada parceiro tem momentos passageiros em que se sente como um “turista” em outra cultura. Aprender a ser sensível a esses momentos não somente reforça a presença das influências culturais, mas também pode enriquecer o apreço do parceiro que observa como

<sup>154</sup> PEREL, Esther. 2002: p.194

<sup>155</sup> PEREL, Esther. 2002: p.195

seu cônjuge percebe o mundo de muitas maneiras diferentes e que são alheias às suas.<sup>156</sup>

No marco dessa consideração, Perel fala acerca de um dos casais de seu trabalho que conseguiram encontrar um meio de se comunicarem e deixar de lado os conflitos causados pela diferença de cultura (a dele era árabe e a dela americana). Conta, que, agora, conseguem mesmo fazer brincadeiras pelo fato de terem de se adaptarem à cultura um do outro. Ao saírem, por exemplo, para visitar os amigos ou a família do esposo ele pergunta para a esposa se ela pegou seu passaporte e ela responde à brincadeira que sim e que pegou até mesmo o seu véu. Apesar dessa estranheza de, em alguns momentos, sentir-se um turista em sua própria casa é possível encontrar um local entre uma e outra cultura, onde possam ser companheiros de viagem.

No entanto, na ausência desse constante aprendizado, podem surgir, na relação, atritos advindos das muitas diferenças existentes entre os cônjuges. Como em qualquer relação existem fronteiras a serem suplantadas, mas sendo uma relação intercultural o cuidado precisa ser redobrado, pois as fronteiras tendem a ser mais acentuadas e nem sempre são vencidas com facilidade devido ao fato dos envolvidos serem de culturas, idiomas, religiões diferentes, gerando certas divergências no lar que se mostram bastante visíveis aos pares. Simone, por exemplo, mostra-nos que um dos pontos negativos da relação intercultural é o excesso e perfeccionismo suíços:

O exagero. Eu acho que nada pode ser neurótico. Isso é negativo. A coisa das línguas eu não encontro nada de negativo. Talvez, para mim... Eu que estou estudando alemão, então fica um pouco difícil, um pouco... É sacrifício para mim ter que entender o que as pessoas estão falando, mas eu não acho isso negativo. Acho isso positivo até, mas talvez eu possa dizer que é difícil. Agora o exagero das coisas estarem muito certinhas, milimetricamente os objetos no lugar... Isso eu acho um pouco negativo. Tem que cuidar para não virar uma neurose, porque se deixar a maioria dos suíços viram neuróticos que nada pode sair do previsto, não só com objetos, mais com tudo, não

---

<sup>156</sup> PEREL, Esther. 2002: p. 209

pode sair do previsto. Não pode ser uma coisa inusitada, de repente, eles ficam um pouco nervosos. Talvez isso seja negativo. Eles têm que ser um pouquinho mais relaxados. Aconteceu uma coisa inusitada, que não estava prevista, relaxar mais um pouco, não se estressar tanto.<sup>157</sup>

Para mim o pior é não ter o calor humano do Brasil...não me enquadro no estilo de vida suíço, eles são muito rígidos, cheios de regras, aqui tudo é muito planejado... Não existe espontaneidade, encontro entre amigos, por exemplo, tem que ser marcado com meses de antecedência... Eles têm muitas regras para tudo e reclamam se qualquer coisinha sai fora dessas regras. Não existe muita flexibilidade nem espontaneidade aqui. Outra coisa: eu desenvolvi depressão aqui. Coisa que eu nunca tive. Não tinha noção que seria tão difícil me adaptar à cultura dele.<sup>158</sup>

E prossegue na mesma esteira considerativa:

Como eu moro na Suíça, a parte negativa foi deixar meu país, minha cultura, minha família, amigos, emprego para vir morar aqui. Acho que qualquer relacionamento é difícil, mas no nosso caso é um pouco mais, pois tem o fato de eu ter largado tudo e ter que recomeçar do zero. No começo nem sabia falar alemão, dependia dele até para ir ao correio.<sup>159</sup>

Deixar de lado a minha trajetória profissional, ficar aqui sem ter o que fazer, problemas de relação por causa da cultura diferente, falta de entendimento etc.<sup>160</sup>

Deste modo, destaca-se como *“se relacionar com alguém de outra cultura pode gerar conflitos, desentendimentos, porque, com a diferença cultural, cada parte do casal age diferente em determinada situação e nem sempre está claro que é uma questão cultural.”*<sup>161</sup>

<sup>157</sup> Simone – Skype (Suíça) 28/04/2005

<sup>158</sup> Clarissa – MSN (Suíça) 11/04/2005

<sup>159</sup> Clarissa – MSN (Suíça) 11/04/2005

<sup>160</sup> Larissa – MSN (Suíça) 09/05/2005

<sup>161</sup> Urs - MSN (Suíça) 11/04/2005

Problemas, tais como a

má compreensão, a acostumação lenta pra entender os mesmo conceitos, a falta do o mesmo terreno de conceitos, por exemplo, quando ela diz uma palavra posso entender outra ou quando ela se comporta de um jeito, posso, também, ter dificuldades pra interpretar.<sup>162</sup>

As vezes os diferenças culturais causam desentendimentos.<sup>163</sup>

Patrícia, uma das entrevistadas, nos revela que existem os dois lados da história intercultural.

A diferença cultural é uma faca de dois gumes: é maravilhoso aprender coisas que não faziam parte da minha cultura por exemplo (...) Aprendi a ver o mundo com olhos diferentes. Apreciar, por exemplo, as estações do ano, uma caminhada, um churrasco de "salsicha", uma nova língua". Mas o "o outro lado da faca" é bastante árduo de ser contornado. "As diferenças às vezes cansam" como, por exemplo, "ter que jantar pão com salame, ter que ouvir piadinhas do Brasil, ser vista como "a estrangeira", "a oportunista" ou a falta de cultura do Brasil.

Outra particularidade que causa especial desgosto, apontada por Patrícia, foi referente ao gosto musical. Dizendo "*eu lá me importo em saber de Bach e Beethoven*". Com isso, ela deixa claro que as diferenças culturais devem ser respeitadas e que, para se bem viver, não é preciso anular-se nem anular o outro, mas encontrar um meio termo. Por isso, no caso dela, e mesmo sem se interessar por Bach ou Beethoven, os escuta.

<sup>162</sup> Vincent – MSN (Suíça) 09/05/2005

<sup>163</sup> Markus - MSN (Suíça) 25/04/2005

Entretanto, esse entendimento, às vezes, fica difícil de se encontrar quando somos obrigados a escutar desverdades acerca de nossa cultura. Patrícia, por exemplo, fala de como, ocasionalmente, é abordada sobre o tema e de qual é a sua reação: *“Brasil, Argentina, tudo a mesma porcaria, “lá vocês falam espanhol, né? Agora eu devolvo tudo na mesma moeda. A gente aqui cria uma casca com o passar do tempo. Não acho que é ruim ser diferente.”*<sup>164</sup>

Na fala de Judith Vero, este comportamento foi descrito por que diz que *“pensar as diferenças culturais é pensar a alma de um povo: contornos emocionais e míticos que envolvem determinada comunidade tornando-a diferente das demais.”*<sup>165</sup> Querendo com isso dizer que

não se trata de preconceito propriamente dito, mas de expediente psicológico usado, no caso, como instrumento de sobrevivência. O diferente é tão ameaçador que a única forma de sobrevivência psíquica encontrada pelo grupo é o espelhamento na semelhança e o expurgo da diferença.<sup>166</sup>

Acrescenta ainda que *“o contato com o novo, representado por outro país, outra cultura, outro clima, outro idioma, outra maneira de vestir e outros hábitos, lhes é tão ameaçador que recusar a alteridade é a única alternativa vislumbrada de se manterem íntegros”*.<sup>167</sup> Ou para manterem, preservarem sua cultura.

No entanto, a maior dificuldade encontrada pelas entrevistadas foi direcionada ao fato de ter que se adaptar a uma nova língua como é o caso de Sheyla. *“Eu acho que há uma barreira na língua. Mesmo que eu domine a língua, às vezes, eu não consigo me expressar como eu estaria me expressando em português. Dá alguns desentendimentos por causa disso.”*<sup>168</sup> Por outro lado, dois terços dos homens

<sup>164</sup> Patrícia - MSN (Suíça) 25/04/2005

<sup>165</sup> VERO, Judith. 2003: p. 71

<sup>166</sup> VERO, Judith. 2003: p. 143

<sup>167</sup> VERO, Judith. 2003: p. 147

<sup>168</sup> Sheyla - Skype (Suíça) 18/05/05

suíços entrevistados, mesmos não vivendo no Brasil, falam e escrevem fluentemente o português e até se sentem culpados por falarem com suas esposas em português em vez de em sua língua materna. Reconhecem que ao falarem em português não facilitam o aprendizado do idioma que suas esposas deveriam estar falando na Suíça.

A única coisa que posso dizer é que eu quase não consigo falar na língua que ela teria que aprender, pois nos conhecemos lá no Brasil os dois falando português. Até cheguei à conclusão que eu consigo melhor expressar os meus sentimentos em português... Então falta o ensaio diário para ela aprender o alemão rápido...<sup>169</sup>

Vários dos entrevistados dizem não ter, pelo menos ainda, pontos negativos a assinalar em sua relação intercultural, embora estejam conscientes que pode vir a acontecer. “*Ainda nada, talvez mais para frente, mas temos uma compreensão muito linda e clara de tudo*”<sup>170</sup> mostrando que, mesmo com todas as adversidades, o relacionamento intercultural é viável.

Por conseguinte, apesar dos desafios diários que uma relação intercultural comporta - nem sempre é fácil conciliar oposições dessa ordem de realidade -, embora não seja impossível fazer face a uma nova vida em um novo país com uma nova língua, por exemplo, para se expressar. Mas para isso, a adaptação dos casais requer muito espírito de reciprocidade afetiva – o que exigiria de si mesmos - e não seria correto considerar que uma pessoa assimile uma nova cultura pelo casamento ou mesmo pela naturalização, isto é, esquecendo suas origens, seu histórico profissional, seu passado familiar, além de suas outras identidades e identificações. Pode-se dizer que é na inesgotável capacidade de não esquecer suas origens que o estrangeiro encontra o contraveneno para a completa assimilação garantindo, dessa maneira, a preservação de sua cultura, ou ainda a resignificação da mesma. “*Quel que soit le sens qu'on donne, la categorization spontanée en <<couple mixte>> est*

<sup>169</sup> Mike – Skype (Suíça) 06/06/2005

<sup>170</sup> Thais - Skype (Suíça) 06/06/2005

*toujour classante et significative, soutenant la séparation subjectivement construite entre le eux et le nous.*<sup>171</sup>

Desta sorte, Gabrielle Varro aponta para o fato da maioria dos trabalhos sobre casamentos mistos mostrarem somente os pontos negativos e onde *“le mariage mixte est interprété como une rupture avec son “groupe d’origine”, voire comme une trahison.*<sup>172</sup> Acrescenta que, no relatório da MIRE, o conjunto de trabalhos mostram só o que é negativo *“on ne rencontre que difficultés, conflits, échecs”*<sup>173</sup>

Confirmando essa perspectiva, Charles que é viúvo, foi casado por quinze anos, tem três filhos, vive no Brasil e acha que o melhor do casamento intercultural foi a possibilidade que teve de poder criar seus filhos, de poder participar mais ativamente de sua educação. Aponta para a dificuldade dos amigos da mesma idade que não vêem os filhos crescer por trabalharem demais e quando se dão conta, infinitamente, seus filhos já saíram de casa e, que devido a isso, não conseguiram criar um elo entre eles como os que Charles criou com seus filhos.

Eu quis criar os meus filhos, eu quis ter filho e estar junto. Já consegui. O maior tem quatorze anos. Então lá na Europa eu não tinha conseguido. Era trabalhar, trabalhar, trabalhar. Você chega de noite de seis horas às vezes os meninos já estão dormindo. Já acorda de sete para ir na escola. E dependendo do horário tem amigos meus que vêem os filhos deles muito pouco. Porque... tem que estudar de manhã e de tarde e o pai, às vezes, não volta no almoço. Aí você vê os filhos quando? Tem uns amigos que tem emprego, são ricos e tudo... agora depois de quinze, vinte anos de emprego estão folgados. Os filhos estão com vinte anos. Não querem nem saber dos pais mais. Já está com dinheiro, está com tempo e não curtiram. Os filhos já estão com vinte anos e não deu tempo de curtir. Os filhos já cresceram, eles foram o quê? Ganhar dinheiro. Trabalhar, trabalhar e não conseguir ter uma afinidade com os filhos. E com vinte anos você não pega mais afinidade com os filhos. Você não pega aquele vínculo, aquele amor, de estar morando todo o dia junto, de levantar e dar um beijo, de estar... Então realmente lá é mais dinheiro, aqui é mais o lado afetivo. Você tem mais tempo de cuidar. De manhã levanto a seis horas da manhã,

<sup>171</sup> VARRO, Gabrielle. 2003: p. 89 - Qualquer que seja o sentido que dermos, a categorização espontânea, no “casal misto”, é sempre classificatória e significativa, sustentando a separação subjetivamente construída entre o eles e o nós. (Tradução minha)

<sup>172</sup> VARRO, Gabrielle. 1993: p. 92 - O casamento misto é interpretado como uma ruptura com o seu “grupo de origem”, até mesmo como uma traição. (Tradução minha)

<sup>173</sup> MIRE apud VARRO, Gabrielle. 1993: P. 92

passo o café. Aí levo os meninos na escola. Chega em casa todo o mundo se abraça, fica na minha cama.<sup>174</sup>

Por sua parte, Simone que é casada com Cláudio, fala sobre o seu casamento como sendo uma fonte de conhecimento e enriquecimento cultural. Considera benéficos o aprendizado e a troca mútua existentes no casamento intercultural para ambas as partes. Acrescenta dizendo o que vê de positivo no casamento intercultural:

Ah! Várias coisas. Ele foi quando criança ao Brasil, com 6, 7 anos de idade. O pai foi transferido para lá. Mais ele estudava num colégio Suíço-Brasileiro justamente para não perder a cultura suíça, não perder a língua. E falava em casa alemão com o pai, alemão com a mãe. Abriu muito a minha mente estar com ele, porque essa questão de línguas, porque eles falam várias línguas, para eles é normal. Porque aqui na Suíça, se fala francês, italiano... Ainda tem um reto romano dos Alpes Suíços, e mais o alemão e o dialeto suíço. E o inglês que eles aprendem, então eles são políglotas. E para mim, isso é uma coisa de muito positivo. Porque eu fui criada no Brasil só falando português, nem espanhol eu aprendi. E aprender inglês num cursinho e sem oportunidade de praticar, porque o Brasil é muito grande, sem oportunidade de viajar para fora. O que eu vejo mesmo de vantagem foi essa coisa de abrir a mente mesmo, de internacionalizar, de ver outras culturas, ver que ele fala outras línguas e que para ele é tão natural. Isso para mim foi o principal. É essa coisa da internacionalização mesmo, de não ficar fechado só num país. Uma outra coisa também é a disciplina. Eu acho que os suíços tem muita disciplina. E o Cláudio, meu marido, ele é bem disciplinado dentro de casa, ele gosta das coisas no lugar. Isso é um pouco chato, mas eu... Para mim isso foi muito positivo porque eu sempre fui muito bagunceira. Então, para mim isso foi outra vantagem de um choque cultural porque o suíço não é nada bagunceiro (Risos). E o brasileiro é mais bagunceiro, não é? Também peguei isso de bom nele. E eu acho também a vice-versa... o contrário... eles podem aprender com a gente é ser um pouco solto, um pouco mais espontâneo, que as coisas não precisam ser sempre da mesma forma, que é possível mudar alguma coisa. Você não precisa fazer sempre a mesma coisa, não é? Não precisa tomar café sempre 10:00 horas da manhã, por exemplo, pode ser 10:30, pode mudar. Eu acho que os suíços aprendem com os brasileiros, culturalmente... essa coisa de espontaneidade. Mas nós temos que

<sup>174</sup> Charles – Pau Amarelo 10/03/2005

aprender com eles essa coisa de disciplina que é muito importante. Que nós brasileiros não temos muito.<sup>175</sup>

Como se pode perceber, o relato de Simone mostra-nos que o relacionamento intercultural não beneficia somente os homens suíços (que vêm ao Brasil para encontrar uma esposa). As mulheres também são beneficiadas com a relação, pois encontram no relacionamento com o homem suíço mais igualdade, mais respeito em relação às suas escolhas quer elas sejam pessoais ou profissionais. Judith Vero fala que,

embora este século tenha sido o da desconstrução da identidade moderna, entendida como referência fixa e imutável, o indivíduo necessita de referências que funcionem como base, de acordo com a qual possa elaborar suas subjetividades em direção à individuação. Nome, idioma materno, conteúdos do inconsciente coletivo (...) podem fazer esse papel. O que mais vier é o novo, o estranho, o estrangeiro.<sup>176</sup>

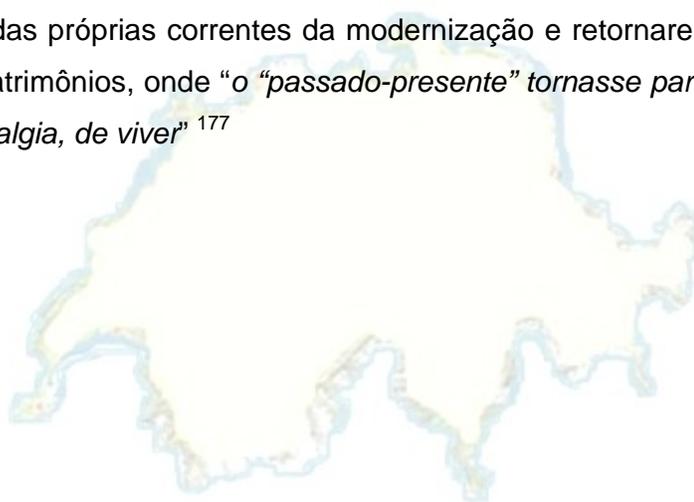
Consequentemente, essas referências de base talvez estejam no equilíbrio encontrado na união das duas culturas, ou seja, da formação da família intercultural, fazendo do casamento não só um contrato oficial, mas um lugar de harmonia e bem estar.

O casamento intercultural seria não só a união de dois indivíduos, de duas pessoas independentes de suas culturas. O casamento intercultural seria a união das próprias culturas e o futuro dos relacionamentos interpessoais, onde, cada vez mais, culturas e mais integrantes unir-se-iam na busca do equilíbrio e da miscigenação cultural. Estes integrantes (homens suíços e mulheres brasileiras, no caso deste trabalho), desejosos de vivenciarem histórias de relacionamentos estáveis, partiriam em busca do desconhecido, do estrangeiro, do turista dentro de si que explora, em outras culturas novas possibilidades para a felicidade afetivo-

<sup>175</sup> Simone – Skype (Suíça) 28/04/2005

<sup>176</sup> VERO, Judith. 2003: p.163

conjugal, mesmo que isso significasse enfrentar alguns contratempos. Para isso, romperam com a separação que as fronteiras nacionais legam aos seus nascidos para, com isso, se libertarem das próprias correntes da modernização e retornarem ao passado, de duradouros matrimônios, onde “o *“passado-presente” tornasse parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver*”<sup>177</sup>



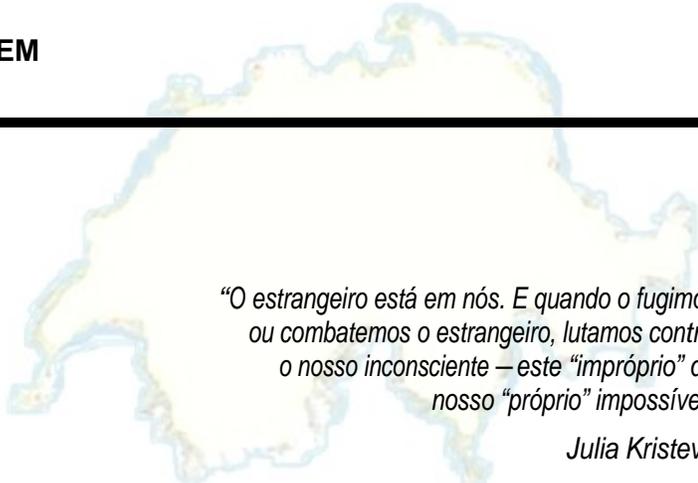
---

<sup>177</sup> BHABHA, Homi K. 2003: p. 27

## CAPÍTULO 4

### A AFIRMAÇÃO DE SER HOMEM

---



*“O estrangeiro está em nós. E quando o fugimos ou combatemos o estrangeiro, lutamos contra o nosso inconsciente – este “impróprio” do nosso “próprio” impossível”*

*Julia Kristeva*

Tenho falado nos capítulos anteriores sobre as mudanças ocorridas no horizonte epocal da modernidade, tanto na Suíça como no Brasil, em relação à sociedade, à família, ao casamento e até em relação à mulher nas últimas gerações. Abordarei, neste capítulo, o complexo dessas mudanças têm modificado a vida do homem nas últimas décadas.

Com cada vez mais transformações acontecendo na família, na mulher e na sociedade, o homem, parte integrante e fundamental da família tem sido afetado em todos os âmbitos de sua vida, portanto abranger as mudanças que ocorrem no e com homem no contexto da família é de suma importância. Essas transformações nos levam a vários questionamentos: o que é ser homem? Como o homem se relaciona com a mulher face às rápidas mudanças nos atuais papéis de gênero? Como se comporta diante de sua masculinidade? Como ele próprio percebe o que é ser homem na atualidade? Como a mulher o percebe?

Os homens suíços, como assinalado anteriormente, estão, cada vez mais, procurando relacionamentos afetivo-conjugais com mulheres fora de seu país de origem. Este capítulo mostra como o homem suíço se vê a si mesmo – e, por conseguinte, a nova mulher suíça que gestou em seu país de origem -, mais especificamente, como ele se situa a si mesmo na sociedade, na família e consigo mesmo a partir das mudanças provocadas pela emancipação das mulheres ao longo

das últimas décadas. Salientaremos, também, o que motiva esses homens a buscar em outras culturas um relacionamento afetivo-conjugal.

Veremos, pois, que mudanças específicas aconteceram na construção de ser homem e que, independentemente de como chamemos o momento histórico-social - “alta modernidade”,<sup>178</sup> “pós-modernidade”,<sup>179</sup> “modernidade tardia”<sup>180</sup> - que vivenciamos, são, sem dúvida, momentos “flexíveis e plurais,”<sup>181</sup> onde a heterogeneidade, a interculturalidade e a mixidade predominam.

### O que é ser homem

Durante a última década tem surgido, cada vez mais, estudos sobre a masculinidade, ao contrário das décadas passadas, onde os estudos de gênero privilegiavam claramente os estudos sobre a mulher. Isso vem acontecendo porque se torna urgente redefinir o conceito de masculinidade, visto que o atual vem trazendo desconforto a muitos homens. Observar o modo de vida dos homens nos permite considerar como os diversos eventos socioculturais agem sobre o gênero masculino e sobre suas masculinidades.

Joan Scott, uma das pioneiras na discussão de gênero, se refere a gênero para apontar as relações sociais entre os sexos excluindo, assim, qualquer alusão biológica que tente explicar ou justificar a subordinação das mulheres. Gênero para a autora é a forma de construção totalmente social de idéias sobre os papéis moldados aos homens e às mulheres. Esse processo de socialização que molda os seres humanos começa no nascimento ou mesmo antes e é reafirmado no decorrer de suas vidas por várias instituições como a família, a religião e o trabalho. Portanto, o que determina o papel de gênero, em cada ser humano, é o conjunto de regras sociais provocando limitações e delimitações na identidade.<sup>182</sup>

<sup>178</sup> GIDDENS, Anthony. 1991

<sup>179</sup> SANTOS, Jair Ferreira dos. 1986

<sup>180</sup> HALL, Stuart. 2003

<sup>181</sup> VAITSMAN, Jeni. 1994

<sup>182</sup> SCOTT, Joan. 1995 (Tradução Recife: SOS/CORPO)

Entre os estudiosos da masculinidade podemos salientar Michel Kimmel que enfatiza a importância de abrir mais o espaço para os estudos da masculinidade, analisando-os sobre o prisma do gênero, para entender o masculino como algo plural, isto é, como a construção de diferentes estilos de ser homem que transitam no interior de cada homem. Salienta ainda que:

As masculinidades (1) variam de cultura para cultura, (2) variam em qualquer cultura nos transcorrer de um certo período de tempo, (3) variam em qualquer cultura através de um conjunto de outras variáveis, outros lugares potenciais de identidade e (4) variam no decorrer da vida de qualquer homem individual. (...) São constituídas simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder – nas relações de homens com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações dos homens com outros homens (desigualdades em raça, etnicidade, sexualidade, idade, etc). Assim, dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o sexismo e a homofobia. (...) A masculinidade como uma construção imersa em relações de poder é frequentemente algo invisível aos homens cuja ordem de gênero é mais privilegiada com relação àqueles que são menos privilegiados por ela e aos quais isto é mais visível.<sup>183</sup>

Concordando com as falas anteriores, Maria Coleta de Oliveira refere que os estudos de gênero têm, visivelmente, privilegiados a questão da mulher em torno do qual se constituiu, mas que a tensão entre os pólos feminino e masculino colocou a nu o desconhecimento acerca do homem. Acrescenta que

a “questão masculina” brota do processo social, do espanto e do desconforto dos homens diante da emancipação feminina ou, simplesmente, diante do questionamento das assimetrias de gênero por parte de um certo segmento de mulheres.<sup>184</sup>

<sup>183</sup> KIMMEL, Michel. 1998: p. 105

<sup>184</sup> OLIVEIRA, Maria Coleta de. 1994: p.90

Aponta ainda para o fato dos papéis masculinos estarem esquecidos pela Demografia e para a “*necessidade da Demografia escrever a dinâmica da população da perspectiva masculina (...), da perspectiva das relações entre os sexos.*”<sup>185</sup>

Matthew C. Gutmann<sup>186</sup> em “*Trafficking in men*” fala das dificuldades que os antropólogos têm atravessado em seus estudos sobre a masculinidade e do fato de não se ter um conceito único de masculinidade. Aponta para pelo menos quatro formas distintas, usadas na Antropologia, para conceituar a masculinidade. O primeiro conceito de masculinidade considera que ela é, por definição, qualquer coisa que os homens pensam e façam. O segundo é que, masculinidade, seja qualquer coisa que os homens pensam e façam para serem homens. O terceiro é que alguns homens são, inerentemente, considerados “mais viris” que os outros homens. E por fim, a abordagem da masculinidade que enfatiza a importância geral e central das relações homem/mulher e, assim, essa masculinidade é considerada como qualquer coisa que as mulheres não sejam. Nesse sentido, o autor acredita que os estudos feitos, até recentemente, sobre os homens não eram acerca do homem-como-homem, mas que carimbavam, com insistência, os rótulos, os estereótipos, por isso busca descrever em seus estudos o homem-como-homem dentro de um contexto de quebra-cabeça multigeneralizado.

Neste sentido, é importante sinalizar a relevância de trabalhos como o de Miguel Vale de Almeida<sup>187</sup> e suas considerações sobre masculinidades hegemônica e subalterna, onde é assinalado que, em determinado contexto, há de se lidar com um modelo dominante de masculinidade, e outros que a ele se subordinam ou com ele dialogam. O autor emprega a antropologia do gênero com o objetivo de chamar a atenção para os escassos estudos sobre gênero que enfocam temas, especificamente, associados à identidade masculina. Tenta compreender como se reproduz o modelo central da masculinidade – a masculinidade hegemônica – em um momento em que a diversidade e as experiências dos homens parecem apontar a existência de várias masculinidades. Considera que a masculinidade hegemônica é um consenso experimentado por cada homem, assim como a masculinidade subordinada visto que esta está contida na hegemonia e que falar de “masculinidade

---

<sup>185</sup> OLIVEIRA, Maria Coleta de. 1994: p.90

<sup>186</sup> Para maior aprofundamento sobre os estudos feitos acerca do homem de da masculinidade ver GUTMANN, Matthew C. 1997

<sup>187</sup> VALE DE ALMEIDA, Miguel. 1996

dos homens” seria analisar a complexa relação entre homens concretos e masculinidade colocando em foco a “homossociabilidade” e não as relações de gênero. Refere-se ainda à masculinidade como sendo internamente constituída por “assimetrias” (heterossexual/heterossexual) e “hierarquias” (ser mais ou menos masculino), onde se encontram modelos hegemônicos e variantes subordinadas. “O modelo de masculinidade é ainda internamente hierarquizante, incluindo por isso o espectro da feminilidade nas disputas pela masculinidade. Na competição feminiza-se os outros, na solidariedade vangloria-se a sua masculinidade.”<sup>188</sup> Acrescenta que a “masculinidade e feminilidade não são sobreponíveis, respectivamente, a homens e mulheres: são metáforas de poder e de capacidade de acção, como tal acessíveis a homens e mulheres.”<sup>189</sup>

Os entrevistados concordando com o fato de que não há só uma masculinidade, mas masculinidades, nem somente uma forma de se ser homem, afirmam que, ser homem, varia entre: de um lado, “*ser uma pessoa integral. Estar equilibradamente corpo, mente e espírito. Trabalhar em família. Buscar um meio de equilíbrio no meio do caminho. Isso é essencial.*”<sup>190</sup> E de outro, “*ser amigo e companheiro, bom. Acho que é trabalhar, construir, amar, estudar, ser feliz e participar.*”<sup>191</sup> Em resumidas contas, “*primeiro viver e agir como ser humano. Procurar e achar um projeto de vida e fazer sempre o melhor a cada dia.*”<sup>192</sup>

No desdobramento desse recorte percebe-se que, tanto os homens suíços como suas esposas brasileiras têm plena consciência de que vivemos em um mundo onde a mulher não mais pode ser vista ou tratada como um ser inferior. Todos os homens entrevistados, ao serem questionados sobre “o que é ser homem”, assinalaram, de alguma maneira, que ser homem é ser “*um ser humano*” simplesmente, ou “*um ser humano masculino*”. Alguns enfatizaram, ainda, a igualdade desse ser humano em relação à mulher. <sup>193</sup> “*Igual que ser mulher. É buscar sua felicidade sem incomodar a felicidade dos outros.*”<sup>194</sup>

<sup>188</sup> VALE DE ALMEIDA, Miguel. 1996: p.177

<sup>189</sup> VALE DE ALMEIDA, Miguel. 1996: p.162

<sup>190</sup> Cláudio – Skype (Suíça) 28/04/2005

<sup>191</sup> Larissa – MSN (Suíça) 09/05/2005

<sup>192</sup> Mike – Skype (Suíça) 06/06/2005

<sup>193</sup> Sheyla - Skype (Suíça) 18/05/2005

<sup>194</sup> Vicent – MSN (Suíça) 09/05/2005

Desse modo, pode-se dizer que, ser homem, também é visto pelos perquiridos como sendo alguém sem nenhuma diferença da mulher, além do fato de não ser mulher, ou seja: *“Talvez a pergunta seja: o que é ser humano? Para mim tem exatamente o mesmo papel da mulher, ser melhor como pessoa a cada dia.”*<sup>195</sup> *É ser um humano masculino”.*<sup>196</sup> Seguindo nessa linha de pensamento, Didier acrescenta:

Eu acho que não tem diferença nenhuma de ser mulher. Ser homem é um ser humano como qualquer outro como ser mulher também é um ser humano. Cada um com as suas características e as suas qualidades e os seus defeitos.<sup>197</sup>

Mas, até bem pouco tempo atrás o que era ser homem não era algo questionável. As divisões dos papéis entre homens e mulheres estavam tão bem definidos que seria uma afronta questionar sobre o que faz um homem ser homem. No entanto, hoje, como os papéis não são tão delimitados entre homens e mulheres, pode-se até dizer que ser homem é ser:

como a mulher. O papel do homem não é mais tão bem definido como antigamente. Antigamente a mulher cuidava da casa, dos filhos e o homem trabalhava. Hoje em dia, as mulheres querem e têm que trabalhar também, e, o homem tem que dividir as tarefas do lar. Está havendo é uma confusão na cabeça dos homens e das mulheres, o que gera muita angústia ao meu ver<sup>198</sup>

<sup>195</sup> Thaís - Skype (Suíça) 06/06/2005

<sup>196</sup> Markus - MSN (Suíça) 25/04/2005

<sup>197</sup> Didier – Skype (Suíça) 18/05/2005

<sup>198</sup> Clarissa – MSN (Suíça) 11/04/2005

No entanto, apesar de se respeitarem um ao outro como seres humanos iguais, não se deve deixar de enfatizar que esta igualdade foi conquistada com grandes esforços, muitas conquistas e alguns danos.

A propósito, para alguns teóricos, as identidades modernas estão entrando em colapso devido ao tipo de mudança estrutural que as está assolando fragmentando

as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.<sup>199</sup>

A essa perda de um “sentido em si”, Stuart Hall, denomina de “deslocamento” ou ainda de “descentração do sujeito”.

Devido a essa descentração do sujeito, ser homem não é mais tão fácil de ser definido. É uma multiplicidade de seres em um ser. Ainda que siga sendo visto, tanto por homens como por mulheres, como sendo o suporte da família moral e financeiro e isso apesar da mulher ter conquistado independência financeira. Homem e mulher, apesar de todas as conquistas rumo à igualdade dos sexos, ainda vêem o homem como sendo o “provedor”. Urs, um dos entrevistados, pontua sobre como o homem ainda é o responsável pela segurança financeira da família.

Ser homem é não ser o sexo frágil, é o que dá suporte à família. Ser homem ainda é ser aquele que se preocupa com a estabilidade financeira da família, aquele que deve transmitir segurança à família. Para a criança é um exemplo e participa ativamente na educação, tem tempo para ela.<sup>200</sup>

<sup>199</sup> HALL, Stuart. 2003: p.9

<sup>200</sup> Urs - MSN (Suíça) 11/04/2005

Este é mais um dos pontos em que o homem suíço encontra o equilíbrio que procura no casamento intercultural. Ser homem ainda é ser aquele que cuida de sua família não permitindo que lhes falte nada e isso é visto observar tanto nas falas do homens entrevistados como nos de suas esposas.

(Risos) Bom, é trabalhar. Ele precisa principalmente quando ele vai ter filhos porque a mulher vai ter que esperar um pouco para cuidar da criança, para dar de mamar. Então, se é um homem macho dentro da família, principalmente, ele tem que ter um emprego, não é? E se ele não se interessa por família, mas que ele tente desenvolver mesmo a sensibilidade. Que ele não ache que ele é melhor ou que tem que ser servido pelas mulheres. Que ele prefira compartilhar. Essa pergunta que foi muito difícil para mim. Assim, como ser humano, eu acho que é respeitar o próximo, fazer para o outro o que gostaria que fizessem para você, não querer o sucesso a qualquer preço. É você ter valores morais.<sup>201</sup>

Mas nem sempre foi assim. O homem precisou rever sua posição na sociedade e fazer grandes mudanças, ou seja, transformar-se em um novo homem para coexistir com essa nova mulher que gestou a partir da emancipação da mulher. Mas até encontrarem o seu lugar, ou novo lugar no seio familiar muitos questionamentos serão levantados.

Mas, embora homens e mulheres concordem que ser homem ainda é ser o provedor, não se pode mais afirmar que essa é a maior ou a única preocupação ou responsabilidade de ser homem. Essa mudança de perspectiva pode ser captada na fala de Simone.

Ser homem, no geral é você priorizar os valores morais, como amor, como respeito, como a serenidade. Colocar isso acima de ter uma posição melhor num emprego, para ter um salário melhor e de dar rasteira nas pessoas. Então eu acho que ser homem no geral,

<sup>201</sup> Simone – Skype (Suíça) 28/04/2005

homem e mulher, é você procurar fazer aquilo que você queria que fizessem para você.<sup>202</sup>

**“Quem são eles?”**

**Quem eles pensam que são?”**

De uma maneira geral, o homem ocidental tem sido considerado como sendo portador de “algo a mais” do que a mulher. Isto contribuía para que mantivesse o poder sobre a mulher. Com a desmistificação desse “algo a mais”, o poder que o homem exercia sobre a mulher ruiu e, com ele, a segurança de ser seu “senhor absoluto”. A desmistificação do poder masculino, também, abriu espaço para questionamentos maiores provocando um certo vazio na definição do que é ser homem.

Essa desmistificação acerca do poder masculino teve seu apogeu com o movimento feminista. *“Ao pôr fim à distinção entre os papéis e firmar pé sistematicamente em todos os domínios antes reservados aos homens, as mulheres fizeram evaporar-se a característica universal masculina: a superioridade do homem sobre a mulher.”*<sup>203</sup>

E, embora o feminismo seja visto como o grande causador da crise instalada no seio da família e mais especificamente da crise do homem moderno, - na verdade, o feminismo foi mais culpado de ter mostrado as mazelas do patriarcalismo do que de ter causado a “crise do masculino”.

No entanto, isso teve um preço. Ao querer mudar, sair da esfera privada para a pública, e ao querer, também, restabelecer sua identidade, os desabonos dos homens que, até então estavam bem escondido, vieram à tona ou como alguns estudiosos dizem: o masculino entrou em crise.

<sup>202</sup> Simone – Skype (Suíça) 28/04/2005

<sup>203</sup> BADINTER, Elisabeth. 1993: p. 6

A primeira etapa da mudança consiste geralmente em repensar os próprios valores, atitudes e comportamentos. Ora, ninguém aceita de boa vontade os próprios erros, ninguém quer conviver com a dúvida, e é difícil admitir, aos trinta, quarenta, cinquenta ou sessenta anos, que ainda se tem muito a aprender. Sem contar as interpelações às vezes contraditórias feitas aos homens por suas parceiras (...). Hoje, incita-se os homens a se interrogar, a duvidar, quando sempre se ensinou a eles que os verdadeiros homens tinham de agir e estar seguros de si.<sup>204</sup>

Como o homem foi, durante séculos, criado para ser a parte guerreira do casal e a mulher deixou de ser sua presa, tornou-se inquietante ver como, certos homens, não conseguem se situar, tranqüila e proeminentemente, no novo quadro das inter-relações de gênero. Sentem-se inseguros quanto ao papel que devem representar na sociedade atual. Com a conquista da mulher do espaço público e privado, uma certa inquietação aflorou em alguns homens quanto à maneira de se comportar face às novas exigências na configuração da divisão de trabalho, assim como, quanto ao seu papel na esfera íntima, e, principalmente, à maneira de se comportar frente às expectativas dessa nova mulher no que tange às respostas de apelo e prontidão sexuais.

“Muitas das transformações do comportamento masculino se deve às mudanças do comportamento feminino. As mulheres se extroverteram. Saem mais de casa, deixando os lares para trabalhar, estudar, passear e se divertir. Houve, sem dúvida, uma perda e um ganho. Elas amadureceram em muitos aspectos. A experiência traz crescimento. Elas se abriram mais para o mundo, arriscam-se mais, querem mais, participam mais. Adquiriram um comportamento que era mais do homem: extroversão, agressão, objetividade, racionalidade. O feminino é que está mais desvalorizado, seja nos homens, seja nas mulheres. Vivemos numa sociedade fálica, em que impera a lei do mais forte. As qualidades femininas, como a paciência, tolerância, compreensão, delicadeza, graça, suavidade, contemplação, é que estão sendo desprezadas, mesmo nas mulheres, e pelas mulheres. A própria relação entre os sexos se tornou luta, competição, atletismo. O relacionamento entre o homem e a mulher, em grande parte dos casos, se degenerou em

---

<sup>204</sup> DORAIS, Michel: 1994. p. 98

luta de poder. O objetivo explícito ou implícito é ver quem pode mais, ou quem manda mais.”<sup>205</sup>

A esse respeito, Anthony Astrachan faz um relato pessoal de como se sentia a respeito do sucesso que sua mulher tinha profissionalmente onde reflete os sentimentos de muitos dos homens entrevistados por ele em “Como os Homens Sentem”.

Nos primeiros quatro anos do nosso casamento o meu sucesso profissional foi bem maior do que o dela, mas depois de 1974 ela passou a ser muito mais solicitada como *free lance* do que eu. Houve um ano da nossa vida em comum em que ela ganhou mais dinheiro do que eu; isso, por um lado, me deixou orgulhoso, mas, por outro, me levou a sentir que o meu poder estava diminuindo aos seus olhos. Então fiquei na posição da maior parte das mulheres com relação a seus maridos. Isso talvez tenha reforçado o ressentimento que senti durante todos os anos em que trabalhei como *free lance* no decorrer do nosso casamento, mesmo quando estava sendo bem-sucedido e até quando estava ganhando mais do que Susan. Eu tinha medo de não conseguir sobreviver sem ela, e me ressentia disso mesmo quando aplaudia o seu sucesso.<sup>206</sup>

Astrachan nos diz ainda: *“houve períodos em que chegamos a conviver como iguais, mas aos poucos nos tornamos tão competitivos que isso corroeu o nosso amor. Uma das razões que fez com que o nosso casamento terminasse foi a minha dificuldade em aceitá-la como igual.”* Isso porque, segundo ele, *“as mudanças nas relações entre sexos não são apenas função dos papéis da emoção, são também uma questão de poder.”* E, no novo desenho das relações de gênero, as mulheres estão exigindo participar cada vez mais desses poderes. Essa exigência por maior participação levou *“os homens a começarem a sentir e a falar a respeito de um tipo*

<sup>205</sup> ULSON, Glauco.1997: p. 78 Glauco Ulson é médico psiquiatra junguiano, membro da IAAP, membro-fundador da AJB e presidente do Instituto Junguiano de São Paulo.

<sup>206</sup> ASTRACHAN, Anthony. 1989: p. 25, 26 - Em sua pesquisa com cerca de 400 pessoas nos EUA, nos anos 80, Anthony Astrachan nos mostra como os homens, mulheres e ele próprio se sentem em relação às mudanças advindas da emancipação da mulher.

*de mudança, a mudança pessoal, que nós frequentemente encaramos como uma ameaça à nossa identidade masculina.”*<sup>207</sup>

É ao sentir essa ameaça à sua masculinidade que muitos homens decidem procurar o que lhes é conhecido, ou seja, um volta ao passado em busca de um relacionamento afetivo-conjugal onde a individualidade e a competição não sejam prioridades. Os homens, geralmente, são mais propensos a “sentimentos dolorosos” a respeito dessas mudanças e, mesmo que não estivesse na moda, no passado, a demonstração das suas emoções, não quer dizer que não as sentissem. Atualmente, mesmo os homens que apóiam e aceitam, de maneira positiva, essas mudanças e a participação de uma mulher com mais poder, “*também têm sentimentos negativos intensos que complicam o seu relacionamento com as mulheres.*”<sup>208</sup>

As nossas emoções se enquadram em padrões específicos que ninguém identificou claramente até hoje. Quando nos sentimos negativos com relação ao que as mulheres estão fazendo, os nossos sentimentos formam padrões que enfatizam combinações diferentes de raiva, de medo, de ansiedade, de inveja, de vergonha e de culpa, que estão em transformação. Quando somos positivos, os nossos sentimentos recaem em padrões que enfatizam uma combinação de alívio, orgulho, admiração, identificação e prazer, embora este último possa surpreender muitos homens.<sup>209</sup>

Nesse percurso, feito desde o início da revolução feminina, muitos tipos de homem já foram gestados.

Nesse sentido, Elisabeth Badinter nos mostra um aspecto algo negativo da condição humana resultado dessas transformações nas últimas décadas mas, por mais excessivo e mordaz que seja, tem o mérito de expor os impasses da masculinidade, que são também conseqüências diretas ou indiretas do sistema patriarcal. Ela nos fala das várias definições de homem que têm surgido nos últimos anos como conseqüência da emancipação da mulher. Para contrastar, o *homem duro* que é o *inconstante*, aquele que toma e não dá nada em troca e de quem as

<sup>207</sup> ASTRACHAN, Anthony. 1989: p. 27-29

<sup>208</sup> ASTRACHAN, Anthony. 1989: p.29

<sup>209</sup> ASTRACHAN, Anthony. 1989: p.29

mulheres se revoltaram, de fato, surgiu do seu extremo oposto, o *homem mole*, um eterno estudante, depende da mulher a ponto de não poder viver sem ela, como um bebê com sua mãe.

De resto, se fala do *homem mole*, também chamado *homem-pano-de-prato*, ou seja, aquele que renuncia, por vontade própria, aos privilégios masculinos, abdica do poder, da preeminência do macho que a ordem patriarcal tradicionalmente lhe confere. Domina a tendência à agressividade, abdica da ambição e da carreira, na medida em que estas o impediriam de consagrar-se à mulher e aos filhos. É partidário da igualdade entre homem e mulher em todos os domínios. A autora considera que

a adaptação ao papel de mole não é fácil: com freqüência a cônjuge feminista impõe ao companheiro esse novo comportamento que lhe é profundamente estranho. O homem sente-se atingido em sua masculinidade, sua identidade oscila, e na maioria das vezes o casal se separa.<sup>210</sup>

Badinter acrescenta ainda que o homem mole não conseguiu muitos adeptos, na verdade, revelou-se um fracasso em todos os lugares onde apareceu na Europa.

Mas, se, para alguns, o ideal do *homem duro* é um mito negativo, permanece poderoso no inconsciente masculino. Não obstante, a competição e o estresse que acompanham a vida do dia-a-dia, a obsessão pelo desempenho profissional e outros, aumentam a fragilidade masculina. As demandas feitas aos homens para se adequarem ao ideal masculino atual provocam angústia, dificuldades afetivas, medo do fracasso e comportamentos compensatórios potencialmente perigosos e destruidores.

Se a isso se acrescenta que em nossa sociedade a vida de um homem vale menos que a vida de uma mulher (as mulheres e as

<sup>210</sup> BADINTER, Elisabeth. 1993: p. 132

crianças primeiro!), que ele serve de bucha de canhão em tempo de guerra e que a representação da sua morte (no cinema e na televisão) tornou-se simples rotina, um clichê da virilidade, boas razões existem para olhar a masculinidade tradicional como uma ameaça à vida.<sup>211</sup>

Contudo, se não se pode culpar a mulher pelo fato de não querer e não mais aceitar viver sob o jugo do homem, por outro lado, é fato que os homens, realmente, estão sendo questionados em todos os sentidos. A mulher ter saído do ostracismo que a cultura machista a relegou e, de fato, ter levantado questionamentos sobre o seu caráter, sobre como o homem estava conduzindo a família e a sociedade e estes questionamentos, por certo, não vêm sem conseqüências. O homem, em algumas instâncias, ainda está em fase de pré-aceitação dessas mudanças feitas pela mulher, tanto na esfera privada como na pública. Está, também, aprendendo “características femininas”, a saber, flexibilidade, sensibilidade, ser melhor ouvinte, dividir responsabilidades.

Entretanto, vale salientar que, no curso desse questionamento, dessa cultura machista, não são só os homens que estão sendo afetados. As mulheres também estão tendo de lidar com as conseqüências de terem transformado sua vida pública e privada.

É preciso reconhecer que muitas mulheres ficaram mais estressadas, mais competitivas, preocupadas com necessidades que não preocupavam tanto as mulheres de antigamente, como dinheiro, consumo, sucesso, carreira... Criamos novas exigências, novos desejos, novas ambições e novas culpas. Buscamos novas experiências, brigamos mais e, muitas vezes, nos sentimos profundamente solitárias.<sup>212</sup>

<sup>211</sup> BADINTER, Elisabeth. 1993: p. 146

<sup>212</sup> GOLDENBERG, Mirian. s/a2

As mudanças que afetam a vida do homem no seio familiar, hoje, estão refletidas, também, nas falas dos entrevistados. Ao se referirem ao seu lugar na família estão conscientes de que

Seu papel na família mudou, ele hoje em dia se preocupa mais com a família, é mais ativo em casa, na educação dos filhos. O homem ainda é o mais forte na esfera profissional e social, mas a mulher ganhou seu espaço que vai se tornar cada vez maior, e ele tem que lidar com isso.<sup>213</sup>

Antes o papel do homem era mais financeiro, agora deve cuidar da casa, das crianças e dividir tudo o resto<sup>214</sup>

Hoje apesar dos homens ainda ocuparem altos cargos, a mulher já consegue um espacinho como a prefeita de São Paulo, mas acho que na época dos meus pais e avós, época de ditadura no Brasil, tudo girava em torno do homem, que tinha o controle dentro e fora de casa.<sup>215</sup>

Posso dizer uma mudança no homem atual que eu acho interessante: hoje os homens ajudam as mulheres nos partos e antigamente eles ficavam de fora. Antigamente o homem devia só produzir e não podia chorar nem sentir (acho), hoje ele deve não só produzir, mas também mostrar seus sentimentos. É muito melhor. Antes existiam coisas de mulheres e de homens, hoje já vemos homens até liderando grupos de questões sobre a mulher, hoje o homem participa da saúde da mulher também. Ele sabe o que significa as coisas da mulher, as doenças etc. Sabem até como evitar e o que acontece dentro do consultório do ginecologista<sup>216</sup>

Em contrapartida, Patrícia pensa que para que o homem (mesmo o suíço) chegue ao nível de igualdade com a mulher nos afazeres doméstico, por exemplo, precisa se esforçar bem mais, mas que, por outro lado, estão bem mais sensíveis e compara o marido suíço ao seu irmão brasileiro.

<sup>213</sup> Urs - MSN (Suíça) 11/04/2005

<sup>214</sup> Vincent – MSN (Suíça) 09/05/2005

<sup>215</sup> Patrícia - MSN (Suíça) 25/04/2005

<sup>216</sup> Larissa – MSN (Suíça) 09/05/2005

(Risos) Fazem! mas não é a mesma coisa! Ex: a faxina de casa...o Markus varre só onde o papa-pó passa. Cantinhos, ele nem liga! e ainda diz: "nossa fiz um faxinão!!!" Só rindo. E quando corta o dedo? Nooosa!!! parece que vai ter uma hemorragia interna! e é preciso de lupa pra ver o corte! toma até banho com saco plástico enrolado pra não molhar o dedo, só rindo. Depende de como são criados. Meu irmão nunca chorou! o Markus chora com filme e até desenho. Eu acho ótimo. Só que eles "descobriram" que têm essa sensibilidade e qualquer coisa é motivo de drama (ex: achar que 37 é febrão!!!)<sup>217</sup>

Em tempos de mudança se tem como parâmetro o que foi feito no passado e, neste momento, se compara o comportamento do homem na atualidade com o dos seus pais e avós.

Por isso mesmo, Cláudio acha que essas comparações entre as gerações sempre existiram e que vão existir daqui a mil anos como há mil anos atrás. Mas o que conta mesmo é o bom exemplo que transmitimos. Nem tudo das gerações passadas pode ser anulado ou considerado negativo. Ele aponta para o fato dos mais velhos terem consciência de que seus atos eram importantes e que afetariam as futuras gerações e que, por terem essa consciência, tentavam ter um comportamento que servisse de exemplo para as futuras gerações. Enfatiza ainda:

Um bom exemplo sempre vai ser um bom exemplo. Claro que na época deles o homem era o conchavo central da sociedade, porque as sociedades foram tratadas de forma paternalista, paternalista não, como se diz patriarcal, ou seja, o que trabalha, que coloca... Que faz a engendrada funcionar, que dava o dinheiro para dentro de casa e as mulheres eram só para criar os filhos. Então, hoje em dia isso mudou. Hoje em dia o homem divide com a mulher a responsabilidade não só da família. O homem está ajudando mais dentro de casa do que antigamente e a mulher está ajudando mais no campo de trabalho do que antigamente. Então eu acho muito positivo. Eu só não acho positivo chegar ao ponto da mulher deixar de ser mulher. Mais isso também é complicado, não é toda mulher que encara assim. Eu acho que a mulher mesmo trabalhando muito chega a um ponto onde ela tem que tomar cuidado para não deixar de ser mulher, para não perder a feminilidade, entendeu? Porque é difícil. Eu sei que é difícil. Mais tem mulher que não tem família e são muito felizes tem seus namorados, tem suas relações enfim, e conseguem viver uma vida profissional de manager (gerente) e tal. É

<sup>217</sup> Patrícia - MSN (Suíça) 25/04/2005

porque, realmente, você comandar uma empresa e montar uma família, são coisas quase como água e óleo, não se misturam. É muito difícil, muito difícil.<sup>218</sup>

Para se adaptar à sociedade atual, o homem percorre um penoso caminho cheio de vertentes para se transformar no “novo homem”, onde se depara com a recusa de aceitar as mudanças, a revolta, a conscientização, a aceitação e finalmente a transformação.

Contudo, não se pode dizer à mulher que é culpa dela o fato do homem ter de repensar sua forma de estar e ser homem. Pode-se dizer, sim, que é uma consequência do fato da mulher se ter emancipado. Mais do que isso, a emancipação da mulher trouxe à tona uma “crise” já existente. Ao se afirmarem como seres humanos, cidadãos, com direitos e deveres, as mulheres fizeram com que todo o suposto controle que o homem tinha sobre a família, a sociedade e sobre ela própria se desestruturasse.

A esse respeito, Em “*Tem pente aí? reflexões sobre a identidade masculina*”, Roberto DaMatta nos mostra que a crise masculina não é uma novidade e que,

(...) no Brasil conhecíamos a chamada “crise da masculinidade” havia muito tempo. Dela tomávamos consciência diariamente, vendo como nossas mães, que se diziam fracas e inermes mas dominavam nossa morada e eram, de fato e de direito, as todo-poderosas “donas” de nossa casa e nossa família; observando o modo tranqüilo com que as mulheres conheciam as nossas ansiedades e exorcizavam o nosso nervosismo dos primeiros (e em todos os primeiros) abraços e beijos.<sup>219</sup>

Embora todos os entrevistados sejam enfáticos ao dizer que o homem, no passado, era o “senhor da casa” e o “provedor”, ao mencionarem o homem da atualidade, o homem em transformação, não se restringiram a uma ou duas

<sup>218</sup> Cláudio – Skype (Suíça) 28/04/2005

<sup>219</sup> DAMATTA, Roberto. TEM PENTE AÍ? 1997: p. 49

qualificações, mas a uma multiplicidade delas. E nessa multiplicidade de ser, fazer e pensar se observa vários contrastes na forma de encarar a vida, a família e o casamento entre suíços e os brasileiros.

### **Relatos entre contrastes Suíça/Brasil**

Vimos que os suíços, assim como as brasileiras, estão se reajustando às mudanças provocadas pela saída da mulher para a esfera pública. No entanto, a vivência dos suíços e das brasileiras não são as mesmas por inúmeros fatores, dentre os quais, o fato de serem culturas bem distintas, de viverem e sentirem a vida de formas diferentes, numa palavra, por possuírem características de países de Baixo Contexto (Suíça) e Alto Contexto (Brasil). Essas características atribuídas aos países de Alto e Baixo Contexto afloram, também, nas características individuais dos informantes.

É nesse contexto, que Charles faz uma síntese de como vê a vida e a família na Suíça e o porquê, em sua opinião, dos casamentos na Suíça estarem em baixa. A seu ver, os casamentos se desfazem bem mais facilmente devido à maneira individualista que os suíços o vivem, assim como por motivos financeiros.

Na época de meus pais a mulher não trabalhava. E, hoje, nossa geração agora... o exemplo que eu tenho da gente da minha idade, todo o casal morou junto antes de ter filhos. Então todo mundo teve dois salários, uma renda muito bom, todo ano viajou. Aí de repente, faz o que? Faz um filho, só tem um salário e não viaja mais. Então realmente mudou muito o relacionamento das pessoas hoje. Enquanto estava casado sem filhos estava tudo bem, mas depois só um salário e para manter mais filhos, mais despesas, só um carro. Não tem mais dois carros para se locomover, não tem mais a independência da mulher... Todo mundo separou, praticamente. Todos os meus amigos, de vinte e cinco casais que eu conheço, todo mundo separou. Porque é esse negócio de dinheiro. Quer ter um bem. Quer ter carro, quer ter, mas não quer dividir para filho. E fizeram filho sem perceber que iria diminuir essa renda. Os que ficaram juntos ainda é porque voltaram a trabalhar, as esposas. Para

poder ter o padrão delas, para ter o carro delas, ter a independência delas. Para não ficar escravo, e dependente do marido. Meus amigos da minha idade todo mundo separou, quase. Tudo problema de dinheiro. Que não agüenta mais ficar com um salário, com filho e com tudo. E isso tudo depois de dois, três anos de casamento. Não foi... ah! ficaram cinco anos juntos, sete anos de casado. Depois de dois três anos com filhos, divorciaram.<sup>220</sup>

Concordando com as falas de Charles, os dados de 2004 do Office Federale de la Statistique, na Suíça, apontam para o aumento dos lares monoparentais com 1 filho na Suíça que, segundo eles, aumentaram de 57% de 1980 para 2000. Os lares com dois filhos sofreram um aumento de 71% na mesma época e os com três ou mais filhos 70%.

Por outro lado, Simone por estar a viver na Suíça há pouco mais de um ano preferiu falar de como percebe os homens e mulheres brasileiras:

Eu acho que o homem continua muito machista e acho que as mulheres são muito mais fortes que os homens. Sinceramente acho que os homens são muitos mais fracos. Você vê que tem muito mais homens que caem no alcoolismo, enquanto a mulher está lá trabalhando. Está dando duro de empregada doméstica, fazendo faxina. Eu acho que o homem não tem muita força, ele pode ter a força física mas a força espiritual eu não vejo no homem, eu vejo muito mais isso na mulher. Na Suíça eu não sei, eu respondi pensando no Brasil.<sup>221</sup>

De nenhum modo, porém, limitam-se ao modo como os suíços e brasileiras percebem o casamento e a família. Desdobrando as falas dos informantes, verifica-se que as diferenças na divisão de tarefas são outro ponto onde, suíços e brasileiros, percebem e reagem de maneira diferente. Enquanto, por exemplo, o pai de Simone nunca participou dos afazeres domésticos no Brasil, o pai de seu marido sempre participou e incentivou os filhos a agirem da mesma maneira. Contudo, as divisões das tarefas parecem estar mais equilibradas na geração de Simone e seu

<sup>220</sup> Charles – Pau Amarelo 10/03/2005

<sup>221</sup> Simone – Skype (Suíça) 28/04/2005

marido. Tanto seu marido na Suíça como o marido de sua irmã, no Brasil, têm a divisão de tarefas mais equilibrada dentro e fora de casa.

Isso dá para perceber bem da época dos meus pais. E o meu cunhado no Brasil, ele ajuda muito mais a minha irmã hoje em dia porque a minha irmã trabalha fora do que o meu pai que nunca fez nada dentro de casa. Isso eu vejo pela minha experiência pessoal. Agora, já na família do Cláudio, do meu marido, que o pai é suíço, ele é um homem que ele não é machista. Ele sempre também ajudou dentro de casa a fazer as coisas. Então... Mas eu acho que para comparar a de antigamente e dos dias de hoje o homem está tendo também que ser mais flexível e que não pode esperar ser servido. Ele vai ter que colaborar dentro de casa porque a mulher foi para fora, foi para rua.<sup>222</sup>

Elisabeth Badinter nos fala de uma pesquisa feita com os homens, na França<sup>223</sup>, em que numa das perguntas do questionário era perguntado ao homem quais eram as qualidades que mais achavam importantes em um homem e “*eles responderam, por ordem de prioridade: honestidade (66%), força de vontade (40%), ternura (37%); vinham depois inteligência, polidez, sedução e, em último lugar, virilidade, que recebeu apenas 8% dos votos.*”<sup>224</sup>

Em uma outra pesquisa, desta vez no Brasil, feita por Mirian Goldenberg com 1300 homens e mulheres, quando era pedido aos homens que respondessem “o que *“todo homem é” eles mesmos se classificam como sendo “machista”, “safado”, “infiel”, “mentiroso”, “cafajeste”, “conquistador”, “voltado para o sexo”, “volúvel”, “mulherengo”. Já as mulheres destacam “que todo o homem é” “infiel”, “galinha” e “machista” e que o principal problema no relacionamento é a infidelidade.*”<sup>225</sup>

Ao contrário do que a pesquisa acima assinala sobre os homens no Brasil, Thais diz que embora os casais na Suíça tenham e vivam com mais liberdade e

<sup>222</sup> Simone – Skype (Suíça) 28/04/2005

<sup>223</sup> Embora esta pesquisa tenha sido feita na França e não na Suíça, devido à similaridade no conteúdo e nas respostas com as dos homens suíços desta pesquisa decidi incluí-la neste estudo.

<sup>224</sup> BADINTER, Elisabeth. 1993: p. 148

<sup>225</sup> GOLDENBERG, Goldenberg. 2000: p. 30

sejam mais independentes, essa liberdade não se refere a “traição ou liberdade extraconjugais”, pois os homens suíços são fiéis.

É nessa diferença sobre o que o homem e a mulher são aqui (Brasil) e o que são lá (Suíça) que se tem procurado o meio termo no casamento intercultural, tanto pelos homens suíços, quanto pelas mulheres brasileiras. O homem suíço foge da mulher competitiva e a mulher brasileira do homem ‘machista’, “safado” e “infiel”.

Charles vive no Brasil com seus três filhos e nos conta como percebe a diferença de comportamento do homem suíço em relação à mulher e ao casamento em comparação com o comportamento de seus cunhados e amigos brasileiros. Reforça ainda que, se o interesse fosse só sexo, ficariam em Boa Viagem e não precisariam casar-se.

No entanto, ao casar comprometem-se com a esposa e a família. Charles demarca bem a diferença entre o Turismo Sexual e o comprometimento com o casamento, a esposa e a família ao contrair bodas com uma brasileira reforçando que a idéia do *Turismo Afetivo* difere completamente do turismo sexual.

É porque um europeu que vem constituir família com brasileira é fiel. Faz filho e fica. O marido brasileiro está com mulher dentro de casa e todo o dia está na zona com puta. O europeu vem e realmente faz uma família, é fiel. Fica com a esposa e faz o papel de família. Comparação com os meus cunhados que eu vejo aquela putaria que me conta, que fazem. Só não fala com a mulher, claro. Mas eles me contando, eu fico olhando. Aí eu fico no meio escutando, e a esposa pensando que o cara está trabalhando. E os caras no barzinho. Que a gente não faz isso. Todos os amigos europeus que estão aqui, que são casados, não faz. O gringo que está em Boa Viagem, solteiro, vai ao barzinho toda noite, tudo bem. Os que são casados, que têm filho e tudo são sérios. São pessoas que são aí para um casamento. Não estão aqui para sexo na rua. Em comparação com o brasileiro, fidelidade... acho que não. Acho que o padre não fala nem no juramento, não fala nem naquele de ser fiel... nos melhores e os piores, como é que é? Você faz... Na pobreza e na doença esse negócio... No da fidelidade, nem fala eu acho. Nem prestei atenção. Mas nos casamentos nem deve falar. Porque sabe que os homens são tudo... E é normal. É normal, é na cultura.<sup>226</sup>

<sup>226</sup> Charles – Pau Amarelo 10/03/2005

Já Cláudio acredita que, em um dado momento, a mulher suíça vai precisar de todo jeito tomar a decisão se quer optar pela família, pelo trabalho ou tentar levar os dois. No entanto, acredita que a qualidade da família se perde, pois, com a grande quantidade de horas de trabalho que homens e mulheres fazem por dia, não sobra muito tempo para a família, uma das razões para se ter cada vez menos filhos.

Esta é também mais uma das razões para que os homens suíços - que inclinados ao casamento mais tradicional - contraiem, cada vez mais, casamentos interculturais no mundo inteiro e, neste caso específico, com mulheres brasileiras.

Então são coisas assim que eu vejo aqui na Suíça. Talvez ainda não seja o termino da questão se a emancipação exagerada, exacerbada tem influência direta sobre a questão do relacionamento da mulher perante constituição de família. Eu acho que chega a um ponto que ela tem que escolher, ou eu vou na carreira ou eu vou na família, ou então no meio do caminho tenta levar os dois, mas isso não adianta, não é? Tem homens aqui que trabalham das 6:00 da manhã, às 10:00 da noite Como eles vão ser bons pais, se eles casam é só para figurar, por que eles não estão em casa para cuidar dos filhos, então é um casamento que vai dar num fracasso.<sup>227</sup>

Acrescenta ainda: *“Eu acho que a mulher não deve se preocupar só com os fins, sabe? Porque eu acho que isso é uma das grandes razões para os homens suíços procurarem mulheres fora da Suíça. Porque se a mulher só pensa em trabalho, ela não vai pensar em sexo, em prazer, em alegria, em família. Isso eu acho que talvez seja um dos pontos.”*

---

<sup>227</sup> Cláudio – Skype (Suíça) 28/04/2005

## O homem em transformação

Ser homem é, pois, como vimos anteriormente, uma multiplicidade de homens em um só. Mas nem sempre foi assim. O homem precisou rever sua posição na sociedade e fazer grandes reajustes em sua vida, ou seja, transformar-se em um novo homem para coexistir com essa nova mulher que gestou. No entanto, um fator se mostra bastante evidente nas falas dos entrevistados: o senso de responsabilidade. Isto é evidenciado tanto em suas falas em relação ao sustento de sua família, à mulher, à família em geral, à sociedade, às futuras gerações. Um outro fator marcante em suas falas é como os homens suíços se mostram conscientes da necessidade de participar na família além da parte financeira.

o homem participa mais ativamente na educação dos filhos, não é mais aquele pai temido, está mais próximo. Além de transmitir segurança para a família é muito exigido do homem ter sucesso profissional. Não é assim que ele acha que tem que ser, mas é assim ele vê que é.”<sup>228</sup>

E, mesmo que sua principal incumbência ainda seja “*de responsabilidade financeira, agora é também de muita presença na família. Buscar possibilidades concretas de ação segundo o ideal que ele tem, é isso que se deve buscar. Ele deve tomar outras responsabilidades na família que só a financeira.*”<sup>229</sup>

Eu acho que a constituição de uma família, é fazer parte da sociedade, de uma prática na sociedade que importe, contribuindo para o bem da sociedade. O bem que a gente faz na família a gente faz também na sociedade. Trabalhar por uma vida mais justa, mais igual, mais pacífica tanto na família como também a família dentro da sociedade lutando na questão política, contribuindo na questão do

<sup>228</sup> Urs - MSN (Suíça) 11/04/2005

<sup>229</sup> Vincent – MSN (Suíça) 09/05/2005

tributo para que os menos favorecidos tenham também uma chance. E ele (o homem) vivendo com felicidade, eu acho que passando também a alegria de viver para as gerações mais novas, que muitas vezes estão desesperadas, que não sabem porque estão aqui, nem o que fazem. Eu acho que se habituar a viver dentro de uma sociedade montando uma família ou não. Também tem gente muito equilibrada, muito feliz sem família.<sup>230</sup>

Entretanto, os papéis do homem são percebidos de maneira diferente, mesmo dentro de um mesmo país. Cada localidade tem suas particularidades. De uma região para a outra, o conceito do que é ser homem pode ser percebido de maneira totalmente diferente. Mesmo na Suíça essas diferenças ainda são encontradas.

Na cidade o homem tem o mesmo lugar que as mulheres. No interior, especialmente nas regiões católicas ou montanhosas, o homem cuida mais dos negócios externos e a mulher dos negócios internos. Mas está mudando rápido com o urbanismo total do país.<sup>231</sup>

Nas falas das mulheres brasileiras verifica-se que percebem o homem suíço como tendo, ainda, os cargos mais altos na esfera pública mas, que, na esfera privada há uma maior igualdade nos papéis. O vêem como sendo participativo, e, sobretudo, com um senso de responsabilidade e proteção em relação à família bastante acentuado.

Na família eu acho que ele ocupa o papel daquele que vai sustentar, não sozinho, porque a mulher também está trabalhando. Mas principalmente ele dentro da família tem que trabalhar mais do que a mulher por uma questão óbvia de que se a mulher está tendo filho, e está amamentando durante um tempo ela vai ficar parada. Então ele tem que dar essa proteção. Financeiramente falando também, mas

---

<sup>230</sup> Cláudio – Skype (Suíça) 28/04/2005

<sup>231</sup> Markus - MSN (Suíça) 25/04/2005

também a proteção de amor e de carinho. E não querer ser servido pela mulher. Eu acho que o homem ideal seria esse assim.<sup>232</sup>

Acredito que o homem ainda tenha um papel de mais importância do que a mulher. Os cargos mais altos ainda pertencem aos homens que têm o comando de empresas, de cidades, estados. A família ainda é patriarcal mesmo que a mulher trabalhe, o homem ainda tem incutido que é responsabilidade dele de prover o sustento e a segurança a família. O homem ainda ocupa cargos mais altos na sociedade.<sup>233</sup>

Eu acho que o homem ocupa uma posição de igual com a mulher, quase igual. Porque eu acho que mesmo as decisões são tomadas entre os dois, não é como no Brasil que às vezes, o homem impõe as coisas e fala: É assim que vai ser... E é tudo! Então eu acho que aqui (Suíça) o homem não é aquele homem machão, o todo poderoso, o chefe da família não. Eu acho que antes o homem era assim o chefe. Tudo o que ele dissesse principalmente na família era muito mais respeitado do que agora.<sup>234</sup>

Mesmo com as disparidades o homem é considerado participativo em todas as decisões e também ajuda financeiramente, e é mais companheiro.<sup>235</sup>

Como se pode verificar, as mulheres brasileiras apontam para a importância do homem suíço ser o suporte da família de várias maneiras, reafirmando, desta forma, a importância do homem como membro da família. Uma de suas constantes falas é sobre o fato de verem o homem suíço como sendo parte importante no sustento da família. Este é um dos fatores de atração do homem suíço. Da parte do homem suíço, cada vez mais contraem, cada vez mais, casamentos interculturais em relação à mulher brasileira, pelo fato delas não terem necessidade de reafirmarem sua emancipação em tudo e a todo o momento, (mesmo a financeira familiar, ao, por exemplo, pagar a própria conta no restaurante ou no cinema, ou ter conta de banco separada) como muitas das mulheres suíças. Não quero com isso dizer que as mulheres brasileiras sejam submissas ou se façam sustentar pelos maridos, pois, como vimos anteriormente, todas as entrevistadas brasileiras têm profissões bem definidas, possuem o terceiro grau completo, algumas até pós-graduação.

<sup>232</sup> Simone – Skype (Suíça) 28/04/2005

<sup>233</sup> Patrícia - MSN (Suíça) 25/04/2005

<sup>234</sup> Sheyla - Skype (Suíça) 18/05/2005

<sup>235</sup> Thais - Skype (Suíça) 06/06/2005

Contudo, não aparece nas falas das esposas brasileiras o discurso da não necessidade do homem para serem mulheres. Também não é percebida a exclusão do homem como membro da família necessário para prover o sustento da mulher e de sua família fazendo com isso que o homem se sinta participativo e necessário dentro da família.

Já nas falas dos homens, por outro lado, podemos ver que não há em seu discurso a necessidade de uma volta ao passado em relação a uma mulher submissa, e sim, o contrário. Reafirmam, constantemente, que “*o homem na sociedade é igual à mulher.*”<sup>236</sup> ou que “*é um membro adulto a mais que colabora com a sobrevivência, felicidade da família e realização dos objetivos que ajuda a abrir as portas para o sensível, o justo e a percepção para um mundo melhor.*”<sup>237</sup>

Embora alguns entrevistados tenham mostrado claramente que a mulher suíça “*já passou até do ponto*” no que diz respeito à emancipação, não mostram interesse em ser “*o-senhor-absoluto-da-casa*” e, sim, encontrar um meio termo entre a “*família-super-independente*” da atualidade Suíça e a da época de seus pais e avós e acreditam encontrar esse meio termo nas mulheres dos países de Alto Contexto como no Brasil.

Por isso, não admira que, com tantas mudanças na família, haja uma certa resistência de alguns homens – ainda versados em modelos relacionais recalcitrantes - em aceitar esse novo modelo de família, onde se casa e descasa com muita facilidade. Em tais “*situações sem precedentes e que, portanto, não são controladas pelo conjunto de regras ordinárias, nem sempre os indivíduos envolvidos conseguem utilizar sua tradição cultural para contorná-las sem provocar conflitos.*”<sup>238</sup> E como atualmente existe pouca tolerância para aturar possíveis desgastes provenientes de quebras de confiança ou fidelidade e, mesmo, de rigidez na ordenação dos seus balizadores de princípios de orientação moral, sexual, religiosa, política, ideológica etc. Não admira, tampouco, que muitos busquem a “*segurança*” do modelo de casamento antigo onde “*havia mais tolerância, compreensão*”.

---

<sup>236</sup> Markus - MSN (Suíça) 25/04/2005

<sup>237</sup> Mike – Skype (Suíça) 06/06/2005

<sup>238</sup> LARAIA, Roque: 2001: p. 84

Com a emancipação da mulher seguiu-se a tendência do relacionamento breve, que participa no processo de racionalização e intelectualização crescentes que desencantaram o mundo. Hoje ocorre a extinção do amor eterno no amor fugaz

Tornou-se anacrônico numa sociedade em que o quantitativo e o mensurável predominam. A fugacidade e a mudança, comandadas pelo progresso tecnológico, contrapõem-se aos anseios de eternidade, felicidade e gratuidade do sentimento amoroso. O passado e o futuro se diluem no culto do aqui e agora, na ação rápida e banal, da melhor-técnica-para-obter-o-seu-prazer. Não há tempo para se cultivar relações pessoais, não há espaço para o amor na coisificação do homem, na sua visão como um ser-com-valor-no-mercado.<sup>239</sup>

Entretanto, como analisado, anteriormente, a emancipação da mulher, suas conquistas e seus direitos validados não foram adquiridos sem custos e, é na família atual onde melhor se pode observar os resultados e as conseqüências dessas conquistas. Contudo, apesar da mulher ter a possibilidade e o direito de escolha sobre que rumo dar à sua vida sua emancipação deixou muitos homens sem saberem que papel lhes cabia na família atual, aumentando a busca do que lhes era conhecido, a saber, um casamento mais nos moldes dos de seus pais e avós. Um casamento mais tradicional, onde haja mais estabilidade nas relações afetivo-conjugais, mais compreensão e onde os desgastes do aqui e agora e a competição no casal não prevaleçam.

### **Reconciliando os “eus” e os “outros”**

As características atribuídas tanto à mulher quanto ao homem são, na verdade, socialmente construídas. Nesse sentido, são produtos de um determinado contexto histórico social. Portanto, quando se fala em um novo homem ou em uma nova mulher, se está cientes de que esse “novo homem” e essa “nova mulher” precisam ser construídos. Ora, se a masculinidade e a feminilidade se constroem,

<sup>239</sup> MATTOS. 1987: p. 27 apud NEVES, Siloé Pereira. 1986: p. 27

evidentemente, podem mudar. Essa mudança está inscrita na fala dos entrevistados, quando da mudança da mulher e da consequente mudança do homem na Suíça para reencontrar essa nova mulher que aflorou da emancipação feminina.

Eu acho que o homem hoje está tendo que se tornar mais flexível. Porque como a mulher foi trabalhar e ela não está fazendo tudo para ele dentro de casa, ele está tendo que aprender a fazer os serviços de casa, está tendo que se tornar um pouco mais feminino.<sup>240</sup>

Atualmente, é comum encontrar numa família os dois cônjuges trabalhando. Por um certo período, é possível ver a mulher parar de trabalhar, para se dedicar à família, quando decide ter filhos para retornar depois ao trabalho. Muitos amigos (e eu) dividimos as tarefas de casa sem pensar. Mas os salários ainda não são iguais (15% menos para as mulheres). Existem também muitos homens que fazem as tarefas de casa e a mulher trabalha. Pra mim não importa quem faz o quê.<sup>241</sup>

Eu vejo que as tarefas são muito bem divididas aqui, pelo fato de não ter empregada, essas coisas, essas facilidades então eu acho os dois dividem muito bem as tarefas. Existe uma responsabilidade bem grande tanto no homem quanto na mulher para criar o filho e também para ganhar dinheiro no trabalho.<sup>242</sup>

A esse novo homem mais participativo, Elisabeth Badinter chama de “homem reconciliado”. Segundo a autora, homem e mulher só poderão estar em sintonia quando a masculinidade deixar de ser definida por oposição à feminidade. Para isso, o homem precisa estar “reconciliado”. E essa reconciliação, na realidade, pode ser encontrada no androginato.

No entanto, a autora nos alerta que é preciso fazer atenção para não cair no erro de confundir o androginato humano com efeminação. O andrógino humano é uma mistura de ambos - homem e mulher. Todavia, esta mistura está relacionada às qualidades do homem e da mulher, as qualidades definidas como femininas e

<sup>240</sup> Simone – Skype (Suíça) 28/04/2005

<sup>241</sup> Markus - MSN (Suíça) 25/04/2005

<sup>242</sup> Cláudio – Skype (Suíça) 28/04/2005

masculinas, e não a quaisquer características sexuais. “O andrógino é uma mistura de ambos, o que não significa um ser dotado dos dois sexos.”<sup>243</sup>

Nesse curso, - da recusa à transformação -, pelo qual o homem tem passado para se tornar um novo homem, é onde, se estabelece a sua aceitação como ser andrógino. Ao participar mais dos afazeres domésticos, da educação dos filhos, e de todas as atividades que antes eram responsabilidade única da mulher, o homem está entrando na fase de conclusão de um processo onde as qualidades da mulher e as do homem entram em fusão, ou seja, a reconciliação da masculinidade com a feminilidade o que definiria o verdadeiro andrógino humano.

No entanto, não parece que homem e mulher já estejam em um patamar de equilíbrio nessa mudança. Pois, enquanto a mulher já tem a habilidade de lidar com vários afazeres ao mesmo tempo, o homem está em seu *début*. Na fala de uma informante, essa visão é bastante aclarada. Segundo ela, pelo fato do homem já ter tido o seu espaço conquistado anteriormente, agora é a vez da mulher e que o homem vai ficar a assistir sua subida.

Ah! eu diria que... Eu acho que agora é a vez das mulheres. os homens vão ficar só assistindo as mulheres darem a subida. Deixa eu explicar. A meu ver, o homem... ele, normalmente... ele já tem um trabalho, já tem os seus projetos aqui com a família, os filhos, enquanto que a mulher busca um reconhecimento. Então...<sup>244</sup>

Por outro lado, Thais percebe que ainda há muito a ser feito para que este novo homem se reconcilie antes que o ciclo seja fechado. Em sua análise, na verdade, o ciclo de transformações/adaptações não só não se fechou como o homem, ainda está a alguns passos atrás da mulher. Reconhece que, nessa linha de reafirmação, ele está correndo atrás do prejuízo, isto é, dando prioridade em sua vida a outras coisas que o dinheiro ou um bom emprego. Ela salienta que,

<sup>243</sup> BADINTER, Elisabeth. 1993: p. 166

<sup>244</sup> Sheyla - Skype (Suíça) 18/05/2005

O homem ainda está em busca do santo graal. Em busca do cálice sagrado, correndo atrás do seu papel, a corrida do ouro, mas mais atento para o que o cálice traz, uma riqueza maior fora sempre a grana. Hoje em dia estamos envelhecendo também nos pensamentos, perdendo a pressa e saboreando mais a vida <sup>245</sup>

Não se deve esquecer que em face desse quadro de realidade em mudanças, a história nem sempre apresentou-se com os mesmos olhos, o mundo conheceu outros cenários. Ou seja, nem sempre foi assim, nem sempre houve tantas opções de escolha que permitissem que cada indivíduo levasse em consideração seus próprios desejos. Contudo, podemos ver, atualmente, nos casamentos interculturais, o desejo de interação do “eu” e do “outro”, onde o ciclo se completaria, levando o homem a se reconciliar consigo mesmo pondo fim, dessa maneira, à “crise do masculino”!?

Partindo desse foco de registro, mais pesquisas seriam necessários para que as famílias interculturais não sejam assimiladas pela ausência de estudos. Isto porque o casal intercultural é uma variante nas possíveis maneiras de construção de casais e da família mas, com o risco de ser percebido como um caso à parte, mais ainda, como uma ameaça de desordem em relação não somente à ordem familiar, mas também à ordem social.

Por isso, reconhecer a mixidade como um fato social generalizado significa não mais ignorar os estrangeiros sob o pretexto de que estes se integrarão ou assimilarão a sociedade de acolho, mas encorajar o estudo no contexto de uma antropologia do casamento e da família, da incidência de sua presença na família e na mudança social.

O casal intercultural é, de maneira exemplar, um “objeto” de ciências sociais onde o pesquisador tenta articular os diferentes níveis de uma mesma realidade onde se misturam a vivência dos sujeitos observados, suas disposições pessoais suas estratégias de atores sociais e a condições sóciopolíticas, culturais, institucionais que, ao mesmo tempo, os instituem e os influenciam de volta a seus comportamentos e sobre suas representações sociais das quais são objetos.

---

<sup>245</sup> Thais - Skype (Suíça) 06/06/2005

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Ao iniciar minha primeira pesquisa, precisamente em 2000, pensei estar estudando um segmento de Turismo, um turismo onde se buscava, mesmo que inconscientemente, uma relação afetivo-conjugal com uma pessoa de uma cultura diferente, ou seja, um *Turismo Afetivo*. No entanto, no decorrer da pesquisa, percebi que se tratava de algo bem diferente de um estudo de deslocamento de turistas em busca de lazer – ou mesmo, bem mais que o simples desdobramento de um possível segmento de turismo. Na verdade, aos poucos mais assertivamente, percebi que se tratava, sobretudo, de um estudo sobre a formação de famílias interculturais. Dito às claras: o turismo estava gerando famílias interculturais. Por conta disso, no desenho do curso de minha pesquisa, a formação de famílias interculturais - que era o pano de fundo do projeto de pesquisa – conseqüentemente passou a ser o objeto principal de meu estudo. Percebi assim que os casamentos interculturais eram o ponto-chave e que o turismo, de fato, era um meio para um fim. E foi dessa maneira que a Antropologia e eu nos encontramos.

Decerto, ao entrar no Mestrado em Antropologia, procurava aprofundar essa linha de pesquisa antropológica. Dando continuidade ao estudo dessa questão de fundo pude compreender que, ao perguntar "*o que leva um homem do dito 1º mundo - neste caso, o homem suíço -, a procurar um relacionamento afetivo-conjugal com uma mulher de um país em desenvolvimento*", na verdade, estava tratando de um horizonte de análise bem mais profundo, a saber, aquele que recorta a questão da família, do casamento – e seus desdobramentos articulares no plano das constelações afetivas e ordenações de mixidades - e, numa ordem discursiva mais complexa, com tudo que diz respeito à construção de identidade ou das identidades (masculinidades, feminilidades...), ao interculturalismo.

Mas, embora não tenha conseguido abordar todos os temas encontrados ao longo deste estudo, em última instância derivados de uma única pergunta, no capítulo 1, **A Família e o Casamento**, abordo um pequeno histórico das mudanças

advindas da modernidade na família e no casamento, tanto na Suíça quanto no Brasil, bem como aponto para os provocadores dessas mudanças, assim como, também, faça uma discussão sobre o que Edward T. Hall denomina de países de Alto e Baixo Contexto.

No capítulo 2, **A Experiência dos Casamentos Interculturais**, pude discutir a interculturalidade e a mixidade no casamento, as diferenças e similaridades dos termos, o fluxo migratório de turismo como um dos provocadores do aumento dos casamentos interculturais. Na mesma linha discursiva, pude analisar os dados do Centro de Demografia e Estatística Suíço, especialmente o que diz respeito ao aumento de casamentos entre suíços e estrangeiros, a diferença do número de casamentos entre os suíços e as mulheres dos países de Alto e do Baixo Contexto e, principalmente, entre homens suíços e mulheres brasileiras.

Por outra parte, no capítulo 3, **Trabalhando o Casamento Intercultural**, de maneira mais específica estive debruçada sobre as falas dos informantes acerca de como eles percebiam a dinâmica constitutiva de seu casamento intercultural, como se deu o encontro com seu cônjuge e, por fim, como pensavam as expectativas que tinham acerca do casamento, considerando as diferenças geracionais que observavam nos casamentos de seus pais e avós e, daí, em relação com os seus próprios, conseqüentemente, como lidavam com as dificuldades que encontravam no casamento intercultural. Vale salientar que como este estudo foi direcionado para o homem suíço e sua percepção acerca das mudanças na família atual na Suíça, seria interessante um outro estudo sobre a percepção da mulher suíça acerca do que leva o homem suíço a procurar, cada vez, mais em outras culturas, principalmente nas de Alto Contexto, relacionamentos afetivo-conjugais.

Após ter abordado a família, o casamento, as mudanças na sociedade a partir da emancipação da mulher, a migração e os casamentos interculturais, dediquei o quarto e último capítulo, a saber, **a Afirmação de ser Homem**, ao estudo da condição do ser-homem e suas masculinidades na contemporaneidade. Para tanto, foi necessário deixar que os informantes, expusessem como se sentem com todas as mudanças na família e no casamento, como percebem a emancipação da mulher suíça - e como as mudanças e a emancipação dessas mulheres afetaram suas vidas - e como, depois de tudo, algumas dessas mudanças produzidas já foram assimiladas na vida desses homens, claras está, na tentativa ir ao encontro das

demandas dessa nova mulher emergente no seu recorte epocal. Mas, como Anthony Giddens nos assinala, os homens "*são retardatários nas transições que estão atualmente ocorrendo – e em certo sentido tem sido assim desde o final do século XVIII. Pelo menos na cultura ocidental, a época atual é o primeiro período em que os homens estão descobrindo que eles próprios são homens, ou seja, possuem uma "masculinidade" problemática.*"<sup>246</sup>

Podemos dizer que o atual momento histórico-social em que vivemos tem como característica o fato de ser um projeto aberto e, como tal, cria a cada dia uma multiplicidade de demandas, novas ansiedades e um "caleidoscópio de identidades"<sup>247</sup>. Muitas dessas identidades, marcadamente, afloram a partir dos casamentos interculturais que, como se sabe, não podem mais ser vistos com um olhar dicotômico, como um meio de branqueamento ou de ascensão social, mas, propriamente, com um novo olhar de sentido, capaz de considerar que os elementos empregados anteriormente não são mais suficientes para analisar as atuais transformações socioculturais na ordem das transformações culturais.

No arco deste registro discursivo, entendo que este trabalho procura mostrar como a família tem sobrevivido e se ressignificado no tempo e no espaço.

No entanto, muita coisa deixou de ser desenvolvida no curso dessa pesquisa, como por exemplo, "*A Viagem de Renovação*", o capítulo onde se reafirmaria a identidade cultural e nacional dos entrevistados, o fato dos casamentos interculturais não serem um meio de homogeneizar as culturas e que, por isso, as culturas, mesmo num casamento intercultural, podem ser preservadas. Outro aspecto que poderia ter sido desenvolvido é aquele que diria respeito à afetividade dos imigrantes por seus parentes e amigos distantes através da circulação de objetos, remessas de dinheiro, cartas e telefonemas, vídeo conferências. Aqui, veríamos que é, na viagem de renovação, onde, segundo os entrevistados, se "recarrega as pilhas", "se descontraí por um tempo das rígidas regras" e onde se pode "tomar um banho de civilização". Mas quero crer que, tudo isso, ficará para uma outra etapa de minha pesquisa doutoral.

---

<sup>246</sup> GIDDENS, Anthony. 1993: p. 69, 70

<sup>247</sup> KRISTEVA, Julia. 1994

Nesse sentido, pode-se dizer que a conjugalidade faz parte da simbologia e da construção da vida cotidiana e, também, faz parte de conceitualizações clássicas sobre os elementos que constituem a formação de uma família. Ela se apresenta de formas diversas, constantemente constituindo novas tendências nas suas configurações e na formação de grupos domésticos a ela associados. A esse título, os sentidos dessas configurações e suas tendências são alvo de interpretações que contribuem na construção de identidades sociais das pessoas no mundo contemporâneo.<sup>248</sup> Por isso, num contexto globalizado, onde todos são bombardeados com todo o tipo de informações, é natural que sejamos influenciados pelas diversas culturas existentes, principalmente pelas "culturas dominantes". No processo de assimilação das "culturas dominantes" pelas "culturas dominadas" pode levar estas a desejarem adquirir alguns aspectos da maneira de viver daquelas.

Juntamente com as tendências homogeneizantes da globalização, existe a "proliferação subalterna da diferença". Trata-se de um paradoxo da globalização contemporânea o fato de que, culturalmente, as coisas pareçam mais ou menos semelhantes entre si (um tipo de americanização da cultura global, por exemplo). Entretanto, concomitantemente, há a proliferação das "diferenças". O eixo "vertical" do poder cultural, econômico e tecnológico parece estar sempre marcado e compensado por conexões laterais, o que produz uma visão de mundo composta de muitas diferenças "locais", as quais o "global-vertical" é obrigado a considerar.<sup>249</sup>

Isso nos leva a pensar que a "cultura" não caminha para a homogeneidade nem está em via de extinção mesmo com o grande aumento de casamentos interculturais. Nessa perspectiva, Marshall Sahlins,<sup>250</sup> pontua que a cultura é de capacidade única do homem pois é com ela que ele organiza e desorganiza o mundo em termos simbólicos. Acrescenta que *"a "cultura" é aquilo que caracterizava de modo singular um determinado povo."* Dessa forma, *"a "cultura" não pode ser abandonada, sob pena de deixarmos de compreender o fenômeno único que ela*

<sup>248</sup> SCOTT, Russell P. 2001: p.93

<sup>249</sup> HALL, Stuart. 2003a: p.60

<sup>250</sup> SAHLINS, Marshall. 1997: p.46

*nomeia e distingue: a organização da experiência e da ação humanas por meios simbólicos*”.<sup>251</sup>

Portanto, num mundo globalizado e inter-relacionado não é nenhum espanto reconhecer determinadas sociedades como multiculturais e o principal fator para o surgimento dessas sociedades multiculturais é a migração que se dá por diversos motivos, a saber: disputas territoriais e econômicas, transformações ambientais, catástrofes, trabalho, repressões, opressões, turismo. Para Stuart Hall,

Multicultural é um termo qualificativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade “original”.<sup>252</sup>

Em contrapartida, nos mostra também que o “multiculturalismo é um substantivo.” Aborda os meios empregados no controle das divergências de qualidade e quantidade distintos surgidos em sociedades multiculturais.

Na verdade, o “multiculturalismo” não é uma única doutrina, não caracteriza uma estratégia política e não representa um estado de coisas já alcançado. Não é uma forma disfarçada de endossar algum estado ideal ou utópico. Descreve uma série de processos e estratégias políticas sempre inacabadas.<sup>253</sup>

Com isso, um exemplo de novas organizações familiares é vista nas de famílias de imigrantes, na forma como se organizam e mantêm contato com suas origens. Trabalham fora de seus países de origem e assimilam mesmo novas maneiras de viver sem, contudo, abandonarem seus costumes natais.

<sup>251</sup> SAHLINS, Marshall. 1997: p.41

<sup>252</sup> HALL, Stuart. 2003a: p.52

<sup>253</sup> HALL, Stuart. 2003a: p.52, 53

(...) não há sentido em lamentar por "inautênticas" as formas de adaptação dos povos locais ao Sistema Mundial, sequer quando eles se apropriam das imagens ocidentais do "nativo" como signos de sua própria alteridade - seja com propósitos aparentemente benignos (como quando os "nativos" utilizam, em benefício próprio, toda a sabedoria ecológica que o movimento ambientalista global lhes imputa), seja com propósitos explicitamente comerciais (como na exploração do mercado turístico ávido de danças "nativas", artefatos ou coisa que valha). É assim que se faz hoje a história cultural, em um intercâmbio dialético do global com o local. Pois ficou bem claro agora que o imperialismo não está lidando com amadores nesse negócio de construção de alteridades ou de produção de identidades.<sup>254</sup>

No entanto, há uma certa resistência, nos imigrantes, em preterirem seus costumes e isso se vê, por exemplo, na maneira como eles organizam associações<sup>255</sup> com membros de seus países para, com isso, continuarem mantendo contato com seus costumes de origem.

Culturalmente focalizada na terra natal, e estrategicamente dependente dos lares periféricos no estrangeiro, a estrutura é assimétrica de duas maneiras opostas. Considerada como uma totalidade, a sociedade translocal está centrada em suas comunidades indígenas e orientada para elas. Os imigrantes identificam-se com seus parentes na região de origem, e é a partir dessa identificação que se associam transitivamente entre si no estrangeiro.<sup>256</sup>

Ao saírem de seus países por necessidades econômicas ou políticas, na maioria das vezes, os imigrantes acabam se relacionando entre si mantendo uma endogamia fora de "casa". As trocas, de caráter bilateral, são parecidas com as habituais ligações recíprocas na família evidenciando, assim, aspectos de um sistema de prestações totais e, desta forma, determinando os valores sociais das transações. Sahlins nos diz ainda que "(...) aquilo que aparece como "remessas" e

<sup>254</sup> SAHLINS, Marshall. 1997: p.133

<sup>255</sup> Um exemplo dessas associações são as comunidades do Orkut e as reuniões promovidas pelos membros de cada comunidade em cada cidade ou país em que se encontram domiciliados.

<sup>256</sup> SAHLINS, Marshall. 1997: p.115,116

*"pagamentos" é apenas a dimensão material de uma circulação de pessoas, direitos e cuidados entre as ilhas natais e os lares alhures*"<sup>257</sup>.

Os imigrantes transformam as trocas em ato sociocultural para diminuir a distância, a sensação de exílio ou de isolamento.

Não se trata aqui apenas de saudade. Enquanto indivíduos, famílias e comunidades de ultramar, os emigrantes são parte de uma sociedade transcultural dispersa, mas centrada na terra natal e unida por uma contínua circulação de pessoas, idéias, objetos e dinheiro. Deslocando-se entre pólos culturais estrangeiros e indígenas, adaptando-se àqueles enquanto mantêm seu compromisso com estes, (...) têm sido capazes de criar as novas formações que estamos chamando aqui de sociedades transculturais.<sup>258</sup>

Em suma, nesta discussão, conclui-se, que a diversidade das culturas existentes está longe da extinção, mesmo considerando o grande aumento de casamentos interculturais. Mesmo ao assumir características de outras culturas, essas são ressignificadas e assimiladas de maneira útil para a cultura que as assimilou. Vendo que a homogeneidade e a heterogeneidade não são exclusivas conseguir-se-á, quem sabe, descobrir novos padrões de cultura já que a cultura não é estática e, como alguns estudiosos nos ensinaram, existem novas formas de vida, a saber, multiculturais, translocais, sincréticas, neotradicionais. Dessa maneira, o fato da cultura estar em contato com as demais culturas, pode vir a ser a sua força vital. E, como Julia Kristeva observa, *"o estrangeiro começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades."*<sup>259</sup>

<sup>257</sup> SAHLINS, Marshall. 1997: p. 108

<sup>258</sup> SAHLINS, Marshall. 1997: p. 110

<sup>259</sup> KRISTEVA, Julia. 1994: p. 9

## BIBLIOGRAFIA

---

ACHARD, Pierre. (1998). La Norme par Rapport à la Notion de Mariage Mixte : tradition et modernité. pp. 251-276 In: PHILIPPE, Claudine; VARRO, Gabrielle; NEYRAND, Gérard. (1998) **Liberté, Egalité, Mixité... conjugales** : Une sociologie du couple mixte, Paris, Economica, Anthropos, Col. «Exploration interculturelle et science sociale». 311p.

ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. UNBEHAUM & Medrado, Benedito (Org).(2001) **Homens e masculinidades: outras palavras**. 2º ed. São Paulo: ECOS/Ed. 34., 301p.

ASTRACHAN, Anthony. (1989) **Como os Homens Sentem**: sua relação às reivindicações femininas de igualdade e poder. Trad. Claudia Gerpe Duarte. Rio de Janeiro: Imago, 568p.

BANDITER, Elisabeth. (1993) **XY**: sobre a identidade masculina. Trad. Maria Ignez Duque estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 266p.

BARBARA, Augustin. (1993) **Les Couples Mixtes**. BAYARD ÉDITIONS. 338p.

BARROS, Zelinda dos Santos. (2003) **Casais inter-raciais e suas representações acerca de raça** / Zelinda dos Santos Barros; orientação Prof. Dr. Jocélio Teles dos Santos. Salvador, 2003. 204 p. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia

BECKER, Howard S. (1997) **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. 3º ed. São Paulo: HUCITEC.178p.

BHABHA, Homi K. (2003) **O Loca da Cultura**. Trad. Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG. 395p.

BOECHAT, Walter. (Org.) (1997) **O Masculino em questão**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 259p.

CALDAS, Dario. (Org.) (1997) **Homens**: comportamento, sexualidade, mudança/identidade, crise, vaidade. São Paulo: Senac. 164p.

CAMUS, Albert. (2004) **O Estrangeiro**. Trad. Valerie Rumjanek 25º ed. Rio de Janeiro: Record, 126p.

CÉU RODRIGUES, Maria Eduarda Noura. (2001) **“Turismo Afetivo”**: relacionamentos interculturais. (Trabalho de Iniciação Científica – CNPq/UNICAP). Universidade Católica de Pernambuco.

COLLET, Beate. (1998) Intégration et Mixogamie en France et en Allemagne. pp.139-171. In: PHILIPPE, Claudine; VARRO, Gabrielle; NEYRAND, Gérard. (1998) **Liberté, Egalité, Mixité... conjugales** : Une sociologie du couple mixte, Paris, Economica, Anthropos, Col. «Exploration interculturelle et science sociale». 311p.

**Colônia Helvetia** – <http://www.helvetia.org.br/> - Acesso em 21/01/2006

COMBES, Danièle (1998). Couples Mixtes” et la Construction de la Paranté. pp. 240-250. In: PHILIPPE, Claudine; VARRO, Gabrielle; NEYRAND, Gérard. (1998) **Liberté, Egalité, Mixité... conjugales** : Une sociologie du couple mixte, Paris, Economica, Anthropos, Col. «Exploration interculturelle et science sociale». 311p.

COMMAILLE, Jacques. (1998) CONCLUSION GÉNÉRALE: Le “couple mixte” ou la tentative de construction d’une qualification sociale en exemplaire de recherche. pp. 277-283. In: PHILIPPE, Claudine; VARRO, Gabrielle; NEYRAND, Gérard. (1998) **Liberté, Egalité, Mixité... conjugales** : Une sociologie du couple mixte, Paris, Economica, Anthropos, Col. «Exploration interculturelle et science sociale». 311p.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** 12º ed. Rio de Janeiro: ROCCO, 2001. 126p.

\_\_\_\_\_. (1997) TEM PENTE AÍ?: reflexões sobre a identidade masculina. In: CALDAS, Dario. (1997) **Homens**: comportamento, sexualidade, mudança/identidade, crise, vaidade. São Paulo: Senac. p. 31-49

DÉPARTEMENT FÉDÉRAL DE L'INTÉRIEUR. (2004) Allocution de Monsieur Pascal Couchepin Ministre suisse de la Culture Septième réunion ministérielle annuelle du Réseau international sur la politique culturelle - Convention internationale sur la diversité culturelle Shanghai, Chine 14 au 17 octobre 2004

DURHAN, Eunice Ribeiro. (1983) **Família e Reprodução Humana**: perspectivas antropológicas da mulher. Rio de Janeiro: Zahar

\_\_\_\_\_. (1982) **Família e Casamento**. Anais do III Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Acesso em 06/10/2004. [www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1982/T82V1A002.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1982/T82V1A002.pdf). p. 31-48

\_\_\_\_\_. (1983) **Família e Sociedade**: centros de estudos rurais e urbanos São Paulo. Cadernos CERU nº 18 – 1º série Maio de 1983

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**. 46º ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. 668p.

\_\_\_\_\_. **Interpretação do Brasil**: aspectos da formação brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas. (Org. Ribeiro Thomaz). São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 355p.

FULCHIRON, Hugues. (1998) **Le Cadre Juridique de la Mixité**. pp. 43-61. In: PHILIPPE, Claudine; VARRO, Gabrielle; NEYRAND, Gérard. (1998) **Liberté, Egalité, Mixité... conjugales** : Une sociologie du couple mixte, Paris, Economica, Anthropos, Col. «Exploration interculturelle et science sociale». 311p.

GIDDENS, Anthony. (2002) **Modernidade e Identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 233p.

\_\_\_\_\_. (1993) **A Transformação da Intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. 228p.

\_\_\_\_\_. (1991) **As conseqüências da Modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP. 177p.

GOLDENBERG, Mirian. (org.) (2000) **Os Novos Desejos**: das academias de musculação às agências de encontros. Rio de Janeiro: Record, 188p.

\_\_\_\_\_. (1999) Homem/mulher: o que existe de novo? In: RIBEIRO, Marcos (org.). **O prazer e o pensar**. São Paulo: Gente. v.1. p. 155-160.

\_\_\_\_\_. (1996) **Estudos Feministas**. Ano 4, 2º semestre de 1996

\_\_\_\_\_. (1991) **Ser homem, ser Mulher**: dentro e fora do casamento. Estudos antropológicos. Rio de Janeiro: Revan, 126p.

\_\_\_\_\_. **Masculinidade em Crise**: novos modelos de “ser homem”. s/a

\_\_\_\_\_. (2000) **A Crise do Masculino**: um tema em debate dentro e fora da academia. LUGAR PRIMEIRO N. 1 – PPGSA - IFCS – UFRJ

GOLDSCHMIDT, Eliana Rea. (2004) **Casamentos Mistos**: liberdade e escravidão em São Paulo colonial. São Paulo: Annablume; Fapesp

GUTMANN, Matthew C. (1997). **Trafficking in men**: the anthropology of masculinity. Annual Review of Anthropology 26. pp. 385-409

HALL, STUART. (2003) **A Identidade cultural na modernidade**. 7º ed. Rio de Janeiro: DP&A. 102p

\_\_\_\_\_. (2003a) **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil

\_\_\_\_\_. (2003b) A Questão Multicultural. In: **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil

HALL, Edward T. (2005) **A Dimensão Oculta**. Trad. Waldéa Barcellos. São Paulo: Martins Fontes. Coleção A

HAMMOUCHE, Abdelhafid. (1998) Le couple Mixte Comme Indicateur de L’Interculturalité: l’inscription des couples franco-maghrébins dans leur environnement depuis les années cinquante. pp. 117-138. In: PHILIPPE, Claudine; VARRO, Gabrielle; NEYRAND, Gérard. (1998) **Liberté, Egalité, Mixité... conjugales** : Une sociologie du couple mixte, Paris, Economica, Anthropos, Col. «Exploration interculturelle et science sociale». 311p.

HOTVEDT, Mary. (2002) O Casamento Intercultural: o encontro terapêutico. In; ANDOLFI, M. **A Crise do Casal**: uma perspectiva sistêmico-relacional. Porto Alegre: artes Médicas. p.153-169

INFRAERO – Aeroportos Brasileiros. Ministério da Defesa. <http://www.infraero.gov.br/> - Acesso em 09/12/2005

KABIS, Veronika. (2001) **Le rapport Fabienne sur les familles et les couples binationaux en europe** - Commission européenne/Direction générale emploi et social/Bruxelles - Ministère fédéral de la Famille, des Personnes âgées, de la Femme et de la Jeunesse/Berlin (et autres). (Verband binationaler Familien und Partnerschaften, iaf e.V. Cornelia Spohn, Bundesgeschäftsführerin). Frankfurt

KEWITZ, Verena **A gramaticalização da preposição entre no Português Brasileiro do Século XIX**. [http://72.14.207.104/search?q=cache:b0J-eP7-n4UJ:www.fflch.usp.br/dlc/lport/KewitzV\\_preposicao\\_entre.pdf+inter%2Bdicion%C3%A1rio+de+latim&hl=pt-BR](http://72.14.207.104/search?q=cache:b0J-eP7-n4UJ:www.fflch.usp.br/dlc/lport/KewitzV_preposicao_entre.pdf+inter%2Bdicion%C3%A1rio+de+latim&hl=pt-BR) – Acesso em 14/10/2005

KIMMEL, Michel. (1998) **A Produção Simultânea de Masculinidades Hegemônicas e Subalternas**. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 4. n.9, p.103-117

LAPLANTINE, François. (1994) **Transatlantique**: entre Europe et Amériques latines. Paris: Essais Payot. 298p.

LARAIA, Roque de Barros. (2001) **Cultura: um conceito antropológico**. 14<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: JORGE ZAHAR. 117p.

LÉVI-STRAUSS, Claude; GOUGH, Kathleen; SPIRO, Melford. (1980) **A Família**: origem e evolução. Porto Alegre: Editorial Villa Martha.

MACHADO, Cacilda da Silva. **A Família e o Impacto da Imigração** (Curitiba, 1854-1991). *Rev. bras. Hist.* [online]. 1997, vol.17, no.34 [cited 25 October 2005], p.75-100. Available from World Wide Web: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01881997000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881997000200004&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 0102-0188.

MEMO – Le site de l'Histoire. BOUQUET, Jean-Jacques. Historien. [http://www.memo.fr/article.asp?ID=PAY\\_SUI\\_CON\\_006](http://www.memo.fr/article.asp?ID=PAY_SUI_CON_006) – Acesso em 07/02/2006

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (2004) **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8<sup>o</sup> ed. São Paulo: Hucitec. 269p.

\_\_\_\_\_. (Org.) (1994) **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 23<sup>o</sup> ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 80p.

M'SILI, Marine. (1998) Caractère Originaux dès Couples Mixtes dans lè Marché Matrimonial: le cas des acquérants de la nationalité française. pp. 63-81. In: PHILIPPE, Claudine; VARRO, Gabrielle; NEYRAND, Gérard. (1998) **Liberté, Egalité, Mixité... conjugales** : Une sociologie du couple mixte, Paris, Economica, Anthropos, Col. «Exploration interculturelle et science sociale». 311p.

NEVES, Siloé Pereira. (1986) **Homem-mulher e medo**: metáforas da relação homem - mulher. Petrópolis: Vozes. 199p

OFFICE FEDERALE DE LA STATISTIQUE/Suisse  
<http://www.bfs.admin.ch/bfs/portal/fr/index.html> - Acesso em 21/09/2005

\_\_\_\_\_. (2005) Recensement Fédéral De La Population 2000 : MÉNAGES ET FAMILLES. Neuchâtel

\_\_\_\_\_. (2005) Demographie et Migration/Service d'information de la section - Neuchatel/Suisse

OLIVEIRA, Maria Coleta de; BILAC, Elisabeth D.; MUSZKAT, Malvina. (1994) **Os homens, esses desconhecidos...** *Revista Brasileira de Estudos de População*, Vol. 11, Nº 1 .São Paulo: ABEP, jan/jun.

PEREL, Esther. (2002) Uma Visão Turística do Casamento: desafios, opções e implicações para a terapia de casais interculturais. In: PAPP, P. **Casais em Perigo**. Porto Alegre: Artes Médicas. p.193-294

PHILIPPE, Claudine; VARRO, Gabrielle; NEYRAND, Gérard. (1998) **Liberté, Egalité, Mixité... conjugales** : Une sociologie du couple mixte, Paris, Economica, Anthropos, Col. « Exploration interculturelle et science sociale ». 311p.

\_\_\_\_\_. (1998a) **Réflexions Préliminaires**. pp. XVII-XXX. In: PHILIPPE, Claudine; VARRO, Gabrielle; NEYRAND, Gérard. (1998) **Liberté, Egalité, Mixité... conjugales** : Une sociologie du couple mixte, Paris, Economica, Anthropos, Col. «Exploration interculturelle et science sociale». 311p.

PRADO, Danda. **O que é Família**. 3º ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. 93p.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. (1992) **O pesquisador o problema da pesquisa**. A escolha de técnicas: Algumas Reflexões – Testos 3, Ceru . 2ª Série. p.13 a 29

\_\_\_\_\_. (1991) **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: TA Queiroz

**Rapport sur les familles 2004**: Structures nécessaires pour une politique familiale qui réponde aux besoins. Office fédéral des assurances sociales: Joana Guldimann (direction du projet) e Office fédéral de la statistique: Christoph Freymond (direction du projet à l'OFS). Acesso em 28/09/2005 - [http://www.bsv.admin.ch/forschung/publikationen/familienbericht\\_f.pdf](http://www.bsv.admin.ch/forschung/publikationen/familienbericht_f.pdf)

RIBEIRO, M. (org.). **O Prazer e o Pensar**. São Paulo: Gente, 1999. v.1. 356p.

SAHLINS, Marshall.( 1997) **O "Pessimismo Sentimental" e a Experiência Etnográfica**: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). *Mana* 3 (1): 41-73. Tradução de DANOWSKI, Deborah e CASTRO, Eduardo Viveiro de.

\_\_\_\_\_.(1997) **O "Pessimismo Sentimental" e a Experiência Etnográfica:** por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte II). *Mana* 3 (2): 103-150. Tradução de DANOWSKI, Deborah e CASTRO, Eduardo Viveiro de.

SANTOS, Jair Ferreira dos. (1986) **O que é Pós-Moderno.** São Paulo: Brasiliense

SARTI, Cynthia A. **"Deixarás o teu pai e a tua mãe":** Notas para uma discussão sobre Lévi-Strauss e a família – UNIFESP. s/a

SERRURIER, Catherine. (1996) **O que é que há com nossos maridos?** São Paulo: Summus

SIMSON, Olga de Moraes Von. (1988). **Experimentos com Histórias de Vida** (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice. (Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais , v.5)

ROUTARD.COM. [http://www.routard.com/guide\\_carte/code\\_dest/suisse.htm](http://www.routard.com/guide_carte/code_dest/suisse.htm) - Acesso em 26/09/2005

SCOTT, Joan. (1995) **Gênero:** uma categoria útil para análise histórica. (Tradução: Recife: SOS/CORPO)

SCOTT, R. Parry. (2004) **Família, Gênero e Poder no século XX no Brasil.**

\_\_\_\_\_. (2003) *Patriarcalismo e Idéias salvacionistas.* pp. 227-244. In: SCOTT, R. Parry; ZARUR, George. (Org.) **Identidade, Fragmentação e Diversidade na América Latina.** Recife: Ed. Universitária da UFPE. 280p.

\_\_\_\_\_. (2001) Famílias sem Casais e a diversidade Conjugal no Brasil. In: **Interseções.** Revista de Estudos Interdisciplinares. Dossiê Comportamentos Familiares. Rio de Janeiro: UERJ, ano 3 n.2. p. 93-112

SCOTT, R. Parry; ZARUR, George. (Org.) (2003) **Identidade, Fragmentação e Diversidade na América Latina.** Recife: Ed. Universitária da UFPE. 280p.

SILVA RAMOS, Marcelo. (2000) Um Olhar sobre o Masculino: reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.) (2000) **Os Novos Desejos:** das academias de musculação às agências de encontros. Rio de Janeiro: Record. p. 41- 59

SOUSA, Francisco Antonio de. **Novo dicionário latino-português.** Porto: Lello & Irmão, 1984. 1114p.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva, (1987) **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas. 175p.

ULSON, Glauco. Ser homem nos dias atuais. In: BOECHAT, Walter (org). **O Masculino em Questão.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. p.72-80

VAITSMAN, Jeni. (1994) **Flexíveis e Plurais:** identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 203p.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. (2004) **Off Line**: livros on line de textos inéditos de 2004.

\_\_\_\_\_. (1996) **Gênero, masculinidade e poder**: Revendo um caso do Sul de Portugal. In: Anuário Antropológico 95, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. p. 161-189

VARRO, Gabrielle. (2003) **Sociologie de la Mixité**: de la mixité amoureuse aux mixités sociales et culturelles. Éditions Belin: Paris. 256p.

\_\_\_\_\_. (1998) **Critique Raisonnée de la Notion de Mixité**. pp. 1-31. In: PHILIPPE, Claudine; VARRO, Gabrielle; NEYRAND, Gérard. **Liberté, Égalité, Mixité... Conjugales**: une sociologie du couples mixte. Antropos: Paris, 1998. 311p.

\_\_\_\_\_. (1984) **La Femme Transplantée** : une étude du mariage franco-américain en France et le Bilinguisme des enfant. Lille : Presses Universitaires de Lille. 190p.

VARRO, Gabrielle; NEYRAND, Gérard. **Liberté, Égalité, Mixité... Conjugales**: une sociologie du couples mixte. Antropos: Paris, 1998. 311p

VERO, Judith. (2003) **Alma Estrangeira**: pequenas histórias de húngaros no Brasil, processos identitários. São Paulo: Agora. 175 p.

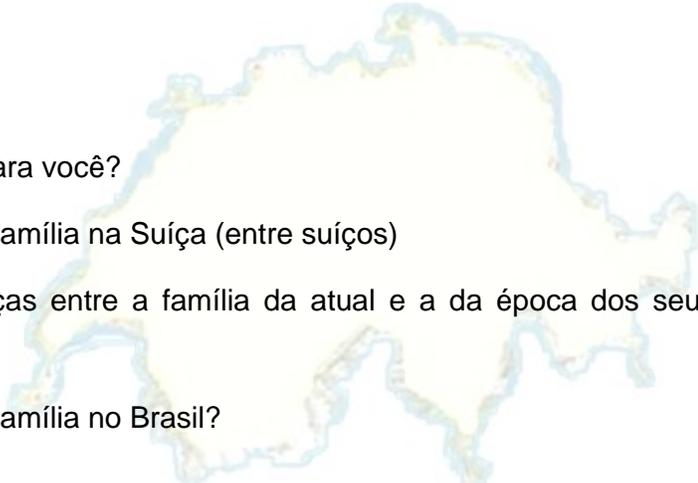
VON SIMSON, Olga de Moraes. (Org.) (1998) **Experimentos com Histórias de Vida**: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais. 195p.

WOORTMANN, Klaas. **A Idéia de Família em Malinowski**. XXIII Encontro Anual da ANPOCS GT Família e Sociedade. s/a

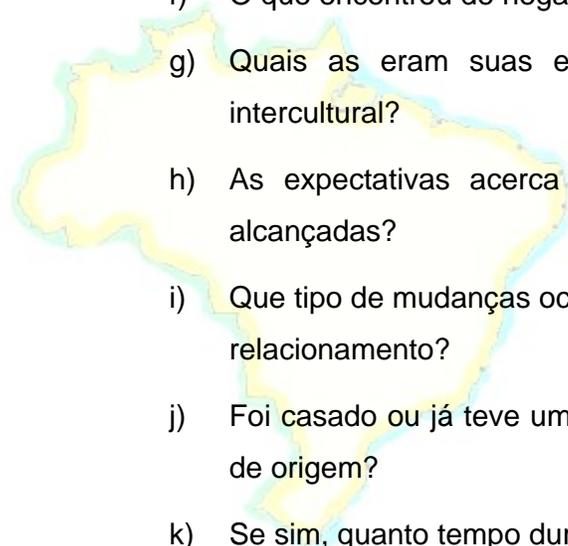


## ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS HOMENS

### 1. Família

- 
- a) O que é família para você?
  - b) Como percebe a família na Suíça (entre suíços)
  - c) Quais as diferenças entre a família da atual e a da época dos seus pais, seus avós?
  - d) Como percebe a família no Brasil?

### 2. Casamento

- 
- a) O que é casamento?
  - b) Como percebe o casamento na Suíça (entre os suíços)?
  - c) Como vê a mulher brasileira em relação à família e ao casamento?
  - d) Há quanto tempo dura seu casamento/relacionamento?
  - e) O que encontrou de positivo no relacionamento com alguém de uma cultura diferente?
  - f) O que encontrou de negativo nesta mesma situação?
  - g) Quais as eram suas expectativas em relação ao casamento intercultural?
  - h) As expectativas acerca do casamento foram ou estão sendo alcançadas?
  - i) Que tipo de mudanças ocorreram em sua vida a partir deste relacionamento?
  - j) Foi casado ou já teve um relacionamento com mulher de seu país de origem?
  - k) Se sim, quanto tempo durou?
  - l) O que provocou o fim deste relacionamento?

m) Qual a diferença entre ser casado com uma brasileira e com uma mulher de seu país de origem?

n) Por que não escolher uma mulher de seu país de origem, em seu casamento atual?

### 3. Emancipação da Mulher

a) Como vê a emancipação da mulher suíça?

b) Como vê a mulher brasileira em relação à emancipação?

### 4. O homem

a) O que é ser homem?

b) Qual o lugar que ocupa o homem na família atual?

c) Como definiria o papel do homem na sociedade atual?

d) Quais as diferenças nos papéis dos homens hoje e na da época de seus pais e avós?

### 5. Dados Sócio-Demográficos

a) País de origem:

b) Cidade em que reside:

c) Cidade em que se conheceram:

d) Seu nível de escolaridade:

e) Nível de escolaridade da esposa/companheira:

f) Sua profissão:

g) Profissão da esposa/companheira:

h) Sua idade:

i) Idade da esposa/companheira:

j) Seu estado civil:

k) Estado civil da esposa/companheira:

- l) Sua religião:
- m) Religião da esposa/companheira:
- n) Idade e sexo dos seus filhos do relacionamento/casamento anterior (se os tiver):

## 6. Turismo Afetivo

- a) Ao fazer Turismo no Brasil/Suíça já havia a intenção de formar família?
- b) Quantas vezes vêm ao Brasil por ano?
- c) Seu cônjuge vem junto?
- d) Qual a relação com a família de sua esposa?



## ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA AS ESPOSAS

Responda, o mais sinceramente possível, aos seguintes questionamentos.

### 7. Família

- a) O que é família para você?
- b) Como percebe a família na Suíça (entre os suíços)
- c) Quais as diferenças entre a família da atual e a da época dos seus pais, seus avós
- d) Como percebe a família no Brasil?

### 8. Casamento

- a) O que é casamento?
- b) Como percebe o casamento na Suíça (entre os suíços)?
- c) Como vê a mulher brasileira em relação à família e ao casamento?
- d) Há quanto tempo dura seu casamento/relacionamento?
- e) O que encontrou de positivo no relacionamento com alguém de uma cultura diferente?
- f) O que encontrou de negativo nesta mesma situação?
- g) Quais as eram suas expectativas em relação ao casamento intercultural?
- h) As expectativas acerca do casamento foram ou estão sendo alcançadas?
- i) Que tipo de mudanças ocorreram em sua vida a partir deste relacionamento?
- j) Foi casada ou já teve um relacionamento com um homem de seu país de origem?

- k) Se sim, quanto tempo durou?
- l) O que provocou o fim deste relacionamento?
- m) Qual a diferença entre ser casada com um suíço e com um homem de seu país de origem?
- n) Por que não escolher um homem de seu país de origem, em seu casamento atual?
- o) Filhos têm cultura dominante suíça ou brasileira? (Se os tiver)

### 9. Emancipação da Mulher

- a) Como vê a emancipação da mulher suíça?
- b) Como vê a mulher brasileira em relação à emancipação?

### 10. O homem

- a) O que é ser homem?
- b) Qual o lugar que ocupa o homem na família atual?
- c) Como definiria o papel do homem na sociedade atual?
- d) Quais as diferenças nos papéis dos homens hoje e na da época de seus pais e avós?

### 11. Dados Sócio-Demográficos

- a) País de origem:
- b) Cidade em que reside:
- c) Cidade em que se conheceram:
- d) Seu nível de escolaridade:
- e) Nível de escolaridade da esposa/companheiro:
- f) Sua profissão:
- g) Profissão da esposa/companheiro:
- h) Sua idade:

- i) Idade da esposa/companheiro:
- j) Seu estado civil:
- k) Estado civil da esposa/companheiro:
- l) Sua religião:
- m) Religião da esposa/companheiro:
- n) Idade e sexo dos seus filhos do relacionamento/casamento anterior (se os tiver):

## 12. Turismo Afetivo

- a) Ao fazer Turismo no Brasil/Suíça já havia a intenção de formar família?
- b) Quantas vezes vêm/vão ao Brasil/Suíça por ano?
- c) Seu cônjuge vem/vai junto?
- d) Qual a relação de seu marido com sua família?



This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.